



Thayná de Oliveira Cagnin Maia

**Geo-grafias em movimento:
questões de Gênero e Poesia
no/do Slam das Minas (RJ)**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio.

Orientadora Profa. Dra. Regina Célia de Mattos

Rio de Janeiro,
abril de 2023



Thayná de Oliveira Cagnin Maia

Geo-grafias em movimento:

questões de Gênero e Poesia
no/do Slam das Minas (RJ)

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Geografia pelo
Programa de Pós-Graduação em Geografia, do
Departamento de Geografia e Meio Ambiente da
PUC-Rio.

Profa. Regina Célia de Mattos

Orientadora

Departamento de Geografia e Meio Ambiente – PUC-Rio

Profa. Flavia Elaine da Silva Martins

Universidade Federal Fluminense

Prof. Gustavo Godinho Benedito

Departamento de Geografia e Meio Ambiente – PUC-Rio

Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Thayná de Oliveira Cagnin Maia

Graduou-se em Geografia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ-IM). Possui interesse temático nas áreas de Geografia Urbana, Epistemologia feminista com interesse nas discussões de direito à cidade e Questões de Gênero. Foi Bolsista do grupo Programa de Educação Tutorial – PET Geografia, Cultura e Cidadania: Diálogos de Saberes no Ensino de Geografia (MEC/SESu).

Ficha Catalográfica

Maia, Thayná de Oliveira Cagnin

Geo-grafias em movimento : questões de gênero e poesia no/do Slam das Minas (RJ) / Thayná de Oliveira Cagnin Maia ; orientadora: Regina Célia de Mattos. – 2023.

115 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2023.

Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Geografia e gênero. 3. Geografia corporificada. 4. Slam das Minas (RJ). 5. Apropriação do espaço. I. Mattos, Regina Célia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. III. Título.

CDD: 910

Agradecimentos

A minha família querida por todo amparo necessário para chegar até aqui. Obrigada pelos valores aprendidos, pelas possibilidades oferecidas e por todo cuidado recebido nessa trajetória.

A minha Avó Marcia, agradeço a acolhida e o refúgio recebidos essenciais para superar os momentos difíceis. Obrigada por ter sido tão especial!

A Maria Gabriela e Isabel, agradeço por todo amor e apoio recebidos. Sou muito grata por fazermos parte da mesma família. Chegar até aqui certamente só foi possível por todo amparo recebido. Agradeço por serem minhas verdades irmãs!

Ao meu companheiro Marcos, agradeço pela escuta atenta, pelo abraço apertado nos momentos difíceis e por todo amor que recebo cotidianamente. Obrigada por sempre acreditar nessa pesquisa, pelas palavras de apoio e pelo tempo disponível para frequentar os eventos. Essa pesquisa também só foi possível graças ao seu apoio incondicional.

Aos amigos Lara e Felipe, companheiros da pós-graduação, agradeço pelos momentos de partilha, pelas trocas fundamentais no percurso formativo e por tornarem esse ambiente mais familiar e seguro.

A minha orientadora Regina, agradeço por todo tempo oferecido, por todo trabalho realizado e pelas trocas no processo. Obrigada por acreditar no projeto, por tornarmos a pesquisa viável e pelos ricos aprendizados adquiridos pelo caminho.

Ao grupo de pesquisa LABORES, em especial para Juliana, Thamyres e Isabella, agradeço por todos os aprendizados compartilhados, pelo apoio mútuo e pelos momentos de acolhimento.

Agradeço aos Professores que aceitaram o convite de participar da banca examinadora, Prof. Dra. Elaine Martins, Prof. Dr. Gustavo Godinho, Prof. Dr. Jorge Barbosa. Desde já agradeço todas as contribuições a este trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Maia, Thayná de Oliveira Cagnin. Mattos, Regina Célia de. **Geo-grafias em movimento:** questões de Gênero e Poesia no/do Slam das Minas (RJ). Rio de Janeiro, 2023. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa dissertação tem por objetivo entender os sentidos e os efeitos políticos da participação feminina no *slam poetry* brasileiro, bem como expor e refletir sobre como essa forma de manifestação artística se relaciona com os espaços da cidade. O objetivo geral da reflexão situa-se no esforço de produzir uma leitura das apropriações do espaço urbano a partir dos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam das Minas* (RJ), tendo por intenção pensar as articulações possíveis entre os debates levantados pelo campo temático da geografia e gênero, com formas criativas de resistência na cidade. Busca-se com isso, alcançar um entendimento aproximado sobre como mulheres e pessoas LGBTQIA+ estão atuando politicamente, por meio da poesia falada (*spoken word*) e da união de seus corpos em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro através dos eventos de *Slam*.

Palavras-chave

Geografia e gênero; geografia corporificada; Slam das Minas (RJ); apropriação do espaço;

Abstract

Maia, Thayná de Oliveira Cagnin. Mattos, Regina Celia de (Advisor). **Geographies in movement: issues of Gender and Poetry in/of Slam das Minas (RJ)**. Rio de Janeiro, 2023. 115p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to understand the meanings and political effects of female participation in Brazilian slam poetry, as well as to expose and reflect on how this form of artistic manifestation relates to the spaces of the city. The general objective of the reflection lies in the effort to produce a reading of the appropriations of urban space from the events promoted by Coletivo Slam das Minas (RJ), with the intention of thinking about the possible articulations between the debates raised by the thematic field of geography and gender, with creative forms of resistance in the city. The aim is to achieve an approximate understanding of how women and LGBTQIA+ people are acting politically, through spoken word and the union of their bodies in public spaces in the city of Rio de Janeiro through Slam events.

Keywords

Geography and gender; embodied geography; Slam das Minas (RJ); space appropriation.

Sumário

1. Introdução	8
2. Inquietações de uma geógrafa em construção: a questão dos trabalhos de campo as potencialidades do/no Slam das Minas (RJ)	34
2.1. Relatos de uma geógrafa em campo.....	36
2.1.1. Relato de Campo: Ocupação Poética no Morro da Babilônia (30/10/21)	36
2.1.2. Relato de Campo: Ocupação Poética no Chapéu Manguêira (07/11/21)	40
2.1.3. Relato de um Não-Carnaval. Boulevard Olímpico, Região Portuária do Centro do Rio de Janeiro (02/03/22)	42
2.1.4. Relato de Campo: Oficina produção cultural em espaços públicos, Tijuca (09/04/22)	45
2.1.5. Relato de Campo: Sarau Comuna Deusa no Boulevard Olímpico (02/07/22)	49
2.1.6. Relato de Campo: Aniversário de 5 anos do Coletivo, Centro (09/07/22)	51
2.1.7. Relato de Campo “Flup 2022 – Festa Literária das Periferias: Maré de Periferias” (09/12/22).....	53
2.2. Mas afinal, o que é um Slam? Primeiras aproximações: Um movimento insurgente de caráter poético.....	57
2.3. Ativismo na cidade, insurgência e as ações do Coletivo Slam das Minas (RJ)	62
3. O cotidiano é o lugar da transformação através do corpo: táticas produtoras de espaços de insurgência por meio da arte	74
3.1. Costurando escalas: a geograficidade do cotidiano e as ações insurgentes.....	76
3.2. Notas sobre uma reflexão corporificada: por uma Geografia da diferença.....	83
3.3. Diálogos possíveis: leituras críticas do cotidiano a partir da produção artística do Coletivo Slam das Minas (RJ).....	88
4. Considerações Finais	99
5. Referências bibliográficas	109

Lista de figuras

Figura 1 - Evento Flup 2021 - Ocupação Poética no Morro da Babilônia.	36
Figura 2 - Comuna Deusa – a Kombi do Slam das Minas, Larguinho do Tomás (Morro da Babilônia).	37
Figura 3 - Ocupação Poética no Chapéu Mangueira.	40
Figura 4 - Convite Especial com Apresentação de Tom Grito	45
Figura 5 - Festival TriboQ Pride Festival.	49
Figura 6 - Convite Aniversário de 5 anos do Slam das Minas RJ Convite Aniversário de 5 anos do Slam das Minas RJ	51
Figura 7 - Edição final SLAM BR.	53
Figura 8 - Edição Final 2017 no Largo do Machado. Foto de Bléia Campos	69

1

Introdução

Quando criança, uma criança menina, lembro das inúmeras vezes que questionei as diferenças no tratamento que recebia de meus pais em relação ao meu irmão. Mesmo que a diferença de idade entre nós fosse bem pequena, percebia uma diferença na forma como erámos educados por nossos pais. E sempre ao questionar essas situações, recebia como resposta de meu pai “ele pode porque é menino!”. Lembro o quanto essa justificativa me causava ira. E ao longo de minha trajetória, mesmo que ainda tão jovem, comecei a perceber o quanto minha experiência de cidade muitas vezes era limitada por conta de um medo que sentia quando andava sozinha em determinados lugares e em horários específicos. Foi só a partir do encontro com as discussões levantadas pelas teóricas feministas sobre questões de gênero, que pude refletir sobre o quanto a socialização de meninos e meninas é, desde cedo, radicalmente diferenciada. Além disso, fui me dando conta do quanto as experiências e percepções dos lugares apresentam diferenças de acordo com o gênero que você se identifica e/ou é identificado. Questões que se complexificam ainda mais quando nos preocupamos também com a dimensão das racialidades.

Foi interessante descobrir no processo formativo que a ciência geográfica é capaz de e comporta muitas *Geo-grafias* tão diferentes do imaginário geográfico que trazia como bagagem dos tempos de escola. Tão acostumada a me deparar com reflexões situadas em macroescalas ou ausentes de sujeitos, nem nos sonhos mais distantes imaginava ser possível pensar que o corpo e suas diferentes relações com os múltiplos espaços também poderia ser um tema de interesse para a Geografia. Como sugere Joseli Silva (2009), identificar as ausências (em um campo disciplinar) é sempre o primeiro passo, e esse esforço deve ser seguido pelo questionamento e interrogação dos mecanismos produtores dessas situações de invisibilidade e ausências produzidas. Nesse sentido, o que a autora busca enfatizar é que por detrás dessas situações existem relações de poder muitas vezes encobertas e camufladas.

“O caminho se faz ao caminhar.” A frase que tantas vezes já ouvi na trajetória do tornar-se geógrafa. É oportuno destacar que quando falamos de um lugar que é o das ciências humanas, o ato de pesquisar vai sempre criando seus rumos e caminhos próprios. Esse é o momento em que me encontro. Quando submeti o

projeto à seleção de mestrado da PUC, era tímido o que poderíamos chamar de “inquietações sobre o estado em que as coisas se dão”. O projeto se assemelhava mais com uma descrição de uma ação e sua relação com o espaço, concebido como “acesso à cidade”, do que um problema a ser investigado. Tratava-se da discussão sobre a categoria “direito à cidade”, interesse que me acompanha desde a graduação. Quando essa pesquisa começou a ser pensada, o movimento encontrava-se orientado na busca de encontrar na realidade concreta exemplos que na minha concepção fossem percebidos como manifestações de ações, lidas pela ótica da categoria “direito à cidade”. Tratava-se de buscar, no real, exemplos que descrevessem minha ideia pronta do que essa categoria significava e podia comportar como significação.

Esta pesquisa parte de um pressuposto: trata-se da ideia de que a partir de um olhar atento para a dimensão do cotidiano, é possível reconhecer que mesmo diante do avanço da precariedade da vida, sinais de resistência surgem em meio ao asfalto cinza das cidades. São gestos que apontam o desejo e a esperança por uma outra configuração de amanhã. Sinais que nos revelam a dinâmica da produção do espaço, um sistema aberto para o novo e para as resistências criativas, apesar da força da dominação. Um meio e uma condição para a reprodução da vida, e apesar da aparência de caos permanente, são situações que apontam que os sentidos do futuro se encontram em disputa. Tal realidade nos permite pensar que, no acontecer do cotidiano, existem disputas políticas por outros usos e sentidos da cidade diante do que está posto.

O exercício de escrita aqui proposto tem como início as reflexões sobre as mulheres e a vida urbana junto à descoberta do feminismo na Geografia, ambas realizadas na Coletiva Vandana Shiva¹, a partir de 2015. A Coletiva é um grupo de pesquisa que me acompanha desde o início do caminho para tornar-me geógrafa. Em nossas primeiras reuniões, éramos apenas mulheres, discentes e docentes do curso de Geografia da UFRRJ (Campus Nova Iguaçu). Em nossos encontros semanais, nosso interesse poderia ser sintetizado com a frase: “como poderíamos pensar geograficamente, as questões levantadas pelos movimentos feministas?”. O interesse “coletivo” do grupo enquanto projeto pode ser apontado como um

¹ A COLETIVA reúne docentes e jovens discentes do curso de Geografia do campus de Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que desde 2015 vem pesquisando as geografias feministas em uma perspectiva decolonial e antirracista.

movimento que almeja repensar os modos de fazer geografia, ou *geo-grafia*, no sentido literal, a *grafagem* no(s) espaço(s) por outros sujeitos, diferentes do homem enquanto “sujeito universal” da história. À vista disso, esta pesquisa busca ser uma contribuição para um campo que tem reunido esforços na consolidação de uma ciência outra. Um projeto que tem como horizonte o esforço em criar pontes que viabilizem a criação de versões mais plurais e corporificadas das relações entre espaço, cultura, existência e cotidiano.

Quando escolhi pensar a espacialidade dos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas, não havia ainda leituras das discussões sobre a produção do espaço, muito menos o acesso às densas proposições desse tema pelo filósofo francês Henri Lefebvre. A leitura sobre as produções da discussão do “direito à cidade” também era muito superficial. Busquei encontrar a partir de uma leitura interesseira da obra “*O direito à cidade*” de Lefebvre (2001), o que o autor concebia como tal, na tentativa de assim alcançar a legitimidade a partir do acionamento de um autor que é referência nessas discussões.

O fenômeno “*Slam* das Minas” era concebido como exemplificação do que a luta pelo direito à cidade poderia ser. Essa categoria analítica, o “direito à cidade”, foi o tema de interesse que pesquisei no trabalho de monografia (Maia, 2019). Neste trabalho estava interessada em encontrar vestígios de formas de luta de mulheres *na e pela* cidade. Reivindicações políticas concebidas como sendo uma forma diferente daquela mais conhecida quando essa categoria é acionada, com frequência ligada aos debates sobre o acesso à moradia e a questão da urbanização excludente.

O título deste projeto de pesquisa era “*CARTOGRAFIA DA AÇÃO FEMINISTA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: MULHERES E LUTAS PELO DIREITO AO CORPO E À CIDADE*”. A ação em questão, não nomeada no título, eram as ações de apropriação dos espaços pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ), concebidas como manifestações na realidade próxima do que eu entendia como sendo ligadas ao movimento feminista. A escala geográfica de análise “cidade do Rio de Janeiro” se dava com naturalidade, uma banalidade associada ao lugar em que vivencio essa ação. Nem de longe poderia ser visto como uma questão de escolha do sujeito que pesquisa. A cidade aparecia como um recorte, como se fosse possível recortar um pedaço da realidade, olhá-lo com uma lupa para nele ver a comprovação de nossas teorias. Esforço esse que seria finalizado com o exercício de síntese, resumido na atitude de descrever o movimento de encontro com as

certezas concebidas. Mas a próprio dinamismo do real e a aproximação com o movimento nos posicionara para a necessidade de investigar as questões relacionadas à política do acesso à rua e ao debate sobre identidade.

Conheci o *Slam*, ou *poetry slam*, por meio de um vídeo que havia “viralizado” na rede social *Facebook*, ou seja, um conteúdo que estava sendo muito compartilhado em um curto período de tempo pelos meus “amigos” dessa rede. O vídeo tinha como título “VENCEDORA SLAM GRITO FILMES 2017 ‘GABZ’”². Tratava-se da apresentação de uma jovem em meio a Praça Mauá, área central da cidade do Rio de Janeiro, numa espécie de círculo formado pelos corpos que ali se encontravam. A poesia-denúncia de Gabrielly Nunes - ou Gabz, como se denomina -, pode ser descrita como uma ação que buscava romper com o silenciamento imposto para questões como o sexismo, o racismo e a objetificação das mulheres negras.

Gabz é uma mulher jovem, negra, atriz, cantora e *slammer*³. Quando o vídeo “viralizou”, possuía apenas 18 anos e sua participação enquanto *slammer* era bem recente. Em uma matéria publicada no site da Agência de Notícias das Favelas – (ANF) sobre o evento em questão, Gabz diz que sempre escreveu poesias, mas não se apresentava nos *Slams*, apresentados aqui em um primeiro momento como sendo “eventos de batalhas de poesias autorais”, por considerá-los como sendo muito pessoais, com versos marcados de sua vivência enquanto mulher negra e periférica (Santos, 2017). Gabz relata o significado do *slam* e de sua potência, e o concebe como uma plataforma que a permitiu descobrir diversos aspectos de sua vida. E ressalta as emoções que essa prática desperta nela, pelo reconhecimento de ser ouvida, algo que diz ser muito forte, notadamente pela dimensão da identidade a qual se identifica e é identificada.

Os versos da poesia de Gabz me chamaram muito a atenção pela potência das críticas contidas em seu discurso. Os gestos de seu corpo, bem como o tom de sua voz, se alteravam durante sua apresentação, e tal como um palco, seu corpo encenava e performava diversas emoções. Um discurso vibrante capaz de provocar múltiplas sensações ao público. Para um país que vive sob a negação de seu passado

² Ver: Vencedora, 2017.

³ Nome dado à(s) poetas que praticam poesia de *slam*. Uma espécie de poesia falada que alia performance e diferentes entonações em suas apresentações. Também chamada de poesia periférica, esta mediação questiona os limites da poesia apenas como forma escrita, bem como seus modelos eruditos de representação.

colonial, e estruturado em mitos que glorificam e romantizam a miscigenação, o conteúdo do discurso da poesia de Gabz não é só necessário, como também urgente.

Preocupada em ter responsabilidade tanto com as/os autoras(os) com os quais busco me apoiar para caminhar e com aquelas(es) que farão a leitura dessa reflexão, este texto tem como horizonte analítico pensar as possibilidades de articulação entre questões de gênero, geografia e formas criativas de resistência e ação política. O nexos entre teoria e prática tem como sustentação um evento produtor de espaço/espacialidades - trata-se da ação de apropriação de espaços públicos da cidade, promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas.

O coletivo de artistas independentes tem a arte como uma mediação para suas ações políticas na cidade. Por meio dessa ação intencionada, busca-se a construção de espaços seguros para o desenvolvimento da potência artística feminina, bem como constituir-se como um lugar frutífero para pensar sobre o mundo e como nos localizamos nele. Esta escrita, que também é uma tentativa, tem como desejo a viabilização da construção de outras formas de narrar a vida na metrópole, tendo a arte o papel de ser um *gesto-fio*, nos termos de Ana Clara Torres Ribeiro (2000), capaz de permitir tecer diálogos criativos entre geografia, cultura, existência e cotidiano.

A justificativa pela escolha de pensar a espacialidade das ações do Coletivo *Slam* das Minas está no fato de concebê-las como práticas que sinalizam que, mesmo diante do avanço da precariedade da vida, pequenos sinais de insurgência surgem no cotidiano, esse espaço que para alguns se assemelha a um eterno caminhar sob uma corda bamba. Essa ação nos permite tecer diálogos com a leitura de espaço/espacialidade proposta por Doreen Massey e Milton Keynes (2004) em suas proposições de uma política progressista sobre o espaço. Trata-se de conceber o espaço como um sistema aberto, sempre no processo de devir, apontando sobre a possibilidade de transformação, além de ser um produto de inter-relações, desde a imensidão do global até o local. Uma concepção que aponta para o sentido relacional das identidades, questão que nos interessa.

Por meio da arte, é possível encontrar ações que sinalizam para o anseio de criação de outras formas de narrar a vida urbana e seus problemas. Falamos aqui de uma representação criativa dos anseios e das angústias cotidianas materializadas a partir das poesias apresentadas nos eventos organizados pelo Coletivo *Slam* das Minas. Essa poesia falada (*spoken word*), praticada nos eventos de *Slam*, almeja

transcender os limites da escrita e buscar apoio na performance do corpo para levar ao público a mensagem que se quer comunicar. O Coletivo tem como horizonte de luta a construção de espaços seguros para o desenvolvimento da potência artística feminina, bem como constituir-se como um lugar frutífero para pensar sobre o mundo e como nossos corpos estão situados. Essa ação pode ser lida enquanto uma utopia que aponta para a reivindicação de um modelo de sociedade radicalmente diferente deste que está posto. A escolha desse fenômeno para o exercício investigativo tem como motivação central a busca por analisar o que chamaremos de uma “política das ruas”, uma ação que nos inspira a pensar a produção do espaço no sentido de “tornar o impossível possível”, nos termos de Lefebvre (2001) a partir da união de corpos em resistência.

Para além das motivações pessoais, que podem ser resumidas na admiração de uma ação insurgente que busca a um só tempo ser um meio profícuo de denúncia das dores do cotidiano, mas também ser esse *locus* para falar de amor e construir sentidos positivos às identidades marginalizadas. As ações de apropriação do espaço promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas sinalizam para um problema complexo e de longa duração: trata-se do controle sobre os corpos, com suas formas sempre atualizadas de efetivação. Nesse sentido, as ações do coletivo enquanto *práxis* nos orientam a pensar a luta por direitos e a ampliação do controle sobre os corpos.

Os índices alarmantes de violência contra mulheres no geral, mulheres negras em específico, homens negros, principalmente na fase da juventude, pessoas LGBTQIA+ no contexto brasileiro, que se conjugam à luta por direitos que vêm sistematicamente sendo perdidos, justificam a escolha por uma análise que tem como preocupação central a ampliação do controle sobre os corpos de formas cada vez mais complexas na contemporaneidade. O que reúne esses sujeitos tão plurais na leitura de cotidiano aqui ensaiada, é uma condição social compartilhada e injusta, que permite uma forma provisória e plural de coexistência, como propõe Judith Butler (2018), em seu livro *Corpos em aliança e a política das ruas*.

A escolha de pensar a espacialidade das ações do Coletivo *Slam* das Minas encontra-se na necessidade de dar visibilidade em outros espaços, como o da produção científica acadêmica, de práticas que sinalizam para a produção de conhecimento em outros lugares para além daqueles institucionalizados e legitimados, em formatos outros, com ênfase na oralidade e no saber adquirido a

partir de uma perspectiva crítica de questionar a ordem das coisas. O que estamos reivindicando é que as apropriações do espaço promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas são formas de ação política, não só culturais, constituindo-se como espaços de formação política, atentos às reivindicações postas por dois movimentos sociais em questão: o Movimento Negro e o Movimento Feminista.

A preocupação em refletir sobre o controle dos corpos nos leva para um problema central: trata-se do pressuposto de que os sujeitos corporificados ao vivenciar o espaço - que é dinâmico, produzido socialmente e repleto de relações de poder -, terão múltiplas experiências espaciais determinadas/delimitadas pela sua corporeidade. E é preciso pontuar que a vivência urbana é radicalmente diferente entre homens e mulheres e bastante mais difícil para mulheres negras, homossexuais, pessoas trans e/ou habitantes de periferias, sujeitos esses que sentem com mais frequência os impactos de um padrão de urbanização excludente e patriarcal (Oliveira, 2019). Este modelo tem como orientação uma lógica específica: trata-se de um dispositivo de poder, em termos foucaultianos (Foucault, 2005), que cria uma hierarquização de vidas e corpos, fundamental para sua sustentação enquanto sistema exploratório. O controle sobre os corpos tem se ampliado, questão essa que justifica nossa escolha pelo aprofundamento de leituras corporificadas na Geografia. Nesse sentido, o problema de pesquisa nos aponta para um caminho analítico, que é justamente a necessidade de pensar as questões de gênero e a dimensão das racialidades a partir do cotidiano enquanto categoria analítica.

Tratando-se daquilo que pode ser concebido como problema de pesquisa, é preciso sinalizar que sua formulação passou por momentos de elaboração. Assim, dei muitas voltas até encontrar o caminho pelo qual gostaria de conduzir esse pensamento. Até que a partir de uma experiência em questão, tive o despertar para um problema. O problema são as manifestações da busca pelo controle dos corpos que são vistos como *corpos marcados* e com isso, tem suas experiências espaciais delimitadas e com frequência, restringidas. Nesse sentido, as motivações para pensar as relações entre os papéis sociais e de gênero junto a dimensão racial, e como essa dinâmica se espacializa, tiveram como ponto de partida as inquietações provocadas pelo reconhecimento de uma mobilidade restringida.

Essa percepção do espaço, que mencionamos acima, é permeada pela sensação de medo. Essa emoção pode surgir ao circular em determinados espaços

quando o sujeito em questão carrega determinadas marcas corpóreas. Refiro-me aqui à situação de ocupar um corpo que possui marcadores do sexo feminino, num contexto espacial que tem presente os resquícios e resíduos da construção histórico-social marcada pelas estruturas do regime de dominação patriarcal. Entretanto, cabe pontuar que essa dinâmica se complexifica quando acrescentamos outros marcadores identitários, tais como a dimensão das racialidades ou das sexualidades. Em termos mais elucidativos, trata-se da permanência e de suas formas sempre atualizadas de hierarquização de corpos e de vidas por meio de dispositivos de poder que se articulam através de princípios de dominação/exclusão/hierarquização, como discutido por Renato Emerson dos Santos (2022).

Assim, reconhecer a existência dessa matriz social, expressada a partir do racismo e do sexismo, implica num processo de conscientização ativa dos sujeitos. Demanda um reconhecimento de que, para alguma mudança acontecer, é preciso que nos reconheçamos minimamente enquanto agentes na luta pelo desmantelamento de hierarquias sociais e econômicas. Se assumirmos um compromisso político de que a sociedade deve ser transformada, faz-se necessário que nossas ações tenham como horizonte de luta uma distribuição equitativa dos privilégios que se encontram concentrados nas mãos de poucos.

Ainda, sabe-se que toda experiência humana é simultaneamente corporificada e espacializada. Entretanto, existem grupos específicos de pessoas que pouco ou quase nada sentem o peso de sua corporeidade. E numa sociedade que valoriza a branquidade, a masculinidade e a heterossexualidade, reconheço que meu corpo, pela sua condição de branquitude, usufrua de muitos privilégios em diversas situações. E é muito comum pessoas privilegiadas não se sentirem responsáveis pelas desigualdades sociais e econômicas. Não somos responsáveis pelas características corporais que nascemos, mas existindo em uma sociedade permeada por uma matriz de poderes que articulados, “determinam posições de privilégios e prejuízos assimetricamente distribuídos socialmente” (Silva; Ornat, 2020, p. 11), temos a escolha de caminhar em prol do desmantelamento das estruturas institucionais de dominação, ou agir em prol da manutenção do *status quo*.

Nesse sentido, como discutido por Joseli Silva e Marcio Ornat (2020), o corpo é um dos elementos mais importantes para a constituição de identidades, bem como constitui-se como o primeiro espaço que ocupamos e construímos ao longo de nossa

jornada. Como bem nos lembra Lefebvre (1974), antes mesmo de produzir espaço, ou efeitos na esfera material, todo corpo vivo é espaço. Desse modo, o corpo é uma escala espacial por excelência (Smith, 2000; Silva; Ornat, 2020). Sempre relacional, é justamente a partir da leitura social dos corpos que as pessoas são posicionadas socialmente e economicamente e, ao nascer, situamo-nos numa organização social de valorização hierárquica de padrões de beleza, inteligência, formas de ocupação e outros atributos que não dependem de nós. Faz-se necessário compreender que o problema não reside nas características dos corpos em si, mas sim, na forma desigual e hierárquica como a sociedade os valoriza.

Ainda que meu corpo pela sua condição de branquitude usufrua determinados privilégios em diversas situações, a corporeidade feminina pode me colocar na situação de margem na teia das relações de poder, que são inerentes do tecido social. É nesse sentido que Massey (2000), em seu texto *Um sentido global do lugar*, levanta apontamentos que apresentam a insuficiência de condicionar apenas à categoria classe como lente analítica para pensar a experiência espacial dos sujeitos. A autora, ao olhar para a mobilidade das mulheres, aponta para o fato de que nossa mobilidade sofre restrições de inúmeras maneiras diferentes, em virtude das violências físicas as quais o corpo feminino pode vir a ser vitimado.

O que queremos argumentar aqui é que o medo de ser vítima de uma opressão ou de situações de violência em potencial é sentido no corpo, e a partir disso gera mudança nas ações, nos comportamentos, nos gestos e até mesmo no modo de comunicação dos sujeitos. Como discutido por Linda McDowell (2000), o corpo não pode ser concebido como sendo uma entidade fixa, finalizada, mas sim maleável e flexível, passível de adotar inúmeras formas de acordo com as situações, compondo assim várias geografias. Em diálogo com as formulações de Neil Smith (2000) sobre escala, apontamos para a escala do corpo, como escala geográfica primeira. Sendo ele, o corpo, o modo e o meio como nos relacionamos com diversas outras escalas, tais como a do bairro, da cidade ou do país. E é a escala do corpo que define o lugar de nossas identidades pessoais, como afirma o autor. Desse modo, é a partir do corpo que construímos nossas percepções espaciais, e a questão da existência se coloca como um problema que demanda ser teorizado.

Nesse sentido, a metáfora do peixe e sua percepção adquirida a partir da mudança do seu lugar comum sempre nos parece bem-vinda quando objetivamos falar de diferença. Ele, o peixe, só percebe a singularidade do lugar onde se encontra

quando é submetido à mudança de ambiente, aí sim, percebe-se estando dentro d'água. Se buscássemos explorar ainda mais esse ambiente - ou espaço, como preferirmos -, poderíamos dizer que a questão central é sobre diferença. Experimentar o encontro com a diferença abre brecha para uma série de possibilidades a partir de como ela será percebida entre as partes envolvidas. Curiosidade, estranheza, medo, encantamento. Essas são algumas das *n* reações possíveis. Mas não se trata sobre a diferença em si. O ser diferente. O que nos chama a atenção é a diferença posta como um problema. Ou melhor dizendo, a construção do *Outro*. O caminho escolhido para essa reflexão tem como uma de suas preocupações centrais a dialética “O sujeito e o Outro”, a partir das investigações de Grada Kilomba (2019) sobre o racismo cotidiano. Essa dialética mencionada acima aponta para um movimento que a um só tempo possui uma complexidade rica de aberturas analíticas e demanda seriedade devido ao seu dinamismo e à pluralidade de elementos envolvidos.

É nesse sentido que enxergamos como urgente a prática de contribuir com o debate sobre as dimensões e a geograficidade do racismo e do sexismo enquanto estruturas de dominação/hierarquização/exploração que orientam as experiências dos sujeitos com os espaços e lugares na sociedade brasileira. O caminho escolhido apresenta consigo, a um só tempo, sua complexidade e suas múltiplas dimensões e representações. Assim, pensar o problema do racismo e do sexismo tem de ser o nosso ponto de partida se temos como horizonte de utopia uma sociedade radicalmente diferente desta que está posta. E como tem sido colocado por autores alinhados à crítica decolonial, o mecanismo a ser investigado é a colonialidade do poder e sua lógica de hierarquização dos corpos (Quijano, 2005; Grosfoguel, 2010), a partir do lastro deixado pelos séculos de dominação imposta pelo regime colonial escravocrata.

Com efeito, em função das históricas opressões presentes nas raízes dessa sociedade capitalista na qual vivemos, a apropriação e a vivência do espaço se dão de maneira desigual e hierárquica - este sendo um dos alicerces na qual essa reflexão se ancora. Assim, temos como premissa a ideia de que essa estrutura tem como resultado uma experiência de mundo marcada por situações de opressão, submissão e injustiças sociais. O que se argumenta é que os sujeitos corporificados ao experienciar o espaço, que é dinâmico e repleto de relações de poder em disputa,

terão múltiplas experiências espaciais determinadas/delimitadas pelo seu corpo (Silva, 2009) e se faz necessária uma geografia corporificada (Oliveira, 2019).

Nesse sentido, a reflexão que se pretende construir aqui situa-se no esforço de produzir uma leitura sobre a dimensão política e os sentidos das apropriações do espaço, a partir da escala de ação do Coletivo *Slam* das Minas (RJ), em diálogo com as proposições sobre produção do espaço no pensamento de Lefebvre (1974). A ideia é estabelecer um diálogo entre os autores a partir dos debates sobre uma imaginação geográfica comprometida com uma política progressista, a fim de pensar a construção das identidades, os sentidos da ação e a dimensão territorial nos eventos promovidos pelo Coletivo. O corpo e a corporeidade são concebidos como escala de observação e análise que nos permitem refletir sobre o controle dos corpos, além da possibilidade de pensar sobre as formas alternativas de resistência no cotidiano.

Desta maneira, o **nosso objeto de análise** são as ações de apropriação de espaços promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ), que são compreendidas enquanto táticas de resistência cultural promovidas por corpos em luta. As ações produzidas pelo Coletivo articulam ressignificação de espaços, reivindicação política e práticas artísticas que são a um só tempo queixas e exigências.

No que tange ao **objetivo principal** desta pesquisa, trata-se de demonstrar como a arte e a palavra vem sendo mobilizadas de forma política por mulheres e pessoas trans através da união de seus corpos e de performances poéticas nos espaços públicos. Tal objetivo se desdobra em três **objetivos específicos**: 1) investigar a escala geográfica das ações promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ) para pensar sua materialidade, os sujeitos envolvidos e a extensão de suas práticas espaciais, junto ao exercício de pensar os horizontes de luta do movimento; 2) compreender, através da produção artística de integrantes do Coletivo *Slam* das Minas (RJ), como são produzidas leituras críticas do cotidiano, tendo como pressuposto a cotidianidade como *lócus* onde a precariedade da vida é sentida, mas sendo também o local profícuo para ações insurgentes; 3) contribuir com o movimento teórico de valorização do corpo em geografia, junto ao exercício de pensar a relação entre sujeito e agência enquanto capacidade de resistência e ação política.

Dessa forma, a **questão central** deste trabalho é: por que o Coletivo *Slam* das Minas se apropria de espaços públicos da metrópole? Uma segunda questão de

caráter mais descritivo e investigativo é também: como essas apropriações são produzidas na rua? Espaço esse que se configura como materialidade e escala de ação do movimento.

Assim, tendo por inspiração uma abordagem lefebvriana, o foco do nosso olhar tem como farol a vida cotidiana. Tal como nos orienta as discussões de Silvia Ortigoza (2010) e José de Souza Martins (1996) sobre o movimento do pensamento em Lefebvre, a leitura do fenômeno divide-se em momentos-movimentos. O caminho percorrido deve-se partir da materialidade, com visitas ao passado na busca por encontrar as relações que dão sustentação ao fenômeno e ter como horizonte as virtualidades e possibilidades que ainda não se cumpriram. Assim sendo, as dimensões do passado, do presente e as virtualidades devem coexistir na análise ou, nos termos de Lefebvre (1991, p. 107), “o passado, o presente, o possível não se separam”. Desse modo, nosso esforço parte de um olhar para ações criativas no cotidiano, materializadas aqui pelas apropriações do espaço pelo Coletivo *Slam* das Minas, que nos ajudarão na busca por elucidar as “queixas e exigências” que se materializam nos discursos produzidos pelas poetas do Coletivo. E mirando o futuro enquanto um espaço-tempo em construção, essas ações políticas nos permitem tecer aproximações sobre as potencialidades da politização do cotidiano por meio da poesia feita e performada com o corpo.

Em termos mais gerais, essa reflexão parte da adoção de uma perspectiva de análise que compartilha das críticas de uma abordagem feminista à ciência. Grosso modo, falamos de uma argumentação que aponta para os limites do sujeito genérico, universal e descorporificado, fruto do paradigma da modernidade. Esse paradigma opera em conjunto a uma lógica que privilegia a razão em termos de método e relega às margens a emoção. Nesse sentido, uma geografia existencial (Santos, 1996) e corporificada (Oliveira, 2019) aparecem como uma perspectiva teórico-metodológica.

Desta forma, o que estamos propondo aqui é elucidar um movimento do pensamento que tem como uma das características a escolha por uma geografia preocupada com a questão dos sujeitos. A aposta que se faz aqui reside nas potencialidades de pensar a questão do sujeito e suas possibilidades de agência, tendo por inspiração as reflexões acerca do tema propostas por Butler (2004; 2010). Nesse sentido, interessa-nos a questão do seu surgimento enquanto objeto de interesse para as reflexões no campo das humanidades, bem como sua

complexificação com o movimento que aqui estamos nomeando como a atitude de “corporificar” o sujeito - grosso modo, trata-se da qualificação do sujeito. Ademais, a finalização do caminho investigativo busca apontar para as possibilidades de resistência/agência do sujeito. No que tange à sua capacidade de agência, a nosso ver, é permitida a construção de uma brecha a fim de tecer diálogos entre a discussão teórica e o nosso objeto analítico.

Começamos com um resgate de perspectiva histórica na tentativa de aproximação da emergência do sujeito como alvo de reflexões. Elias de Lopes Lima (2014), em sua tese de doutoramento, apresenta pistas sobre o que ele chama de “Encruzilhadas Geográficas”, em referência aos diversos caminhos pelos quais podemos pensar a questão do sujeito em geografia e sua relação com a atividade prática.

Lima (2014) investiga o sentido etimológico da palavra sujeito, advinda do latim *subjectus*, que significa “situado abaixo”. A derivação em sua forma adjetiva “estar sujeito” ou “sujeitado” tem como significado a subordinação. Nos dicionários de língua portuguesa, sujeito é o indivíduo indeterminado e inominável, isto é, cujo nome não se pronuncia (Houaiss, 2009; Ferreira, 2004 apud Lima, 2014).

Segundo o autor, “sujeito” na antiguidade clássica era utilizado como referência aqueles que executavam a atividade prática escravo-servil, ainda que esse sujeito compareça como um objeto indeterminável. A sujeição da atividade prática, pensada enquanto trabalho, no sentido ordinário, enquanto transformação da natureza a fim de atender as necessidades do homem, por ser dependente das faculdades sensíveis e das coisas, era considerada como indigna de homens livres. Nesse sentido: “os homens livres só podem viver [...] no ócio, entregues à contemplação ou à ação política, [...] como cidadãos da pólis, deixando o trabalho físico – justamente por seu caráter vil e humilhante – nas mãos dos escravos” (Vázquez, 2007, p. 38 apud Lima, 2014, p. 255).

Cabe salientar, como aponta Lima (2014), que a instituição da escravidão na antiguidade não teve como finalidade primeira a obtenção do lucro e a ampliação de riquezas a partir da obtenção de mão-de-obra barata, como no contexto da colonização das Américas. Tratava-se de uma tentativa de excluir o labor das condições de vida humana de uma parcela privilegiada da sociedade grega antiga. Um outro ponto que também é mencionado pelo autor, é justamente sua preocupação com o caráter generalizante e universalista dessa perspectiva em

relação ao sujeito, apontando ser um tanto “arbitrária”, mas ainda assim ser possível afirmar: “a atividade prática escravo-servil como um índice de referência para qualificar o sujeito na antiguidade” (Ibid., p. 256).

Como as discussões do autor nos apontam, data-se a emergência do sujeito enquanto entidade alvo de reflexões no alvorecer da modernidade, com o antropocentrismo renascentista e a razão iluminista. Pelo seu caráter depreciativo na antiguidade, a noção de sujeito não era uma problemática de preocupação por parte dos filósofos e pensadores clássicos, segundo o autor. Entretanto, cabe ressaltar, como aponta o autor, que não há propriamente um ato fundador do sujeito ou um marco constitutivo que responda pela sua maior evidência. Mas, o que se pode afirmar, com base em suas análises é que “o sujeito como atributo da liberdade, da autoconsciência, da vida contemplativa parece ser um conceito moderno por excelência” (Ibid., p. 256).

Não é nosso objetivo aqui fazer uma análise histórica da emergência do sujeito. Nos interessa, entretanto, pensar que sua maior ênfase resguarda uma ambiguidade característica, que é justamente o fato de a problemática do sujeito se revelar com maior aparência enquanto suas condições de vida e a possibilidade de explorar suas potencialidades enquanto humano genérico são cerceadas pelo desenvolver das relações capitalistas de produção. É nesse sentido que Lima (2014) vai apontar para o capital enquanto relação histórica responsável pelo surgimento do sujeito e responsável por sua supressão, trata-se da noção de sujeito autoconsciente, cujo núcleo conceitual reside no ideal de liberdade.

Esse ideal de liberdade em relação ao sujeito, enquanto consciência de si, do eu, pessoa, é o símbolo da razão iluminista, segundo Lima (2014). Fruto das revoluções burguesas, notadamente a Revolução Francesa, trata-se, segundo o autor, de um ideal de liberdade com a sua hipostasiação a um princípio universal, tendo como marca a instauração dos “direitos universais”, a declaração universal dos direitos humanos. A problemática dos direitos universais reside no fato deste ser um simulacro que por vezes se vê limitado à abstração, ao caráter individualista e a assegurarem tão somente os valores burgueses, como aponta a crítica de Karl Marx em *Sobre a questão Judaica* (2010). Desse modo: “a emancipação política da revolução representada nas declarações seria, na verdade, a emancipação do indivíduo privado, independente e possessivo, distinto do cidadão” (Paes, 2012, p. 70-1).

A crítica feita por Marx (2010) a esse sujeito abstrato dos direitos universais reside no fato de serem a representação dos valores de um sujeito específico, o sujeito burguês. E por não garantirem a possibilidade do sujeito corporificado, enquanto externalização das qualidades criativas do homem, ser uma realidade em virtude do cerceamento de suas potencialidades enquanto humano genérico pelo desenvolver da propriedade privada e da alienação do trabalho (Mészáros, 2017). Nas palavras do autor:

nenhum dos assim chamados direitos humanos transcende o homem egoísta, o homem enquanto membro da sociedade burguesa, a saber, como indivíduo recolhido ao seu interesse privado e ao seu capricho privado e separado da comunidade. Muito longe de conceberem o homem como um ente genérico, esses direitos deixam transparecer a vida do gênero, a sociedade, antes como uma moldura exterior ao indivíduo, como limitação de sua autonomia original. O único laço que os une é a necessidade natural, a carência e o interesse privado, a conservação de sua propriedade e se sua pessoa egoísta (Marx, 2010, p. 50).

Dessa maneira, esse sujeito moderno, situado no contexto da Europa no século XVIII, é o sujeito “livre”. Mas essa liberdade não condiz com sua emancipação, mas sim trata-se da liberdade das amarras do senhor feudal. Encontra-se separado dos meios de reprodução de sua existência e se encontra “livre” para vender sua mão de obra por meio da autoalienação e da transformação do seu corpo em mercadoria (Mészáros, 2017). Como discutido por Lima (2014, p. 262) sobre a relação entre a acumulação primitiva e a questão do sujeito:

O sujeito surge, isto é, torna-se um fenômeno inteligível quando as qualidades criativas dos homens e mulheres passam a ser paradoxalmente ocultadas por uma miríade de aparelhos disciplinares e normativos como dispositivos que endossam o ideal natural de liberdade firmado pelo contrato social.[...] Paradoxalmente, o advento do trabalho livre repercute na instauração de um sujeito passivo, sujeitado, impedido de expandir seus poderes criativos, que ao largo de sua subjetividade se situa na posição oposta e até subordinada à objetividade em sua volta.

Desta forma, podemos concluir do que pode ser nomeado como a “emergência do sujeito” enquanto indivíduo autoconsciente, representante do ideal de “homem livre”, é que sua aparência ou ênfase se dá justamente num período em que se intensificam as intervenções de um aparelho disciplinador por parte dos poderes do Estado Moderno, tendo como projeto a criação de um sujeito passivo, subordinado, que se encaixe com maestria à racionalidade da expansão do modo de produção capitalista. Essas questões, junto ao aliciamento de novos atores sociais como força de trabalho, são apontadas por Lima (2014) como uma conjunção de

fatores que permitiram e demandaram ao pensamento intelectual o desdobramento do sujeito como um problema de ordem epistemológica.

Élvis Ramos e Patrícia Milani (2022), no artigo “*O corpo fora do lugar: de uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos*”, estão preocupados em sistematizar e apontar para as vicissitudes, no que tange às abordagens das pesquisas geográficas, apontando para uma tendência: uma Geografia preocupada com a escala do corpo. Trata-se do movimento que pode ser nomeado como uma virada cultural e espacial de uma geografia do singular para uma geografia do plural. Um salto entre análises centradas nos indivíduos “homogêneos” para o alcance dos sujeitos sociais corporificados, com suas complexidades, diversidades e aberturas sob múltiplas interseccionalidades e sociodiversidades.

Nessa trilha histórica percorrida, a argumentação dos autores vai ao encontro das reflexões de Lima (2014), que destaca que o sujeito ficou durante muito tempo fora de lugar na Geografia. Ramos e Milani (2022) apontam para o fato de que durante a maior parte do século XX, o que predominou foi uma geografia incorpórea, preocupada com as sínteses populacionais, regionais e econômicas, ligadas ao planejamento estatal e às regionalizações enquanto horizonte instrumentalista. Os autores citam o exemplo no campo da Geografia das Populações, como o uso de adjetivos gerais (absoluta, relativa, urbana, rural, etc.), como tentativa de compreender as diferenças entre os grupos em sua vida social e espacial. Esse saber-fazer está em consonância ao que Maria Laura da Silveira (2006) aponta como epistemologia da extensão, o movimento do pensamento no qual a ciência geográfica tinha como característica central a preocupação demasiada com as formas, análises em macro escalas, além da distância e como superá-la.

Como apontam Ramos e Milani (2022), essa “objetividade incorpórea” resultou em um avanço científico por ter permitido a conquista de um caráter mais sistemático aos estudos geográficos, com ênfase sobretudo nas questões de grandes escalas (nacionais e regionais). Entretanto, o resultado da obra teve como marca “a subcategorização do cotidiano e das corporeidades, ou a redução da vida social e suas escalas a subprodutos dos assuntos estruturais mais amplos, sobretudo econômicos” (Ibid., p. 9). Por outro lado, como apontam os autores, a questão da corporeidade desde o início do século XX já era discutida em outros campos das ditas ciências sociais, entretanto, tal questão se apresentou com pouca ou nenhuma

permeabilidade na ciência geográfica, como vem apontando os trabalhos e discussões da geógrafa feminista Joseli Silva (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019).

O reconhecimento de um tecido socioespacial integrado e sobreposto de diversas formas de expressividades e interações, tendo o corpo como parte constituinte das espacialidades, só aconteceu nas últimas décadas do século XX (Ramos; Milani, 2022, p. 9). É nesse sentido que os autores vão apontar para a efervescência de um movimento do pensamento concebido como virada espacial e cultural na geografia - grosso modo, fala-se da transposição de diversas correntes teóricas, agendas políticas e pautas de movimentos sociais, que desde os anos 1960, obtiveram destaque no Ocidente. As lutas de maneira geral tinham como nexos o horizonte de emancipação política, cultural, racial e sexual. Com destaque também para movimentos contraculturais, ecológicos e urbanos. Os autores em questão ressaltam que o que parecia com maior evidência na leitura desses movimentos era o fato das tradicionais cosmovisões e dicotomias já não darem conta de fornecer explicações das reivindicações dos novos atores sociais na sociedade, sejam eles reformistas ou radicais. É nesse sentido que ressaltam a questão das mudanças provocadas no fazer geográfico:

A geografia não ficou imune a essas pressões e movimentos, houve uma revisão nos seus métodos, temas e abordagens. Ela voltou a se aproximar do cotidiano, pois já não parecia fazer mais sentido subsumir a vida social nem aplainar o relevo das contradições socioespaciais com base em modelos ou classificações gerais. A questão se deslocou de uma busca por uma linguagem científica e supostamente neutra e universal para uma linguagem que desse voz ao múltiplo da realidade social. (Ibid., p. 9)

Assim, o que se almeja para esta pesquisa é conceber uma geografia preocupada com a escala do corpo e da corporeidade no cotidiano. Busca-se, com isso, evidenciar práticas de agentes sociais que, na dimensão do cotidiano, como sendo esse espaço-tempo motivador das ações das pessoas (Grandi, 2019), constroem diferentes espacialidades alternativas, por meio da apropriação do(s) espaço(s). O Coletivo *Slam* das Minas, desse modo, é o que nos permite investigar as interconexões e interações entre ação, espaço público e agir político, mediados pela cultura.

Desse modo, reivindica-se o corpo como escala de observação e análise para compreender as problemáticas da vivência espacial (Oliveira, 2019). Assim sendo, busca-se alcançar diálogos fortuitos com a abordagem de Lefebvre (1974) sobre produção do espaço e o destaque que o corpo tem em sua teoria, enquanto potência

criativa que pode vir a alcançar as potencialidades e virtualidades na direção da utopia de construção de outros espaços. O corpo na obra do referido autor aparece como elemento chave para alcançar as conexões entre poder e espaço (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019, p. 64).

Nesse sentido, nos interessa o pensamento de Lefebvre (1974), porque seu esforço teórico tem o corpo como elemento chave para alcançar as conexões entre poder e espaço (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019, p. 64). Pois é o corpo que possui uma capacidade genuína de produzir espaço e também ser o meio pelo qual as pessoas podem retomar o poder sobre a vida cotidiana. A tentativa situa-se em articular as discussões sobre a produção social do espaço no pensamento de Lefebvre com a espacialidade produzida pelos eventos do Coletivo *Slam* das Minas (RJ). Esse esforço se trata da busca por construir diálogos entre a dimensão política e ideológica dos espaços. Desta maneira, a ação escolhida é concebida como a construção de espaços de resistência a partir da poesia, que também podem ser lidas como lutas pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001), pela existência emancipada e pelo direito de existir na diferença. Assim, o esforço que fazemos aqui situa-se no exercício de pensar as virtualidades e possibilidades de uma apropriação do cotidiano pelos sujeitos.

Indo na direção contrária ao pensamento que concebe os espaços como mero reflexo da sociedade em que se está sitiado, as formulações de Lefebvre (1974) apontam que o espaço não possui em si uma dimensão finalizada, acabada. Ele não é um dado no qual cabe aos pesquisadores apenas o papel de descrição e constatação. Pensar o espaço requer o exercício de concebê-lo enquanto meio e mediação; enquanto em processo, sempre sendo produzido a partir dos movimentos dos sujeitos nele inseridos. O objetivo é a superação da concepção do espaço absoluto de Kant e Newton, independentemente da existência da matéria, *a priori*, imóvel, tido como dada e acabada (Harvey, 2012, p.10). O objetivo é pensar a produção, as relações e os sentidos (Lefebvre, 1974; Santos, 1996).

A discussão de Lefebvre (1974) sobre a produção social do espaço nos interessa por constituir-se enquanto ferramenta teórico-metodológica, que ilumina nossa busca por formular questões e aproximações com o real. Tendo por orientação as contribuições do pensamento marxista fundado no materialismo histórico e na dialética, o esforço se encontra em situar os homens e as mulheres em seu

protagonismo na história e na produção das condições de existência encontradas em diferentes períodos históricos.

Essa orientação de método tem como premissa que a humanidade, ao produzir-se, produz um espaço e produz a si mesmo. Trata-se de um esforço em conceber a realidade como sendo produzida, situando a ação humana, suas intencionalidades e projetos (Carlos, 2012, p. 62). O que se busca é enxergar para além da aparência do fenômeno, buscando alcançar sua essência. O princípio é situar homens e mulheres como sujeitos da história e superar a leitura do mundo como dado, acabado, fixo e inocente. O horizonte da análise tem como pressuposto de que para alcançar a situação de transformação da realidade posta, é preciso entender como esta foi produzida. Não menos importante que o exercício de desnaturalização do mundo, o horizonte de transformação da realidade deve ser o leme de nossas teorias.

Nesse sentido, o exercício intelectual não pode estar fixado na busca de apenas entender o mundo, é preciso querer transformá-lo - esta seria a função central de nossas teorias orientadas pelo marxismo. Entender o mundo como pré-requisito para transformá-lo. Busca-se com isso desnaturalizar o mundo e a sociedade em que nos encontramos sitiados. Nesse sentido, como sugere geógrafos de inspiração marxista, o espaço é uma esfera de possibilidades (Massey; Keynes, 2004; Santos, 1996).

A discussão dos autores nos permite pensar o espaço enquanto possibilidade de encontros, entre trajetórias, histórias, entre tempos, culturas, visões de mundo. O espaço como plano das diferenças. Desse modo, encontramos diálogos possíveis com a espacialidade produzida pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ). Nessa ação, o que se busca é a construção de um espaço seguro e livre de opressões, mesmo que momentâneo, visando contribuir para o desenvolvimento da potência artística de mulheres, com todas as suas diferenças e singularidades, respeitadas e contempladas, tal como o próprio coletivo define em seu ação-projeto. Mesmo efêmero, esse encontro potente busca o incentivo à criação de laços de identificação, empatia e respeito mútuo entre as participantes. O evento busca se prolongar a partir do espaço virtual das redes e faz de seu perfil na Rede Social *Instagram* um meio de estender o alcance de seus discursos políticos.

Pensando especificamente o espaço social, sua apropriação e vivência terá como configuração um campo de possibilidades desiguais e hierárquicas. Desse

modo, na busca de uma prática científica que faça sentido e enquanto educadora que acredita na educação como prática da liberdade, tal como nos fala bell hooks⁴ (2013), não abandono as esperanças com a utopia de outro mundo possível. Por isso, essa pesquisa busca articular pesquisa e participação política tendo como farol as contribuições do movimento feminista enquanto tensionador dessa ordem injusta.

Como discutido por Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006), os movimentos sociais, pensados a partir do contexto teórico das ciências humanas, ocupam um lugar frutífero para as reflexões que buscam estar alinhadas à teoria crítica. Nas análises do autor, esses movimentos apresentam como possibilidade, trazerem luz a um só tempo às contradições inscritas no espaço-tempo, como também, aos possíveis inscritos nessa realidade social. Fala-se de uma perspectiva que aponta para as limitações precárias da vida cotidiana, mas que também ilumina os caminhos para um outro futuro que ainda não é, mas que se deseja vir a ser. Nas palavras do autor: “a realidade é constituída não só pelo que é, mas também, pelo que pode ser e, por alguma razão, está impedido de ser” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 16). Nesse sentido, o autor aponta que todo movimento social é portador de uma nova ordem, esta que pressupõe novas posições e novas relações. Em síntese, almejam formas outras de situação ou localização nos lugares.

Trata-se, como aponta Porto-Gonçalves (2006), da dialética entre o ser e o dever ser, que se materializa em ações concretas pelas lutas sociais daquelas(es) que se sentem oprimidas(os) ou exploradas(os), luta essa que tem como nexos a reivindicação de mais espaço. O horizonte de luta dos movimentos sociais, na visão do autor, é a mudança de lugar. E todo movimento social, em maior ou menor grau, é portador de uma outra configuração social possível ou, em outros termos, carrega consigo a esperança de mudanças de uma ordem social tão injusta e precária sentida por muitos. Em síntese: “os diferentes movimentos sociais re-significam o espaço e, assim, com novos signos grafam a terra, geografa, reinventando a sociedade. A geografia, deste modo, de substantivo se transforma em verbo – ato de marcar a terra” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 21). Nesse sentido, nos parece profícuo explorar

⁴ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana. Ela adotou esse nome em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks. Em respeito à autora a escrita deve ser em letra minúscula, pois segundo a autora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

as possibilidades de investigação de ações concretas que, em menor ou maior grau, sinalizam para a política nos/dos espaços.

A política é concebida aqui enquanto mediação entre o estado presente e o estado futuro da sociedade, tendo como característica central a possibilidade de ser ela, uma antecipação ou um estímulo para a evolução social e econômica futura (Mészáros, 2017). Se essa mediação tiver como orientação o pensamento conservador, teremos como resultado ações que vislumbram a manutenção da continuidade de uma ordem social. Pensando na especificidade do Brasil, essa ordem é caracterizada pela distribuição desigual das benesses e dos prejuízos na vivência espacial. Como aponta Porto-Gonçalves (2006), esse pensamento conservador, com frequência, busca forjar narrativas que assinalam os movimentos sociais como desordeiros, ou produtores de desordem.

Tratando-se do movimento feminista, em termos mais genéricos, esse tipo de política específica (falamos aqui da conservadora e/ou reacionária) terá como alicerce a busca de criar antagonismos entre homens e mulheres ou, ainda mais grave, de fabricar uma imagem daquelas(es) que se alinham às reivindicações do movimento como indivíduos que ameaçam o “bom” funcionamento da sociedade, cabíveis de eliminação. No quadro de tensões sociais, disputa-se a permanência das coisas como estão, ou a alteração radical desse cenário. Nas palavras de István Mészáros (2017, p. 119), “o tipo conservador de mediação política procura maximizar o elemento de continuidade em suas tentativas de ligar o presente com o futuro, ao passo que a política radical dá ênfase à descontinuidade, evidentemente”.

A perspectiva de método na qual nos apoiamos, aponta para mudanças nos rumos das agendas de pesquisa em Geografia Humana, e vão ao encontro do que Silveira (2006), em diálogo com Milton Santos (1996), vai chamar de **epistemologia das existências**. Como discutido pela autora, a distância, suas implicações, ou mesmo como superá-la, já ocuparam o lugar de centralidade nas preocupações da ciência geográfica. Chamada pela autora de **epistemologia da extensão**, trata-se de um movimento-momento em que as preocupações a respeito do espaço tinham como expressão um saber-fazer geográfico demasiadamente preocupado com as formas, o tamanho e os limites. O resultado da obra, segundo a autora, é uma visão geométrica do espaço, que permitiu a invisibilização e a desconsideração de muitas existências como temas de interesses de pesquisa, uma

prática que também serviu aos interesses imperialistas aplicados à ciência geográfica. Entretanto, como bem nos lembra Santos (1996), questões referentes à existência e ao esforço em pensar suas complexidades são hoje problemas que demandam centralidade para os desafios do pensar e do fazer geográfico.

Nesse sentido, cabe lembrar que num passado não tão distante, a espacialidade das mulheres em geral, das mulheres negras e homens negros, homossexuais, transexuais, indígenas, entre outros grupos sociais, foram desconsideradas como tema relevante de preocupação das pesquisas geográficas, como vêm argumentando as críticas feministas e decoloniais à ciência. Poderíamos acrescentar que além das existências renegadas, alguns espaços, ou escalas geográficas, como o espaço doméstico ou o espaço privado, por muito tempo foram concebidos pela perspectiva hegemônica como irrelevantes para o campo.

Para operacionalizar nossa reflexão que, grosso modo, almeja investigar as intencionalidades e quais virtualidades essa ação aponta, contaremos com algumas ferramentas teórico-metodológicas. Interessa-nos uma epistemologia preocupada com as existências e suas dimensões espaciais (Santos, 1996; Silveira, 2006). Uma geografia atenta à escala do corpo e da corporeidade (Oliveira, 2019), que se soma as discussões levantadas pelas teóricas feministas sobre questões de gênero (Scott, 1995; Butler, 2016), para pensar questões relacionadas à socialização dos corpos e às experiências diferenciais do viver-a-cidade.

Ainda, a dimensão de gênero, de sexualidade, junto as dimensões das racialidades aparecem como fio-condutor de toda a reflexão, na forma de categorias de análise que nos apontam para a necessidade de pensar as teias complexas de relações de poder nos espaços. A categoria analítica cotidiano, presente nas reflexões de Agnes Heller (2008), Henri Lefebvre (1991) e Milton Santos (1996), nos ajuda a tecer aproximações com o real analisado, na busca por pensar os sentidos e os efeitos políticos de intervenções culturais no espaço da cidade realizadas pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ). E a discussão sobre os sentidos da ação é amparada pelas reflexões da Socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2013), que nos iluminam a pensar os laços de solidariedade no agir cotidiano e as resistências em meio ao avanço da precariedade da vida.

Em termos daquilo que pode ser concebido enquanto **procedimentos metodológicos**, essa pesquisa ganha corpo e concretude a partir das idas a campo - falamos aqui da participação nos eventos promovidos pelo Coletivo. É a partir dessa

ação, formulada a partir de um encontro intencionado de corpos, que são ensaiadas críticas contundentes sobre aspectos do cotidiano, nos inspirando a pensar as articulações possíveis entre arte e ação política. Nesse sentido, cabe lembrar que o trabalho de campo é uma questão crucial para a Geografia. Fonte de discussão e presente em diversos períodos da disciplina, revela-se favorável para o processo de desvelamento do real.

Como bem argumenta Ângelo Serpa (2006), a geografia não se faz apenas pelo consumo de leituras ou da realização de pesquisas dentro de uma sala com ar-condicionado; se faz usando de todas as técnicas disponíveis na busca de interpretar a realidade. E se tomamos como orientação as proposições da doutrina marxista, devemos, junto a esse exercício, pensar nas possíveis maneiras de transformá-la. Ressaltar a importância da prática de campo, como discute o autor, não significa pregar pela volta de um empirismo que não necessita de teorização, mas sim apontar para a necessidade de escolha de lentes analíticas que nos ajudem na aproximação com o problema investigado.

Através da prática do trabalho de campo e da escolha dos respectivos espaços de conceituação, em referência à escolha das categorias analíticas, aumentamos nossas chances de tornar visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade, como defende Serpa (2006). Este exercício analítico demanda ter clareza sobre o entendimento da totalidade do espaço, e aquele(a) que pesquisa deve se preocupar em encontrar no fenômeno específico estudado como se manifesta esse movimento da totalidade. Nesse sentido, a escolha por pensar a produção do espaço e o cotidiano enquanto categorias de análise nos parece um caminho profícuo para nos permitir teorizar sobre as contradições no/do espaço e as possibilidades de transformação da realidade.

Como discutido por Bernad Kayser (2006), os geógrafos não têm o monopólio desta prática. A pesquisa de campo trata-se de um meio, e não um objetivo em si mesma. Prática esta que nos permite uma aproximação com a situação social, atenta às dimensões culturais e simbólicas dos lugares. A dinâmica social, como bem coloca o autor, é caracterizada por conflitos, ou a luta de classes, como bem ensina a ótica marxista. E o primeiro passo da análise, como coloca o autor, é a busca pela identificação dos problemas e conflitos, esses que irão servir para a orientação do estudo.

O papel do trabalho de campo na geografia também é discutido por Paul Claval (2013), ao pensar o movimento que ele chama de *das epistemologias da curiosidade às do desejo*. A prática do trabalho de campo é pontuada pelo autor como sendo um meio para garantir a autenticidade das observações coletadas, a possibilidade de descoberta de realidades que escapam outras estratégias de investigação, além de ser útil também para a formação do cidadão. Sem a experiência prática, argumenta Claval (2013), o geógrafo por vezes deixa escapar realidades que não são fruto da inteligência, mas da intuição, da sensibilidade, do gosto, da estética: aquelas que revelam a diferenciação qualitativa do mundo. Nesse sentido, como argumenta o autor, a prática direta em campo nos permite encontrar diferentes práticas e políticas que contribuem para a modelagem do espaço, além da possibilidade de visualizar características e comportamentos daqueles que ali se encontram.

Atento às transformações no mundo, Claval (2013) aponta também para as questões que o problema do trabalho de campo passou, tendo por influência os apontamentos levantados pela geografia anglófona no início dos anos 1990. A disciplina deixa de ser “própria de espíritos puros” e passa a ter bases corporais. Nesse sentido, a epistemologia deixa de responder ao despertar das curiosidades e passa a ter como motivação algo mais profundo e geral: o desejo. Um outro ponto também levantado pelo autor é a sinalização para um lugar enfim concedido à corporeidade do pesquisador, contribuição das geografias de gênero, fato este que se soma a um outro movimento do pensamento - falamos aqui da necessidade de contextualização do saber produzido, como argumentam às críticas feministas à ciência, onde o saber é sempre situado, posicionado e parcial (Haraway, 1995).

Diante disso, evidentemente por se tratar de eventos efêmeros, essa pesquisa tem a prática de campo como um dos pilares centrais para sua realização. Alguns aspectos como a dimensão territorial da organização da ação, a questão do público presente, a sinergia provocada pela união de corpos e as performances das poetisas, entre outras questões específicas do encontro, demandam de fato a presença física do sujeito pesquisador para melhor captar as entrelinhas que escapam do texto descritivo.

Essa pesquisa se operacionaliza antes de tudo pela investigação e leitura que o processo de revisão bibliográfica pode proporcionar, afinal, o conhecimento é uma construção coletiva. Somado a essa prática que antecede e acompanha todo o

processo de análise, temos também a consulta de outras fontes de saber - falamos aqui do recurso de sites e blogs com entrevistas ou escritos próprios das(o) integrantes do Coletivo *Slam* das Minas (RJ), que se apresentam enquanto material profícuo para ter acesso às motivações e ao projeto político que orientam as ações do coletivo. Uma outra plataforma também se mostra como instrumento de pesquisa - falamos aqui dos materiais audiovisuais disponibilizados e produzidos pelo Coletivo, no *Youtube* e no *Instagram*, como um recurso para ter acesso ao conteúdo das poesias apresentadas nos eventos e, no caso do *Instagram*, para se informar sobre a agenda das ações do Coletivo. Tratando das poesias em questão, algumas delas temos acesso a partir de livros publicados com é o caso do “*Querem nos calar, poemas para serem lidos em voz alta*”, organizado por Mel Duarte e publicado em 2019, ou formas alternativas, como são os Zines produzidos pelo Coletivo, uma espécie de livreto artesanal onde é possível encontrar a maioria dos poemas que são apresentados pelas integrantes do coletivo nos eventos em questão.

A presente pesquisa estrutura-se em capítulos cuja divisão tem como critério um aprofundamento da totalidade, em alusão à tentativa de captar o movimento do real. Não custa lembrar ao leitor das limitações do ato de pesquisa e da atividade teórica. Por isso, enfatizamos aqui, inspirados pelas reflexões do filósofo Henri Lefebvre, que o que apresentamos é um real aproximado, notadamente pelo dinamismo e eterno devir da totalidade. Nesse sentido, a pesquisa começa com uma tentativa de apontar as inquietações e curiosidades de uma geógrafa em eterna construção. Falamos do processo de escolha pela ação a ser pesquisada e os questionamentos que surgiam à medida que a maturidade intelectual foi sendo desenvolvida. Além disso, o capítulo introdutório conta também com uma apresentação de nossas escolhas teóricas a respeito de método e questões sobre a metodologia operacional da pesquisa.

No segundo capítulo desta dissertação temos por objetivo a construção de uma análise que tem como horizonte ser um capítulo de caráter descritivo do movimento do real. Partimos do cotidiano enquanto escala de investigação e que nos inspira a buscar brechas que apontem para os sentidos de resistência em meio ao asfalto cinza das cidades. Nesta parte da dissertação procuramos investigar a escala geográfica das ações promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ) para pensar sua materialidade, os sujeitos envolvidos e a extensão de suas práticas espaciais, junto a um esboço de apontar os horizontes de luta do movimento.

Já o terceiro capítulo pretende ser uma reflexão que busca tecer nexos entre teoria e prática. Tem por preocupação central o que poderia ser chamado de “política das ruas”, atento à dimensão política contida nas ações dos agentes sociais as quais buscamos acompanhar nesse processo investigativo. Ocupa-se com o exercício de apontar as possibilidades de diálogo entre as poesias produzidas pelo Coletivo e uma leitura crítica do cotidiano. A ideia central é não se enclausurar nos limites da dominação, apontando para as táticas e estratégias dos sujeitos na busca pela apropriação e produção do(s) espaços, pensadas aqui sob a ótica do Coletivo Slam das Minas (RJ) enquanto agentes sociais da presente reflexão. O uso da poesia enquanto forma de resistência e agência política nos inspira a pensar sobre o racismo e o sexismo enquanto matriz de poder para pensarmos as limitações impostas nas sociabilidades do cotidiano brasileiro.

2

Inquietações de uma geógrafa em construção: a questão dos trabalhos de campo as potencialidades do/no Slam das Minas (RJ)

Começamos aqui com a apresentação do nosso local de enunciação. Essa pesquisa não almeja ser uma pesquisa antropológica, tendo a etnografia como método. Falamos de um lugar que tem a Geografia e seus instrumentos analíticos como localização. As idas à campo e a observação da paisagem são nossos alicerces. Mas, diante das críticas pelo caráter excessivamente descritivo da Geografia Clássica do século XIX, parece que nós, geógrafas(os), temos um pouco de medo em explorar a descrição da nossa questão pesquisada.

Apresentamos uma hipótese, a ideia de conceber o “ser” geógrafo(o) como a atitude de viver constantemente em trabalhos de campo. Assim, começo essa escrita tendo como inspiração um texto do geógrafo cultural inglês, Denis Cosgrove (1998). O autor começa seu texto com uma frase trivial, dizendo que, aos sábados pela manhã, ele não é, conscientemente, um geógrafo. Mas, mesmo sem se dar conta, ou fazer algum tipo de esforço para tal, ele se depara com a atitude de estar constantemente a realizar reflexões acerca das paisagens que lhe cercam. E tal como sugere o autor, por mais que não esteja exercendo o suposto ofício, é comum perceber que estou sempre com um olhar atento para as formas materiais e os movimentos que dão vida as paisagens que percorro cotidianamente.

Após a leitura percebi que, desde que me tornei “oficialmente” geógrafa, em referência ao ato de graduar-me em geografia, a forma como encaro a realidade e os diversos espaços pelos quais percorro cotidianamente mudou de maneira radical. Falo aqui de uma certa curiosidade aguçada que busca perceber as diferenças, as semelhanças e as singularidades pelos lugares que cruzo em minhas andanças. E essa preocupação com a produção dos espaços ou com as espacialidades, se assim preferir, também não deixou de acontecer nas minhas idas aos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas. Deste modo, esse texto tem como horizonte falar das percepções de uma geógrafa em campo, em sentido estrito e ampliado.

O início do trabalho de campo aqui é concebido por meio do simples gesto de verificação da previsão do tempo. Desde escolher a roupa mais adequada para a situação até se vou precisar levar um guarda-chuva comigo. Não custa apontar aqui

também uma preocupação de caráter generificado, a escolha por roupas que minimizem a visibilidade excessiva pela qual os corpos das mulheres são submetidos cotidianamente nas ruas da cidade. Essa questão de gênero que falamos, trata-se de uma experiência que pode ser concebida como comum e compartilhada por muitas mulheres. Tal situação tem a capacidade de influenciar as tomadas de decisões desse grupo específico, capaz de produzir uma intersubjetividade criadora de estratégias e microrresistências cotidianas.

Retomando a questão do trabalho de campo, no que tange à pesquisa, ele passa por observar de forma atenta as paisagens urbanas pelas quais percorro até a chegada dos eventos. Observar quais objetos são necessários e como eles estão dispostos para a realização do encontro. Reparar em como as pessoas se organizam nos lugares onde a ação acontece, e questionar os supostos motivos que levaram a escolha daquele espaço em questão para a efetivação do evento. Outras questões foram surgindo à medida que frequentei mais vezes aos eventos promovidos pelo Coletivo. Estou me referindo ao atravessamento que experienciei por questões de identidade e identificação. Falo aqui sobre perceber as questões de gênero, de sexualidade e a dimensão racial nos lugares onde as ações do Coletivo *Slam* das Minas (RJ) se materializam. Deste modo, o texto que se segue tem como intencionalidade refletir e sintetizar a partir das percepções adquiridas nas idas aos eventos.

2.1

Relatos de uma geógrafa em campo

2.1.1

Relato de Campo: Ocupação Poética no Morro da Babilônia (30/10/21)

Figura 1 - Evento Flup 2021 - Ocupação Poética no Morro da Babilônia



Fonte: Instagram @slamdasminasrj.

O primeiro evento presencial promovido pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ) se deu no contexto de flexibilização das medidas de confinamento da pandemia do COVID-19, onde já era possível visualizar o retorno de algumas atividades festivas na cidade do Rio de Janeiro. O evento recebeu o nome de “Ocupação Poética no Morro da Babilônia” em parceria com a Feira Literária das Periferias (FLUP) e com realização no Sábado, 30/10/21 às 19h no Larguinho do Bar do Tomás, na Ladeira Ary Barroso, 56 no bairro do Leme (RJ). E o destaque para a publicação na rede social *Instagram* do Coletivo era sobre ser um evento gratuito.

Há a necessidade aqui de um breve *detour*, ou um desvio - falo sobre a atenção em especial para explicitar a importância da rede social para o Coletivo, pois é através dela que o grupo alcança visibilidade e consegue ter um registro ou memória de suas ações e ocupações pretéritas. Esse canal também é o meio por onde se consegue informações sobre os próximos passos do Coletivo, pois é por lá que divulgam sua agenda. Esse meio virtual é também onde se consegue saber sobre a realização de novos eventos, ou se haverá a participação do Coletivo em eventos

produzidos por terceiros. Faz-se necessária também uma distinção em relação as atividades e eventos. O Coletivo *Slam* das Minas (RJ) é responsável por realizar os eventos de batalha de *Slam* ou batalhas de poesia, mas, por serem um Coletivo de artistas independentes, também tem participações em outros eventos culturais, realizando o que denominam de “intervenções poéticas”. De maneira breve, trata-se de uma apresentação das poetas do grupo com suas produções poético-performáticas, numa combinação entre oralidade, denúncia e corpo.

Retomando ao evento em questão, minha chegada foi a partir do consumo do serviço comum em favelas e comunidades do Rio de Janeiro denominado de “mototáxi”. Subindo à ladeira em direção ao bar, a rua se alarga e termina numa espécie de Largo, conhecido pelos moradores como Larguinho do Tomás (algo parecido como o final de uma rua sem saída, mas esse não era o caso). Situado na Comunidade do Morro da Babilônia, havia escadas de acesso para as partes mais altas do Morro e, chamando a atenção de quem chegava, estava estacionada bem ao centro a kombi denominada “Comuna Deusa”, o meio de transporte oficial do Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

Figura 2 - Comuna Deusa – a Kombi do Slam das Minas, Larguinho do Tomás (Morro da Babilônia).



Fonte: Acervo pessoal.

Marcado para às 19h por volta das 19:30 já era possível visualizar algumas pessoas no local, mas ainda não havia iniciado com a programação. O Bar do Tomás é um comércio local sutil e foi o responsável pela disponibilização para o evento da infraestrutura necessária para a realização - refiro-me aqui ao acesso à energia elétrica para conectar o aparelho de som, a disponibilidade do uso do banheiro do pequeno bar e algumas mesas e cadeiras que foram postas próximas à espécie de palco que se formara. Tomás, um senhor gentil, ao início do evento agradeceu a presença de todas e todos, e reforçou sua alegria em estar recebendo o evento em sua comunidade, reforçando que a comunidade era “nossa”. Pode ser observado a prática comum em eventos organizados por ações autônomas, falamos aqui da necessidade do fortalecimento da economia local ou popular, ou da lógica de cooperação.

Uma Kombi, um acesso à luz, um microfone e uma caixa de som, esses foram os objetos técnicos que articulados, possibilitaram o encontro acontecer. O Poeta Tom Grito era quem ocupava o lugar de *Slammaster*, nome dado a pessoa que se encontra no lugar de ser o(a) responsável por conduzir a festa e o momento da batalha propriamente dito. Tom Grito dava início à programação e explicava para o público o que era um *slam* ou essa batalha de poesia falada, como também é chamado. Esse é um ritual comum nos eventos, a apresentação inicial do funcionamento da brincadeira. De forma simples, explicou que apenas mulheres e pessoas trans podem participar da batalha, sendo necessário ter três poemas autorais, comunicados em até 3 minutos e sem a utilização de qualquer adereço. O júri escolhido para dar as notas às apresentações foi composto por 5 mulheres, escolhidas em meio a plateia. Essa preferência por mulheres e/ou pessoas trans também acontece na composição do “time do júri”.

Os eventos do Coletivo *Slam* das Minas têm como orientação principal se constituir enquanto um espaço de visibilidade para mulheres, sejam elas mulheres [héteras, lésbicas, bis, ou trans], pessoas *queer*, *agender*, não *bináries* e homens trans (definição fornecida pelo próprio coletivo) - desta forma, não é permitido a participação de homens como poetas a concorrer no jogo que é o *slam*. É Tom Grito quem explica para o público presente as razões dessa decisão, justificada pelo reconhecimento da situação de privilégio que os homens exercem em muitos espaços e momentos da vida cotidiana, como sujeitos que comumente ocupam o lócus de enunciação, sendo assim convidados a rever seus privilégios.

Tratando-se dessa situação dos lugares de enunciação, dois episódios me chamaram atenção no evento do dia 30/10/21. O primeiro foi a solicitação vinda de um homem cisgênero para participar do momento da batalha. Compartilhando do ocorrido com o público presente, Tom Grito relata que uma situação como essa nunca havia ocorrido desde os 4 anos de realização do evento. Ao contar o relato da situação, Tom Grito reforça o projeto político do Coletivo, que se encontra situado justamente em buscar fazer daquele espaço construído, um lugar de visibilidade das histórias, percepções e vivências daquelas(xs) que se encontram em situação de desvantagem na ordem de desigualdade que paira sobre as relações sociais de sexo. Mas o intuito de contar ao público essa experiência não era por si só uma atitude punitivista ou de silenciamento. Tom Grito fala exatamente que não gostaria de ocupar esse lugar de silenciador, compartilhando o incomodo que sentiu ao vivenciar aquela situação. Continuou apontando que estava compartilhando esse acontecimento com o público justamente para tornar essa decisão uma escolha democrática, deixando para o público presente decidir. Entretanto, Tom Grito no final de sua fala informa que o homem em questão não se encontrava mais presente no evento. O *slammaster* lamentou essa ausência e disse que gostaria que ele estivesse ali para ouvir as justificativas para aquele ato, um convite à conscientização do porquê desse princípio no *Slam* das Minas.

O segundo episódio que me chamou atenção diz respeito às questões éticas da pesquisa. Tom Grito falava para o público que muitas pessoas procuram o Coletivo com interesse de pesquisar o evento, apontando para a procura constante para dar entrevistas. A crítica feita por Tom Grito foi direcionada às/aos pesquisadoras(es) pela falta de retorno da parte delas(es), dizendo que era muito comum o desaparecimento desses pesquisadores nos eventos do *Slam* das Minas (RJ) após a finalização de suas pesquisas. O *slammaster* criticava o que pode ser concebido de uma atitude predatória, por vezes comum nos ambientes acadêmicos, de consumir “seu objeto de pesquisa”, sem ter a responsabilidade com um retorno para compartilhar com os sujeitos da pesquisa os resultados e reflexões alcançadas.

Nesse sentido, essa crítica serve-nos de convite a repensar nossa ética enquanto pesquisadoras(es), reforçando a necessidade um fazer científico que se preocupe em não reproduzir hierarquizações ou aja de maneira predatória com

aqueles que são fundamentais para nossas reflexões, e colocando como necessário um compromisso ético com os sujeitos da pesquisa.

2.1.2

Relato de Campo: Ocupação Poética no Chapéu Mangueira (07/11/21)

Figura 3 - Ocupação Poética no Chapéu Mangueira.



Fonte: Instagram @slamdasminasrj.

O segundo relato tem como intencionalidade apresentar outras dimensões percebidas nas idas aos eventos, agora em relação a imprevisibilidade das ações e as formas criativas encontradas pelo coletivo para se manter enquanto um Coletivo de artistas independentes. Ainda que o contexto apontasse para a permanência da ameaça representada pela pandemia do COVID-19, atividades ao ar livre já se encontravam liberadas pela prefeitura da cidade. Nesse sentido, ainda em parceria com a FLUP, o Coletivo *Slam das Minas* sinalizava em suas redes sociais para mais uma de suas atividades, uma ocupação poética, agora no Chapéu Mangueira, Leme. Cabe pontuar que a comunidade Chapéu-Mangueira está localizada na encosta do Morro da Babilônia, e ambas estão localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Retorno à ladeira Ary Barroso (Leme, Rio de Janeiro) para mais uma experiência com a ação que me inspira. Como uma reunião espontânea e criativa, a realização do evento altera de maneira momentânea a paisagem do lugar. Dessa vez

situado na parte de trás de uma quadra de esportes, em um pequeno espaço, formou-se uma espécie de círculo onde cabiam todas (os e xs) corpos. De tamanho bem menor do que fora o último evento, essa configuração foi o que permitiu ter a sensação de mais intimidade.

Chegando ao lugar programado, meus olhos tentam ler a produção daquela paisagem que a pouco tempo recebeu modificações para abrigar o projeto de ação. Uma parede foi usada para compor a cena, era uma espécie de faixa com a identidade visual do Coletivo, somando ao cenário e permitindo identificar as idealizadoras da ação e indicando o que iria rolar por ali. Ao chegar, visualizei a estrutura montada, tendo destaque e ocupando o lugar de centro a mesa montada para abrigar os objetos técnicos para Dj Bieta comandar a sonoridade da festa. Apoiada em uma toalha colorida, lembrando as cores do arco íris, a mesa de som ocupava a posição central. A voz de mulheres era uma característica marcante no som que embalava a noite. Bieta é Artista Multimídia, integrante do Coletivo *Slam* das Minas (RJ), sendo a Dj dos eventos organizados pelo Coletivo.

A configuração do evento era similar a um círculo pequeno, permitindo uma proximidade dos que ali se encontravam. Ao lado da mesa de som estavam posicionadas duas caixas grandes de som e as apresentações ocorriam sempre à frente da mesa de Dj Bieta. E próximo da Kombi Comuna Deusa estavam situados dois elementos que me chamaram atenção, por permitirem pensar a dimensão econômica do evento. Refiro-me aqui a duas movimentações/ações do Coletivo *Slam* das Minas, denominados respectivamente como o “*Isoporzinho* das Minas” e a “*Lojinha do Slam* das Minas”. Essas ações são muito representativas, porque sinalizam para as formas criativas que o Coletivo realiza para se manter economicamente, já que não recebem nenhum tipo de financiamento ou apoio financeiro via Estado.

O chamado de *Isoporzinho* das Minas é uma ação organizada pelo Coletivo responsável pela venda de bebidas no evento, uma das formas de organização das artistas para garantirem a existência do grupo. Nessa edição o coletivo contou com o apoio da Cerveja Becks. A lojinha do *Slam* das Minas é uma ação do Coletivo enquanto estratégia de sobrevivência a partir do empreendedorismo, onde era possível comprar artigos como blusas e *ecobags* estampadas com frases de poemas das próprias artistas do Coletivo, bem como caneca e outros itens com a estampa da identidade visual do Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

Rainha do Verso⁵, poeta e integrante do Coletivo, fazia a apresentação do grupo para o público. Suas palavras davam ênfase para o caráter de solidariedade e coletividade desse evento/movimento ao dizer que o grupo é um “Coletivo de Artistas Independentes que quanto mais interdependente somos, mais dependentes da ajuda de vocês nós somos.” Por isso falava da importância da colaboração dos ali presentes com o momento do chapéu, uma forma compartilhada pelos artistas de rua para conquistar seu meio de vida, além de consumir se possível, as duas formas de empreendedorismo realizadas pelo Coletivo.

Na publicação da rede social oficial do Coletivo *Slam* das Minas (RJ) no *Instagram* havia a informação de que no evento haveria a batalha de poesia, aspecto de centralidade do evento e que estaria valendo uma vaga para concorrer ao *Slam* RJ, o campeonato Estadual de batalhas de poesia de *Slam*. Cabe pontuar que a realização desse momento nos eventos só é possível com a colaboração do público participante, pois é preciso ter poetas para que a brincadeira possa acontecer. Entretanto, no dia em especial não houve inscrições de poetas dispostas a batalhar, fato este que não impediu a ocupação poética de acontecer. O destaque ficou para o chamado “Microfone aberto”, que pode ser descrito como um momento destinado para a celebração da livre expressão poética, no qual pede-se para o público presente e também para as poetas que ali se encontram compartilharem com aquelas(es) que ali estão uma “poesia guardada na gaveta”, como dizia Rainha do Verso, que se encontrava ocupando a posição de apresentar o evento.

2.1.3

Relato de um Não-Carnaval. Boulevard Olímpico, Região Portuária do Centro do Rio de Janeiro (02/03/22)

Começamos do (meu) princípio. Como alguém que nasceu em fevereiro, em pleno carnaval do ano de 1998, faço parte do talvez numeroso grupo dos fãs assumidos do carnaval de rua. Essa festa colorida, calorosa e repleta de diversos sons sempre foi um cenário capaz de fazer meus olhos brilharem de admiração e curiosidade. O ano em que esse pensamento tem sido construído tem como contexto uma configuração atípica. Falamos de um conjunto de ações, essas que são lidas

⁵ Pseudônimo de Rejane Barcelos, poeta e integrante do Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

por aqueles que se interessam no assunto como um movimento de privatização dessa festa de caráter eminentemente popular. Marcado por uma série de ações de natureza contraditória por parte das autoridades governamentais, essa festividade, ansiada por muitos, fez-se acontecer. O destaque encontra-se justamente em sua configuração ou aparência um pouco diferente de como bem se apresenta.

Em virtude da persistência da ameaça que a Pandemia do Covid-19 ainda representa, essa festividade foi marcada por uma indecisão sobre sua realização. Bem como um conflito a respeito da sua liberação ou proibição por parte do Poder Estatal. A contradição marcante desse contexto encontra-se justamente na autorização, por parte do poder municipal da cidade do Rio de Janeiro, da realização de eventos e festas privadas nesse período. Enquanto os blocos de rua, uma característica marcante dessa data, não foram autorizados, ou dito de outra forma, não receberam a permissão legal para sua materialização pelas ruas do Rio. Em termos de legalidade ou pensando especificamente a dinâmica das relações de poder, não se pode esquecer da premissa básica em termos foucaultianos, onde há poder, há de maneira concomitante uma resistência ao seu realizar-se.

E justamente nesse embate entre legalidade e ilegalidade é que esteve situado o carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da proibição em termos legais, diversos cortejos e pequenos blocos colocaram foliões para festejar com seus corpos repletos de *glitter*, adereços e um punhado de imaginação. O cenário que abriga essa reflexão corresponde à espacialidade produzida pelo cortejo realizado a partir da junção de dois blocos de rua que se encontraram para desfilar pelo espaço construído do Boulevard Olímpico, na área central, evento que estive presente. Tratava-se das bandas que compõem os blocos “Me enterra na quarta” e o bloco “Planta na Mente”.

Ao parar para comprar uma cerveja com um comerciante ambulante do local, meus olhos se cruzam com a presença bem ao meu lado, de duas pessoas em questão. Tratava-se de duas integrantes do Coletivo *Slam* das Minas (RJ). Aqui estou me referindo à Debora Ambrosia, que tem como uma de suas atuações ser a produtora do *Slam* das Minas; e Tom Grito, poeta e idealizador do coletivo, integrante desde início. Tom e Debora eram um casal na época. Em um gesto de euforia, comento com o meu companheiro sobre a presença delxs, bem ali ao meu lado. E ao terminar esse gesto de comunicação, Debora olha para mim com um olhar de quem havia percebido tal ato e possivelmente havia escutado o que disse.

E num gesto de espontaneidade, minha reação foi sorrir e contá-la o que havia acabado de dizer. Eis que surge então de forma completamente não planejada, uma aproximação e a possibilidade de um diálogo. Nesse momento falo quem sou e me apresento enquanto Professora de Geografia.

Rompendo com a timidez que me assola e por vezes imobiliza enquanto pesquisadora em formação, me direciono à Tom Grito e um diálogo se inicia. Começo falando desse lugar de admiração pelo trabalho e pelas ações que o coletivo constrói e realiza. Minhas palavras que não seguiam um roteiro, expressavam um olhar livre e sincero. Falei com Tom sobre o quanto enxergava as ações do Coletivo como um esforço e materialização da luta pelo direito à cidade. Destaquei a lógica de produzir um evento gratuito como um gesto de contrarracionalidade em meio ao cenário de mercantilização da vida constante que nos assola. Realizar eventos onde não se há cobrança para o acesso ou permanência nas imediações da centralidade da metrópole, é concebido aqui como uma tática ou uso de resistência. Uma ação insurgente por via da cultura.

Com Debora a troca em forma de conversa informal se deu tendo como destaque o uso da palavra - refiro-me aqui a intencionalidade aplicada no discurso poético. Apontei sobre a possibilidade de as palavras ocuparem uma função terapêutica. Meu discurso estava embasado na experiência adquirida ao longo dos anos realizando terapia, sobre a importância do ato de nomear determinadas realidades e falar sobre aquilo que nos incomoda como primeiro ponto para a superação de um problema. Longe de atribuir um grau de excelência ou visão romantizada sobre o ato em si, a ideia que busquei trocar era sobre o quanto a palavra pode ocupar uma função terapêutica. Mesmo que a realidade concreta não seja alterada num primeiro momento apenas com o ato de refletir sobre ela por meio de um discurso, pensar sobre ela de uma maneira crítica, nomear aquilo que angústia, externalizar o sentimento de injustiça, raiva e descontentamento, é concebido aqui enquanto uma tática de resistência. Parte-se da ideia de que falar sobre um problema ou uma situação que lhe aflige é o primeiro passo no caminho da busca pela sua erradicação ou solução. Era aniversário de Debora no dia, desejei-lhe uma vida cheia de sentido e repleta de realizações, buscas e desejos estes que tem orientado meu caminhar.

E assim, o encontro ocorreu de modo completamente não planejado, mas desejado desde que conheci o Coletivo. Comentei sobre o desejo de realização desse

movimento ser algo já presente há tempos, mas que só naquele exato momento havia adquirido forças para superar as limitações da timidez. Debora e Tom foram muito solícitos, com abertura para o diálogo, e gentis. Incentivaram-me a falar com ela(e) por outros meios e mais vezes, um gesto que a um só tempo mostrava a abertura e afetividade de ambas(os).

2.1.4

Relato de Campo: Oficina produção cultural em espaços públicos, Tijuca (09/04/22)

Figura 4 - Convite Especial com Apresentação de Tom Grito

CONVITE

Tom Grito @tomgritopoeta é pessoa não binária, utiliza pronomes masculinos e neutros (ele/elu/they). Inventor de palavras, combinador de letras e incendiário de discursos. Pesquisador de utopias inescapáveis e de tecnologias ancestrais para acolhimento e cura de violências sociais. Falante por prática e ouvinte por exercício, segue disposto a comunicar pelo gesto, pelas frestas e pela linguagem. Fundador dos coletivos poéticos Slam das Minas RJ e Transpoetas dedica-se às micro-revoluções político-sociais onde a poesia incinera, afaga, afeta e transforma.

09/04

09h00

Local:

Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro
R. José Higino, 115 - Tijuca

CIEDS **APRENDIZ CULTURAL** **Rio PREFEITURA** **CULTURA**

Fonte: Acervo pessoal.

O dia começou com tropeços. A caminho do destino um pequeno desencontro entre a ideia de para onde ir e o caminho formal descrito e apontado pelas placas. Por sorte chego ao destino a tempo. E talvez por acaso do destino, cruzo com Tom Grito em pleno elevador. De uma completa estranha agora caminho para a singela familiaridade. Trocamos sorrisos após esse breve encontro e seguimos tendo como

destino o mesmo lugar. O destino, um palco. Tratava-se de um palco onde iria ocorrer a atividade proposta. Nela, Tom Grito seria a estrela principal. Estrela pode soar num tom diferente daquele que penso ser a representação mais próxima do que foi o sentido de sua presença. Mas impossível deixar de dizer o quanto ele brilhou. O sentido desejado é o lugar de protagonista na cena. Imagino que Tom não fazia ideia de que minha presença ali se dava justamente pelo desejo de encontrá-lo.

Algumas coisas precisam ser pontuadas a início de conversa. A atividade mencionada acima fazia parte de um grande projeto do curso de formação cultural para jovens da cidade do Rio de Janeiro. Em termos práticos, o projeto pode ser descrito como um conjunto formativo que tem como horizonte a capacitação de sujeitos para atuarem ativamente no movimento de produção de cultura nos diversos espaços e territórios em que estão inseridos, direcionado para jovens em contextos periféricos. A turma estava passando por um processo de imersão durante essa semana de abril, onde puderam ter contato com diversos profissionais do ramo em questão.

No sábado, 09 de abril de 2022, a ideia era pensar a produção de eventos gratuitos e com realização em espaços públicos, por isso a presença de Tom Grito. Essa se justifica pela sua experiência na produção e organização de eventos com esse perfil e característica de longa data. Podemos pontuar sua atuação nos eventos do *Slam* das Minas (RJ) desde 2017 como uma destas produções. Mas seu envolvimento com a produção cultural já tem registro desde 2013.

Tom Grito organizou uma dinâmica tendo como finalidade central despertar a imaginação e a possibilidade de pensar os percalços e os percursos do movimento de produção cultural na rua. Feito uma oficina, Tom deu as instruções ao grande grupo: dividi-los em grupos com até 10 pessoas e juntos as/os integrantes dos grupos deveriam criar um evento. Agora o movimento caminha na descrição aproximada da atividade proposta. Sigamos.

Sobre a orientação dos eventos: precisavam ser gratuitos, de livre acesso e com realização no espaço público. Algumas questões podem ser colocadas se manifestamos um certo ar de desconfiança perante a naturalidade dessa escolha de orientação. A primeira poderia ser: o “caráter gratuito” e “de livre acesso” podem ser concebidos como sinônimos? Existem tramas que não estão postas a princípio nessa situação? A segunda questão vai ao encontro da primeira, mas com um tom que se preocupa com a dimensão simbólica nas escolhas. Trata-se da questão que

poderia ser sintetizada com a pergunta: Qual a importância da escolha pelo espaço público? Como bem nos orienta os escritos de geógrafas/os: a escolha do lugar importa, ou melhor dizendo: o lugar importa. Partindo de uma curiosidade que desconfia da pretensa naturalidade pela qual essa questão se dá, surge uma orientação de método, uma preocupação melhor dizendo, sobre as escolhas. Penso que só esse primeiro ponto já nos dá a possibilidade de imaginar concepções de espaço promissoras, como bem apontam Massey e Keynes (2004).

Essa dimensão, a busca pela produção e organização de eventos de livre acesso, é uma orientação que nos permite pensar um campo amplo de discussões. E é importante pontuar que a questão é mais complexa do que a lógica da compra de mercadorias, concebendo o acesso à cultura também como uma mercadoria, dinâmica que se destaca no contexto da Sociedade do Espetáculo nos termos de Guy Debord (2007). Aqui podemos apontar uma questão que até então não havia surgido enquanto buscava pensar sobre a produção dos eventos. Trata-se das diferenças ou das implicações a respeito do acesso, para além da possibilidade de pagar por ele propriamente dito. Um caminho que se aponta é a questão da sociabilidade, ou em termos mais objetivos, a percepção que os outros tem sobre nossa presença.

Ainda, ao questionar Tom Grito sobre a escolha pelos espaços públicos, ele pontuou sobre a intencionalidade por trás do ato. O poeta mencionou que a escolha por esse lugar é orientada pela busca de acolher todo tipo de público, sinalizando para o desejo de acolhimento de pessoas em situação de rua. Nesse sentido, em termos de organização territorial, a escolha pelas ruas e o ato de sentar-se no chão em formato de roda, é apontado por Tom Grito como gesto que sinaliza para o desejo de não hierarquização do público que frequenta. Assim, como pontuou o poeta, “uma mina privilegiada da zona sul e uma pessoa em situação de rua podem usufruir do mesmo espaço e espetáculo”. Essa discussão é desdobrada também por Letícia Brito (2019)⁶, que, aponta que, após o brutal episódio de violência contra a parlamentar Marielle Franco em 2018, o Coletivo sentiu medo em continuar suas ações de ocupação política das ruas, optando pela realização em aparelhos culturais como o hall do Museu do Amanhã, o Museu de Arte do Rio de Janeiro e o Parque Lage. Entretanto, a percepção obtida pelo Coletivo de que mesmo sendo gratuito a

⁶ Informação fornecida por Tom Grito em um artigo sobre ações culturais e coletivos que tensionam os sentidos da cidade.

localização ainda intimava algumas presenças, aos poucos, em 2019, o grupo retomou sua atuação nas ruas.

Em termos de objetos necessários para sua realização, alguns itens são apontados. Para se concretizar, o evento demanda de um ponto de acesso a luz elétrica. Esse de longe é o objeto que se faz mais necessário em nosso período, afinal, nossa capacidade de ação diminui consideravelmente quando não dispomos dele. Aqui é onde o uso tático ou a possibilidade de surfar na corda bamba que é a vida se apresentam com mais clareza. Dificilmente o acesso luz elétrica se dá pelos moldes jurídicos e burocráticos. Para consegui-la, surge como necessidade um conhecimento considerável sobre o local em questão, ou meios, alternativos em sua maioria, de como conseguir obter tal acesso. É nesse momento que o capital social pode vir muito a calhar. Mas aqui sem dúvidas o que se demanda com mais intensidade é a força de um gesto, uma ação de caráter específico. Trata-se de uma ação orientada à caminho da solidariedade. Essa cujo ausência tem sido sua maior presença no cotidiano, como discute Ribeiro (2013).

Esse dia em especial foi marcante para a descoberta de dimensões até então não refletidas como a preferência política pelos espaços públicos como tentativa de democratizar o acesso aos eventos, bem como a questão sobre os meios necessários para sua materialização.

2.1.5

Relato de Campo: Sarau Comuna Deusa no Boulevard Olímpico (02/07/22)

Figura 5 - Festival TriboQ Pride Festival.



Fonte: Instagram @slamdasminasrj.

Depois de um longo inverno, retomo à prática de ida a campo. Acredito ser importante compartilhar com aqueles que me leem uma certa angústia experienciada por esse lugar que ocupo. Falo aqui da dificuldade de acompanhar o movimento do real pela necessidade de refletir sobre ele. A aproximação com a chegada do momento de qualificação, somada à rotina de trabalho enquanto docente, por vezes me colocam na necessidade de renunciar diversas coisas, dentre elas, uma presença mais assídua nos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

Começamos com a circulação da informação sobre o evento que ocorreu no sábado 02/07/2022. A partir de uma publicação em seu perfil na rede social *Instagram*, na sexta-feira, 01/07/22, o Coletivo *Slam* das Minas convocava seus “seguidores” para acompanhá-las em sua agenda de programação para o final de semana. Tratava-se da participação do Coletivo em um evento nomeado como “*TriboQ Pride Festival*”, com programação multiartística, audiovisual, além de um incentivo ao empreendedorismo e ações de conscientização na região do Porto

Maravilha. Buscando mais informações sobre o evento⁷, descubro que tais ações foram de iniciativa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro para celebrar o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+. E mantendo a tradição do que poderíamos chamar de “legado olímpico da cidade”, a iniciativa da Prefeitura⁸ teve o apoio da iniciativa privada, agora somado à participação de um movimento social.

O evento em questão pode ser descrito como um *detour* nas dinâmicas de sociabilidade que se materializam nesse espaço da cidade. Espaço esse que passou por um contraditório processo de refuncionalização, e que hoje serve como mais um espaço de lazer pensado e pautado na dinâmica da reprodução das relações de produção, servindo como ambiente propício para o estímulo ao consumo, nos termos de Lefebvre (1991). Falamos em “desvio” porque essa ação de apropriação de um espaço específico da cidade tinha como horizonte o “uso” daquele espaço, e não a efetivação de trocas mercantis. Uso esse produzido a partir da prática do culto a poesia falada (*spoken word*), uma ação que pode ser concebida como tática que busca, a partir da palavra, externalizar algo que para muitos é motivo de angústia constante. Acredito ser possível pontuar que as críticas ao racismo e ao sexismo estruturantes do cotidiano estão presentes com frequência no que podemos chamar de poesia-denúncia feitas por integrantes do Coletivo.

O nexos que unia o pequeno grupo que ali se encontrava - contei por volta de 20 pessoas no total - era o desejo de ouvir um pouco de arte. Um combustível para suspender, mesmo que de forma momentânea, os incômodos latentes. Estávamos todos ali, compartilhando o efêmero momento de construção da restituição do valor de uso daquele espaço. Mas não qualquer uso: um uso pensado para ser uma ação política. Falamos aqui de um encontro de corpos e vozes potentes. É nesse sentido que se faz necessário ressaltar que o protagonismo era de mulheres negras e de pessoas LGBTQIA+ que, a partir de suas poesias, compartilhavam com aqueles que ali se encontravam inquietações sobre essa realidade tão injusta. Impossível deixar

⁷ “O TRIBOQ PRIDE FESTIVAL 2022, o maior festival PRIDE do Rio de Janeiro, acontece com 6 dias de uma programação múltipla e gratuita voltada para a comunidade LGBTQIA+ e a cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 28 de junho a 03 de julho, no mês do Orgulho LGBTQIAP+. O evento contará com a ocupação de uma área estratégica da cidade do Rio, o Porto Maravilha, integrando música com experiências audiovisuais; informação e sensibilização; empreendedorismo; empregabilidade; artes plásticas e dança.” (Triboq, [s.d.]).

⁸ “TRIBOQ PRIDE FESTIVAL 2022, apresentado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, conta com uma rede de parceiros e apoiadores, através de uma grande mobilização conjunta que integra a iniciativa privada, o poder público e o movimento social organizado para atender um público estimado em 115 mil pessoas ao longo de todos os dias.” (Triboq, [s.d.]).

de observar as entonações, os movimentos corporais, a voz carregada de revolta e os olhares expressivos das poetisas. Essas são algumas das características centrais do agir poético presente nos discursos produzidos pelas poetisas do Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

2.1.6

Relato de Campo: Aniversário de 5 anos do Coletivo, Centro (09/07/22)

Figura 6 - Convite Aniversário de 5 anos do Slam das Minas RJ Convite Aniversário de 5 anos do Slam das Minas RJ



Fonte: Instagram @slamdasminasrj

O evento de comemoração de 5 anos do Coletivo *Slam* das Minas (RJ), que ocorreu no sábado, 9 de julho de 2022, na realidade, tinha outro dia marcado, duas semanas antes. Mas, por questões de ordem naturais e externa, teve de ser adiado. Falamos aqui da limitação em relação a realizar um evento na rua em um dia cuja previsão do tempo sugeria chances altas de chuva. O mesmo meio que foi utilizado pelo Coletivo para convidar todas para a festividade, também foi acionado para comunicar o adiamento do evento. A plataforma da rede social *Instagram* pode ser concebida como ferramenta tática de comunicação do Coletivo, sendo de fundamental importância para divulgar os projetos e as ações, tanto na temporalidade do presente, como também as atividades futuras. É por lá que eu, e qualquer pessoa interessada em conhecer os passos do Coletivo *Slam* das Minas, se informa sobre as ações e os próximos passos do grupo.

Feito esse breve desvio, retomamos com a questão do motivo de comemoração da festividade. Falamos aqui da permanência do grupo. Sabe-se que para um Coletivo conseguir permanecer unido e em atividade, por si só, já é um motivo de comemoração. Ainda mais pensando o fato de que nesse percurso de tempo, o mundo foi afetado por uma pandemia, com diversas vidas sendo interrompidas, junto a exigência de drásticas mudanças em nossa sociabilidade e no cotidiano. E 5 anos não são 5 meses. Assim, o evento em questão tinha como tema: “Arte: demarcando e atravessando as fronteiras do território”, o que nos permite pensar a disputa de sentido nas ações culturais empreendidas naquele local. De entendimentos múltiplos, quem passa de longe pode conceber tal ato apenas como uma reunião de um grupo de mulheres. Quem se achega consegue perceber afeto, alegria compartilhada, emoção, além do encontro de muitas trajetórias.

Cabe pontuar também que o espaço em questão se trata de um *lócus* amplamente regulado e disputado - falamos aqui da rua, esse espaço que a um só tempo tem a possibilidade de apresentar as urgências e as utopias. A ocupação das ruas como horizonte utópico do Coletivo mira a superação da invisibilidade desses sujeitos em questão, bem como o estímulo de encontro e afetos, como é descrito na página oficial do grupo (Slam das Minas (RJ), [s.d.]). Mas a questão que mais chamou atenção na presença do evento foi a busca por tornar aquele lugar um espaço seguro para as mulheres [héteros, lésbicas, bis ou trans] e para pessoas *queer*, *agender*, *não bináries* e homens trans.

Nesse sentido, o afeto mobilizado pelo Coletivo pode ser concebido a partir da busca por criar uma espacialidade, mesmo que transitória, capaz de fornecer aos sujeitos que participam o afeto de sentir-se confortável para ser quem se é nos espaços. Falamos de liberdade em sentido amplo, um sentimento amplamente ansiado. E se fosse para elencar o afeto mais pulsante nas minhas idas aos eventos produzidos pelo Coletivo, esse de fato ganha notoriedade.

A Praça da Harmonia, no bairro da Gamboa, área central da cidade do Rio de Janeiro, foi escolhida para o evento de comemoração. De um simbolismo marcante, as imediações deste local foram palco de uma história marcada por violências e genocídio de tantos homens e mulheres vindos de África. Essa praça em questão, localiza-se bem próximo do assim chamado “Cais do Valongo”, local onde durante o período escravagista da história do Brasil eram dispostos os corpos daqueles que chegavam ao cais e morriam, antes de serem comercializados como

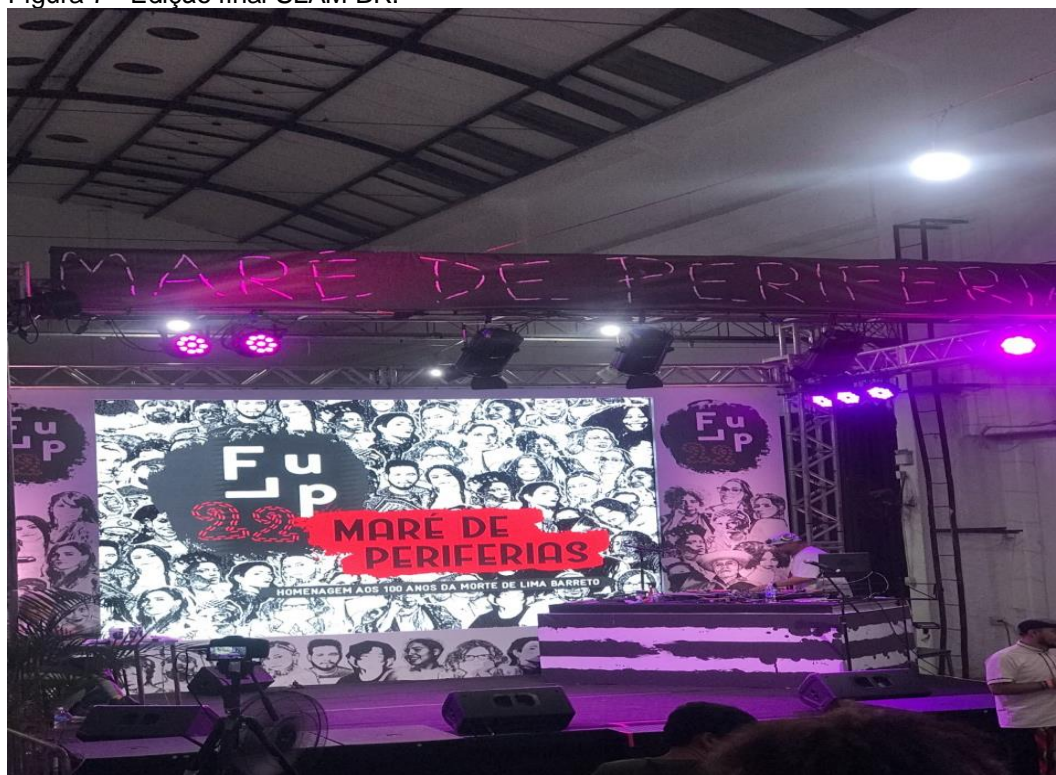
mercadorias. Tendo em vista esse passado que se prolonga seja em objetos, como também em ações, urge ações de resistência que construam novos significados para esse lugar marcado de sangue, suor e lágrimas.

O destaque em questão para esse evento ficou para a percepção do público em questão, nos convidando a refletir sobre o ponto da segurança em relação a possibilidade de expressar livremente afetos que tensionam a lógica heteronormativa, bem como sobre a presença majoritária do público feminino.

2.1.7

Relato de Campo “Flup 2022 – Festa Literária das Periferias: Maré de Periferias” (09/12/22).

Figura 7 - Edição final SLAM BR.



Fonte: Acervo pessoal

Esse relato buscará tecer conexões, proximidades e notar as diferenças entre o evento de âmbito nacional da prática do *SLAM* e aqueles que nessa pesquisa acompanho, refiro-me aqui aos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ).

O evento em questão não é especificamente daqueles que venho acompanhando ao longo dessa pesquisa, aqueles promovidos pelo Coletivo *Slam*

das Minas, mas sim a edição final do “SLAM BR”, o Campeonato brasileiro de poesia falada que aconteceu em consonância à FLUP. Conforme as informações disponíveis no material disponibilizado pelo evento⁹, o SLAM BR é o maior campeonato brasileiro de poesia falada do Brasil e pela primeira vez foi realizado no Rio de Janeiro, no Centro de Artes da Maré de 06 a 09 de dezembro de 2022. Além dessa mudança no local de ocorrência, antes realizado em São Paulo, o destaque do evento é que quem vencer o SLAM BR representará o Brasil no “Abya Yala - Copa América de *Poetry Slam*”, que também aconteceu durante a FLUP, de 09 a 11 de dezembro.

Um dos destaques da atividade vai para a localização dos sujeitos que participaram na condição de poetas. Marcado para ocorrer às 20h, quando chego no evento estava acontecendo as etapas classificatórias da Copa “Abya Yala” e me surpreendo com a apresentação de uma poeta chilena. Na busca da superação das limitações linguísticas, a produção do evento disponibilizou a letra da poesia que estava sendo performada em transmissão simultânea, buscando desse modo uma ampliação da capacidade comunicativa daquela apresentação poética.

Além disso, o que podemos sintetizar como “estrutura” do evento também merece um destaque especial. Nos termos de Santos (1996), os objetos técnicos utilizados pelo evento foram capazes de permitir uma melhor experiência sonora, audiovisual e performática, bem como a preocupação em tornar aquela experiência inclusiva para o público. Bem ao centro fora construído um palco, uma estrutura digna de grandes eventos, como um show. Nas laterais, telas com transmissão simultânea em Libras permitam que as mensagens fossem comunicadas para um número maior de expectadores. E em termos de sonorização, o evento contava com uma boa estrutura de microfones e caixas de som potentes que permitiam ouvir com clareza as poesias que estavam sendo performadas.

O Centro de Artes da Maré tem um formato semelhante a um galpão fabril. O palco se encontrava bem ao meio e foram dispostas arquibancadas nas laterais e cadeiras posicionadas em frente ao palco, similares a organização de um teatro. Aquela espacialidade construída não pode ser concebida apenas como um palco onde a ação se deu, mas era parte constitutiva de toda aquela experiência que extrapola os limites da escrita e coloca a literatura como uma ferramenta para

⁹ Material gráfico impresso distribuído pela organização do evento no dia (09/12/2022).

refletir e tensionar aspectos do cotidiano. Pude notar uma celebração coletiva, uma vibração com as notas após a apresentação de cada poeta, bem como a tensão e comemoração com as performances. Nos eventos de *SLAM*, a participação do público é pesa chave, e naquele dia não foi diferente. Não consegui contar com precisão, mas o evento estava cheio, tendo ao menos umas 100 pessoas.

Acrescenta-se ainda a diversidade de localizações dos (das; dxs) poetas. No material impresso disponibilizado pelo evento era possível conferir o Estado de origem, o nome artístico dos (das; dxs) poetas e seu usuário do *Instagram*. A amplitude geográfica me chamou atenção: estavam classificados representantes de 18 Estados brasileiros, do Acre ao Paraná. Cabe mencionar aqui que não sabemos se é fornecido algum tipo de ajuda de custo por parte do evento para o deslocamento e instalação daqueles indivíduos que irão “batalhar”, questão essa que fica como sugestão para pesquisas futuras.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a multiplicidade de experiências que foram compartilhadas ali. Apêaga (@apoetapeaga), travesti e representante de São Paulo, fazia severas críticas aquilo que é concebido como heteronormatividade, nos termos de Butler (2016), mas também falava da importância da construção de uma identidade positiva e da necessidade do cultivo do autoamor como prática de resistência, nos lembrando das reflexões de hooks (2019a) em “*Erguer a voz*” sobre o processo necessário para a construção de uma luta política mais ampla.

Indo nessa mesma direção, Bê Machado (@soubemachado), pessoa trans masculina e representante do Rio Grande do Sul, apontava para problemas estruturais da sociedade brasileira em relação a baixa expectativa de vida que pessoas trans vivenciam no contexto brasileiro. Seus versos cortantes falavam do quanto os corpos de pessoas trans são concebidos como corpos-públicos, alvo constante de olhares e discriminação. Mas falava também do quanto seus versos lhe possibilitavam um meio de externalizar suas angústias, e se constituir enquanto poeta de profissão, ansiando um futuro melhor. Acrescenta-se também as críticas feitas pelo poeta Malokeko (@malo_keko), representante de São Paulo que sinalizava para o desconforto que observava no conteúdo de algumas poesias no *Slam*, com ênfase apenas na dor, transformando o verso numa verdadeira UTI. Malokeko compartilhava ali o seu desejo e o estímulo para que os(as) poetas buscassem falar de outras dimensões da vida, falassem sobre seus sonhos e ansiando uma superação da escrita que dói.

E o momento mais esperado da noite, a rodada final com os dois poetas que obtiveram as maiores pontuações foi calorosa. Por motivos de empate, novas rodas foram organizadas entre os finalistas, como consta nas regras da brincadeira, até chegar a maior pontuação obtida por apenas um. A final se deu entre o poeta Cotta! @ocotta, representante do Rio de Janeiro, e a poeta Matriarck @matriarck, representante de São Paulo. E os burburinhos que ouvi e percebi pelo evento sinalizavam para a percepção de favorecimento do júri para o representante do Rio de Janeiro, afinal: “estávamos em casa”. Minha torcida estava para a poeta com os seus versos potentes e suas críticas poderosas.

A poeta Matriarck demonstrou ampla experiência da arte da poesia falada, usando seu corpo e movimentos, junto a diferentes entonações de sua voz para mobilizar os afetos do público. Sua poesia falava da experiência e de suas vivências nesse lugar de mulher negra e periférica. Com denúncias sobre ao feminismo de “livre mercado”, até sobre um relacionamento abusivo com alguém também inserido na “cena” do *Slam*, os versos de Matriarck politizam a esfera dos afetos e o campo da intimidade. Suas rimas teciam críticas ao patriarcado, ao racismo e à opressão capitalista, mas com ampla consciência da necessidade de um empoderamento a partir desse lugar, dessa identidade.

Já o poeta Cotta! em suas apresentações era possível notar forte influência da cultura do Rap, pela forma de performance e o seu conteúdo, atrelado em grande medida as críticas à violência de Estado. Cotta em seus versos sinalizava para a experiência de ser favelado no contexto de militarização das favelas do Rio de Janeiro. Denúncias à opressão racista e classista da violência estatal podem ser apontadas como a síntese de suas poesias cortantes, motivo este que talvez tenha sido o fator central na sua vitória na batalha final.

A ida ao evento foi interessante para perceber o quão viva e potente se encontra a literatura periférica. Com versos potentes, a juventude sinaliza para as articulações profícuas entre arte, política e liberdade de expressão. Ansiando futuros melhores e uma construção positiva de identidade, poetas de diversos cantos do país apontam para outras formas criativas de narrar a vida na metrópole.

2.2

Mas afinal, o que é um Slam? Primeiras aproximações: Um movimento insurgente de caráter poético

Buscando tecer nexos entre teoria e prática, esta reflexão tem como materialidade a produção de eventos de *Slam* pelo Coletivo *Slam das Minas* (RJ). Essa ação pode ser lida enquanto uma forma de apropriação de espaços da cidade do Rio de Janeiro por meio de intervenções artísticas. É preciso enfatizar que os eventos produzidos pelo Coletivo *Slam das Minas* (RJ) são sempre de caráter gratuito e com frequência realizados em espaços públicos. Nesse sentido, a questão da visibilidade, a política da diferença e os corpos em aliança em espaços públicos serão horizontes analíticos desta reflexão, em diálogo com as formulações de Butler (2018).

Cruzei pela primeira vez com um evento de *Slam* no espaço virtual promovido pelas *redes sociais*¹⁰ em meados de 2019. Encontrava-me num período importante de transição do percurso formativo, a finalização do trabalho monográfico. Debruçando-me sobre estudos da luta urbana pelo direito à cidade, com um olhar atento para o protagonismo das mulheres e suas reivindicações (Maia, 2019), fui questionada pela banca sobre o porquê da ênfase no caráter da dominação, e não nas resistências na discussão que estava propondo.

Encontrar essa ação me permitiu ampliar as possibilidades de leituras sobre as formas de ativismo na cidade. E foi justamente por reconhecer as potencialidades dessa reunião de corpos em prol de manifestações artísticas engajadas, com uma postura crítica diante da realidade, que embarquei na experiência de vivenciar de perto um evento nomeado pelos sujeitos que o constroem como “roda de *Slam*” ou “batalha de *slam*”.

A título de síntese, os *poetry slams*, ou apenas *Slams* como são conhecidos, corresponde a um movimento artístico de caráter urbano e periférico. Como protagonista da ação temos Mark Kelly Smith, na época um operário da construção

¹⁰ O vídeo tinha como título “VENCEDORA SLAM GRITO FILMES 2017 “GABZ”. Tratava-se da apresentação de um jovem em meio a Praça Mauá, área central da cidade do Rio de Janeiro, numa espécie de círculo formado pelos corpos que ali se encontravam. A poesia-denúncia de Gabrielly Nunes ou Gabz, pode ser descrita como uma ação que buscava romper com o silenciamento imposto para questões como o sexismo, o racismo e a objetificação das mulheres negras na sociedade brasileira. Ver: Vencedora, 2017.

civil e poeta, que em 1986, no Green Mill Jazz Club, um bar situado na vizinhança da classe trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos, criou uma espécie de apresentação que combinava “poesia dadaísta, cabaré, experimentação musical e arte performática” (Somers-Willett, 2009, p. 3). Uma ação que contou com a colaboração de outros artistas, e que foi se construindo até alcançar uma espécie de forma ou esquema que é reproduzido mundialmente hoje. Nesta (re)produção, mantem-se os princípios fundantes, a ideia de uma poesia corporificada, mas estando também aberto para as singularidades e particularidades das conjunturas em que nasce. Como conta Roberta Estrela D’Alva (2011, p. 120), o desejo pelo qual a ação de Mark foi motivada era uma tentativa de “popularização da poesia falada [*spoken word*] em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos”.

Atualmente, o movimento tem se convertido numa espécie de ágora contemporânea, um lugar onde são colocados em evidência e convocados para a reflexão questões do cotidiano, com destaque para seu caráter artístico, mas também político. O *Slam*, como é nomeado, trata-se de uma: “auspiciosa junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária [...] celebrados em comunidades no mundo todo, com realidades completamente distintas (Id., 2019, p. 271). Um elemento central do *Slam*, ou o sentido que mais se destaca nessa ação, é a ideia de democratizar o acesso à poesia enquanto princípio. Outra característica marcante no *Slam* é a subversão da concepção de que as poesias devem existir apenas enquanto manifestação escrita (Ibid.).

Pesquisando a temática e vivenciando “a cena” há mais de dez anos, Roberta Estrela D’Alva¹¹ é um importante nome quando se fala em *Slam* no Brasil. Roberta é uma mulher negra, pesquisadora, *slammer*¹² e ativista responsável por trazer essa prática para o Brasil, idealizando o primeiro *Slam* nacional¹³, o ZAP! – Zona Autônoma da Palavra. Para a autora, definir o *Slam* não é uma tarefa simples, pois, ao longo dos anos, essa prática cruzou as fronteiras da literatura, constituindo-se hoje para além de um acontecimento poético, sendo também “um movimento

¹¹ Nome artístico da pesquisadora Roberta Marques do Nascimento.

¹² *Slammer* é o termo utilizado para nomear às/os poetisas que participam do *poetry slam*.

¹³ A primeira edição do ZAP! - Zona Autônoma da Palavra foi realizada em 2008, na cidade de São Paulo, pelo Núcleo de Depoimentos Bartolomeu. Realizado em um espaço privado, porém constituindo-se como um evento de caráter gratuito.

social, cultural, artístico [...] celebrado em comunidades em todo o mundo” (D’Alva, 2011, p. 121)

Segundo a autora, os *Slams* podem ser definidos como uma competição de poesia falada (*spoken word*), um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, bem como uma forma de entretenimento (Ibid.).

D’Alva (2011) argumenta que os grupos que praticam o *poetry slam* podem ser nomeados a partir do termo “comunidade”. Segundo a autora, a escolha do termo vai ao encontro do sentido partilhado entre os grupos que se organizam coletivamente em torno de um interesse comum, a celebração da livre expressão poética e o debate de questões referentes ao cotidiano marcado por injustiças sociais. Para se configurar como um *Slam*, existe um conjunto mínimo de normas e regras, pensadas pelos fundadores do movimento, mas que não são dogmas ou verdades cristalizadas, permitindo adaptações de acordo com os contextos que se inserem e os horizontes objetivos de cada grupo. D’Alva (2011) fala da existência de uma “vocação comunitária” dentro dos *Slams*, e que mesmo existindo um cenário de competição, ela não é orientada para a glorificação de algum poeta em detrimento de outro, tendo como propósito a celebração de todos(as) poetas participantes e das respectivas “comunidades” da qual fazem parte.

Possuidor de uma configuração específica, um dos destaques desta ação/movimento é o seu formato similar a um jogo ou, nos termos usados por D’Alva (2019), um “jogo cênico”. Torcida, emoção, sensibilização a partir das palavras são traços marcantes desse encontro. O público longe de ocupar um lugar de passividade é parte fundamental nesse acontecer, tendo como marca a constante interação entre poeta-público. Percebe-se nos eventos uma escuta atenta e ativa, onde por meio de gritos, palmas, estalar de dedos e sons do público presente nos eventos demonstram para a(o) poeta o quanto seus discursos têm a capacidade de tocá-los. Outro destaque importante nesta ação é o caráter gratuito dos eventos de *Slam*.

Enquanto uma espécie de “brincadeira”, o *Slam* possui um conjunto de regras que lhe imprimem uma singularidade. São elas: as(os) poetas precisam ter três poemas de sua autoria, a duração precisa ser de até três minutos e no momento da apresentação, a mesma tem de ser realizada sem acompanhamento musical, adereços ou figurinos. São necessários três poemas em razão das três rodadas

eliminatórias até eleger a(o) vencedor(a). Uma outra especificidade do movimento é em relação ao júri da competição ou da “batalha”, como se utiliza nos *Slams*. Os jurados são escolhidos de forma aleatória entre o público participante e são convocados a atribuírem notas de zero a dez para a performance das/dos poetas. Nos eventos a participação do público é muito incentivada, essa que pode ser visualizada por meio das comemorações, das vaias ou da vibração calorosa com as notas atribuídas pelo júri popular às poesias narradas com a voz e o corpo (D’Alva, 2011; 2019). O *slammaster* explica que, apesar da atribuição de notas aos poemas, o movimento não acredita na hierarquização das poesias, que esta prática faz parte da configuração dos *Slams*, mas que tudo não se passa de uma brincadeira.

O momento de apresentação das poetas, que é efêmero e vibrante, cativa a atenção dos ali presente. Os corpos daquelas(es) que se encontram no lugar de espectadoras(es) fazem do chão uma espécie de arquibancada. A poeta antes de se apresentar é convocada por uma espécie de grito de guerra, onde cada grupo ou coletivo que promove a organização dos eventos de *Slam* tem um específico. Esse grito de guerra é feito uma assinatura ou a identidade daquele grupo, sendo significativo para os Coletivos. Esse grito é evocado por quem se encontra no lugar de *Slammaster*¹⁴. No caso específico do Coletivo Slam das Minas (RJ) sua forma é: “eu digo, *slam* vocês dizem!” e o público grita “Minas!”. Um gesto representativo que busca ao mesmo tempo chamar atenção para a poeta e propor uma interação com o público, tão importante para o acontecer dessa ação. Uma sinergia e uma vibração calorosa são produzidas, possível de ser reconhecida por meio dos olhares atentos para o centro da roda. Os textos das poetas que se apresentam no *Slam* das Minas (RJ) são majoritariamente engajados politicamente, embora isso não seja um pré-requisito (Veloso et al., 2019, p. 5).

Partilhando da sistematização de dados produzidos em sua tese de doutoramento, Roberta Marques do Nascimento (2019)¹⁵, com tema *Vocigrafia*, apresenta o último levantamento feito pelo SLAM BR¹⁶, apontando para a

¹⁴ No meio dos *Slams*, a pessoa que ocupa esse lugar é nomeada como Mestre de cerimônia, ou *Slammaster*, tendo por responsabilidade apresentar as poetas ao público, contabilizar as notas dadas pelos jurados ao final de cada apresentação realizada e conduzir a organização geral do momento da batalha de poesias.

¹⁵ Atende pelo nome artístico de Roberta Estrela D’Alva, já citada neste trabalho anteriormente.

¹⁶ Campeonato Brasileiro de Poesia Falada.

existência de 210 *Slams* em 20 estados brasileiros¹⁷ em 2019, associados a contextos periféricos. A também pesquisadora do tema, Tayná de Sá (2021, p. 5), aponta que temas sociais como violência, preconceito, questões ligadas à sexualidade e o sentimento de baixa representatividade política possuem destaque nos *Slams* brasileiros.

Com destaque para o recorte de gênero, como é o caso dos grupos como o *Slam das Minas*, temos uma organização cujo objetivo central é acolher e dar protagonismo às vozes de artistas mulheres. O destaque para as poesias escritas por mulheres, que também são percepções de mundo a partir de uma corporeidade específica, teve início em Brasília no ano de 2015. O *Slam das Minas* é uma batalha de poesia falada, organizado e disputado por mulheres¹⁸ em diferentes localidades do Brasil. Esse movimento também é concebido enquanto grupo ou coletivo que se (re)produziu em outros lugares para além do seu lugar de origem. Tal como uma explosão potente, fragmentos desse fenômeno espalham-se feito sementes em diversas cidades do Brasil. Chega a São Paulo no ano seguinte e floresce no Rio de Janeiro em 2017. Atualmente o Coletivo está presente em 17 estados brasileiros, como aponta De Sá (2021).

No *Slam das Minas* (RJ), a poesia ganha um uso tático, transformada em instrumento subversivo é utilizada como meio de denúncia de opressões como o patriarcado, o racismo, o sexismo e a homofobia. E assim, por meio de rimas, poesias e cantos, mulheres negras e pessoas trans tem tecido críticas às experiências de conviverem com um cotidiano insuportável enquanto buscam elaborar formas criativas de resistência. Assim, sinalizamos para uma ação que articula a um só tempo as queixas e exigências de um existir marcado por tantas injustiças sociais a partir da representação de corpos que se reúnem em espaços públicos e fazem da poesia e de sua arte um gesto político.

¹⁷ Segundo o levantamento, apenas os estados de Roraima, Amapá, Maranhão, Piauí, Tocantins e Goiás não contam com a presença de *slams*.

¹⁸ No contexto da nossa pesquisa, cabe pontuar a especificidade do Coletivo que organiza o *Slam das Minas* no Rio de Janeiro. O Coletivo *Slam das Minas* (RJ) é composto por mulheres e pessoas trans. Tom Grito, integrante do grupo desde sua fundação, se identifica enquanto pessoa trans não binária.

2.3

Ativismo na cidade, insurgência e as ações do Coletivo Slam das Minas (RJ)

Buscando tecer nexos entre teoria e empiria, essa reflexão tem como inspiração as ações do Coletivo *Slam das Minas* (RJ). Falamos aqui de uma ampliação das possibilidades de leituras sobre as formas de ativismo na cidade. A título de síntese, as ações do Coletivo sinalizam para a necessidade de reconhecer as potencialidades dessa reunião de corpos em prol de manifestações artísticas engajadas, com uma postura crítica diante da realidade, por meio de intervenções artísticas.

Diante disso, apesar do termo ser de conhecimento no senso comum, Coletivo, ou como preferem alguns, Coletiva, é cabível pontuarmos o que está sendo concebido aqui como tal. Como discutido por Cláudia Paim (2009, p. 11 apud Da Silva, 2022, p. 612),

Coletivos são os agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. O processo de criação pode ser inteiro ou parcialmente compartilhado e buscam a realização e visibilidade de seus projetos e proposições.

Em diálogo com as proposições da autora, Juliana da Silva (2022, p. 612), que fala desse lugar de artista, pesquisadora e integrante de um coletivo de mulheres poetisas no sul do Brasil, aponta para a ideia de que um coletivo pressupõe vínculos entre seus membros, que em geral: “resultam de um compartilhar de desejos, angústias, opressões, projetos de vida, identidades, formas de ser, sentir e estar no mundo”. E essa coletividade, construída a base de objetivos comuns e ação conjunta, não pode ser resumida tendo como horizonte a produção de uma obra de arte. Muitas vezes, o foco de um coletivo são as relações sociais e os processos de trabalho que ali se estabelecem, como aponta a autora (Ibid.).

Assim, como argumenta autora, a existência e a saúde do coletivo costumam ocupar o lugar de centralidade dentro dos objetivos principais, “de modo que os trabalhos artísticos e a busca por visibilidade tornam-se o resultado do debate de ideias, da troca de experiências, da escuta atenta, do respeito ao lugar de fala, do tecer relações, do desejo de justiça” (Ibid., p. 612). Desta maneira, como defende a

autora, podemos dizer que há uma estreita relação entre coletivos de arte e ativismo.

Pesquisando a arte ativista e a ação coletiva, André Mesquita (2008) argumenta, segundo Da Silva (2022), que a arte ativista pode ser concebida como aquela que se propõe a criar outras formas de emancipação do sujeito a partir da conexão e da produção de posicionamentos éticos e estéticos, somado a movimentos de contestação. E cabe pontuar que é possível traçar relações entre uma certa emergência ou fortalecimento de coletivos artísticos ativistas e conjunturas que apontam para uma estagnação política e com retrocesso de direitos. Nesse sentido, em certa medida, os coletivos artísticos são “uma resposta colaborativa a condições históricas específicas, a momentos de grande insegurança política e social, ou a momentos de cerceamento das liberdades e estreitamento do horizonte cultural e social” (Mesquita, 2008, p. 50 apud Da Silva, 2022, p. 612). E como aponta o filósofo Henri Lefebvre (1991), arte, cotidiano e política têm estreitas relações; por isso, não é raro visualizar coletivos artísticos abordando questões políticas em suas ações.

Quando concebemos o espaço e o caminhar da história como sistemas abertos, como sugerem Massey e Keynes (2004), em sentido de eterna construção, onde o destino ou os rumos da história não estão dados, podemos ter como horizonte a busca pela transformação de uma dada realidade. Esse desejo utópico, no sentido daquilo que ainda não é, mas pode vir a ser, exige a defesa de uma causa. E quando esse desejo está comprometido com a transformação radical da realidade posta, materializado em práticas políticas engajadas, podemos chamar tais ações de ativismo. Dessa forma, entende-se aqui atuação ativista como práticas organizadas de contestação ou de reação às pautas hegemônicas.

Como discutido por De Sá (2021), diante das ideias de Oliveira (2015), a arte enquanto meio de representação dispõe da possibilidade de materializar-se enquanto forma de expressão capaz de reproduzir aspectos culturais de determinada sociedade, como também ser uma mediação capaz de permitir aos sujeitos a elaboração de meios alternativos de resistência e expressão política. Nesse sentido, as produções culturais podem ser compreendidas como representações que elucidam, mesmo de maneira parcial, relações de poder estabelecidas, apontando para debates que são postos em evidência em torno da sociedade contemporânea por meio de produções artísticas. Especificamente por ser um dos meios de

expressão ligado às classes populares: “ganha corpo uma intrigante interface entre história, cultura, sociedade, protesto social e vida cotidiana” (De Sá, 2021, p. 3).

Além disso, como argumenta Da Silva (2022), ainda que a cotidianidade da sociedade capitalista pós-industrial seja marcada pelo apelo ao individualismo e da competitividade como valores éticos dominantes, é possível observar a emergência de coletivos de arte ativistas, estes que mobilizam pautas feministas, indígenas, antirracistas, decoloniais, anticapitalistas, como analisa a autora. Trata-se da emergência de coletivos de arte que surgem como reação à ideologia capitalista e à onda de regimes autoritários da contemporaneidade. Deste modo, esse processo pode ser concebido como um conjunto de ações coletivas situadas como políticas de vida, em contrapartida às políticas neoliberais que se expressam pela distribuição desigual e hierárquica das condições de uma vida vivível, nos termos de Butler (2018).

É nesse sentido que recorremos ao pensamento complexo de Butler (2004; 2010), a fim de pensar as possibilidades e potencialidades dos sujeitos enquanto agentes sociais complexos e em constante transformação. Na obra da autora, tanto o sujeito, quanto o espaço social ao qual lhe encontra situado, estão em constante transformação e produção, iluminando o horizonte da práxis. A dinâmica das relações de poder, enquanto constituintes e instituintes da vida social, não denota uma relação de fechamento pleno ou inação para os sujeitos, como argumenta Butler (2010, p. 19): “o sujeito não só se forma na subordinação, mas esta lhe proporciona a sua condição de possibilidade”. Desse modo, como argumenta Neiva Furlin (2013), a potência de ser sujeito, que corresponde a sua capacidade de produzir novos efeitos e sentidos a sua existência, localiza-se na sua própria condição de subordinação. Nas palavras de Butler (2010, p. 23 apud Furlin, 2013, p. 397):

O poder que dá origem ao sujeito não mantém uma relação de continuidade com o poder que constitui a sua potência (capacidade de ação). Quando o poder modifica o seu estatuto, passando a ser condição de potência, converte-se em a própria potência do sujeito (constituindo uma aparência de poder na qual o sujeito aparece como condição de seu próprio poder), se produz uma inversão significativa e potencialmente permitida.

É nesse lugar de subordinação que paradoxalmente surge também a possibilidade de potência, por meio da ressignificação das práticas e experiências que o sujeito dispõe. Nesta reflexão, defendemos que a arte é um dos meios possíveis do sujeito

atingir sua capacidade de agência - falamos aqui da possibilidade de alcançar meios de resistência e ação política.

Deste modo, interessa-nos perceber e analisar, tendo por influência as ideias de Da Silva (2022) sobre a atuação de Coletivos de mulheres artistas, a sensibilidade artística e a mobilização de afetos pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ), resultantes em ações concretas nos espaços da cidade. Como defende a autora, esses elementos são mobilizados e fluem na emergência de uma prática ativista. Assim, as ações do coletivo resultam numa costura entre ideias e práticas orientadas pela busca de constituir-se enquanto uma atuação política engajada. E como defende a autora, tais práticas podem ser concebidas como ações criadoras de espaços de aparição na sociedade capitalista (Ibid.), ou táticas produtoras de espaços de insurgência por meio da arte, como estamos sugerindo aqui.

A justificativa pela escolha de pensar a espacialidade das ações do Coletivo *Slam* das Minas está no fato de concebê-las como práticas que sinalizam que, mesmo diante do avanço da precariedade da vida, pequenos sinais de insurgência surgem no cotidiano, esse espaço que para alguns se assemelha a um eterno caminhar sob uma corda bamba. Por meio da arte, é possível encontrar ações que sinalizam para o anseio de criação de outras formas de narrar a vida urbana e seus problemas. Falamos aqui de uma representação criativa dos anseios e das angústias cotidianas materializadas a partir das poesias apresentadas nos eventos organizados pelo Coletivo *Slam* das Minas.

Em termos de projeto, o Coletivo *Slam* das Minas (RJ) aponta para os sentidos dessa ação em sua autodefinição, onde sinaliza que o horizonte de suas ações se situa na busca pela construção de “um espaço seguro e livre de opressões para o desenvolvimento da potência artística de mulheres (héteros, lésbicas, bis, pessoas queer, agender, não binários e trans)” (Slam das Minas (RJ), [s.d.]). Além desse caráter político de produção de espaços, o Coletivo reconhece a importância de ocupar as ruas para acabar com a invisibilidade dessas pessoas, bem como a possibilidade de estimular encontros e afetos a partir da construção desses eventos.

O Coletivo *Slam* das Minas trata-se, em diálogo com as proposições de De Sá (2021), de uma mobilização política de vozes e corpos, que se dão em grande medida a partir de produções artísticas e culturais. Por meio da literatura, da oralidade e da performance, essas ações se configuram enquanto formas de *Erguer a voz*, nos termos de hooks (2019a), tensionando as práticas de silenciamento

impostas, enquanto promovem a criação de espaços de aparição, constituindo-se enquanto possibilidades de trazer debates caros a nossa sociedade.

O Coletivo, que surgiu em 2017, tem como protagonistas mulheres, com presença majoritária negra, além de um integrante que se identifica enquanto pessoa trans não *binária*. É formado pelas poetas Andrea Bak, Genesis, Moto Tai, Rainha do Verso, Lian Tai e Tom Grito¹⁹. Conta também com uma equipe técnica, tendo a produção de Débora Ambrósia e Dj Bieta como responsável pela sonorização dos eventos promovidos pelo grupo. Cabe pontuar aqui que os eventos organizados pelo Coletivo têm um caráter de festa, de reunião e de celebração.

Sobre o conteúdo dos discursos, pode-se dizer que não são poesias distantes do cotidiano, mas uma que se faz por meio dele. Falamos de um cotidiano marcado pela distribuição desigual de poder e pela produção de situações de marginalidade impostas. As poesias compartilhadas nos eventos promovidos pelo Coletivo *Slam das Minas (RJ)* possuem em maioria um conteúdo autobiográfico e identitário. As(os) poetas declamam suas poesias por meio de performances poéticas e corporais, tendo como um dos sentidos de a ação levar ao lugar do “outro”, podendo ser concebidas como práticas que tem como horizonte tocar através da voz. Ao despertar a emoção e evocar sensações no público, a poeta com seus gestos torna possível um convite ao reconhecimento e a visibilidade para questões atuais urgentes.

Em termos gerais, aparecem com frequência temas como questões de gênero, racismo, machismo, negritude, críticas à violência do Estado, empoderamento feminino, direito à cidade, posicionamentos políticos, bem como a experiência de viver em situação de periferização. Nessa ação, o corpo e a palavra são os elementos centrais, onde a poesia falada é compartilhada com o público por meio de performances e diferentes entonações, buscando tocar através da palavra e por meio dela viabilizar momentos de estímulo a consciência crítica diante do que está posto.

O Coletivo *Slam das Minas (RJ)*, bem como outros eventos de *Slam* no geral, utilizam as *redes sociais* como instrumento de promoção para suas ações. No *Facebook*, utiliza-se da ferramenta disponível pela rede que é a possibilidade de

¹⁹ Em respeito às poetas, utilizamos aqui o nome artístico de identificação delas. Moto Tai corresponde à Taiane Ribeiro; Rainha do Verso corresponde à Rejane Barcelos. Tom Grito é pessoa trans não *binária*, que atende pelos pronomes ele/dele e este é seu nome social.

“criação de eventos”²⁰ para seus usuários. Já no *Instagram*, uma rede social projetada para ser um espaço onde seus usuários se comunicam a partir da postagem de fotos e vídeos, a dinâmica se difere um pouco do *Facebook*. A divulgação dos eventos nessa plataforma se dá a partir de uma “postagem”²¹ com o conteúdo. Essas duas ferramentas, ou espaços-virtuais, são acionadas pelo Coletivo como meio para promover os encontros em espaços materiais. E é a partir delas que temos uma ampliação das possibilidades de encontros, além da promoção de visibilidade para as pautas que se levantam nos eventos.

Uma outra especificidade em relação a plataforma *Instagram* é a possibilidade que o usuário tem de compartilhar em seu perfil um fragmento do momento que ele está vivenciando. Permitindo que mesmo aqueles que estão distantes desse espaço-tempo visualizem parte do fenômeno que está a ocorrer naquele instante e naquele lugar. Este artifício tem sido acionado pelo Coletivo na busca por compartilhar com aqueles(as) que não estão presentes, uma parte do que esta ação foi/está sendo. Esta dinâmica permitida pelo avanço do meio técnico-científico-informacional dá a possibilidade, mesmo com as limitações inerentes ao acesso à tecnologia, que mais pessoas contemplem a materialização daquela ação nos espaços da cidade. Num jogo de presença e ausência, este espaço-tempo virtual permite a criação de uma espacialidade virtual que dá a possibilidade daqueles que não se encontram materialmente no local, visualizarem a dinâmica e o acontecer desta ação, uma possibilidade de aumentar a visibilidade desta ação.

Em termos de memória das atuações do Coletivo, cabe pontuar que durante o período compreendido entre 2017 e 2019, os eventos denominados “*Slam* das Minas” enquanto batalha de poesia falada, ocorria de forma itinerante e mensal da cidade do Rio de Janeiro. E a ideia de promover um evento itinerante aponta para a busca por ampliar o acesso do público aos eventos, bem como a busca por democratizar o acesso à cultura nessa cidade que apresenta uma significativa inviabilização da mobilidade urbana de sua população.

²⁰ Os eventos podem ser públicos (qualquer pessoa com acesso à internet é capaz de encontrá-lo) ou privados (apenas os convidados escolhidos pelo criador do evento podem visualizá-lo). Nesse ato, o usuário pode fornecer informações como o local do evento, sua data e horário, bem como uma descrição sobre ele.

²¹ Ato de publicar uma foto (ou vídeo) em seu perfil da rede, através do qual o usuário conta com a possibilidade de escrever pequenos textos para acompanhar suas fotos.

Ainda, a escolha por ocupar as ruas, realizar os eventos em espaços públicos²², tal como o Largo do Machado ou a Praça Mauá, ambos localizados na região central da cidade do Rio de Janeiro, seguem uma escolha ideológica do Coletivo. Esta escolha sustenta-se no reconhecimento sobre a importância de ocupar as ruas e disputar os sentidos aplicados a ela, tensionar sua redução à mera via de circulação, pilar do projeto rodoviarista e da ideologia da velocidade e aceleração, típicas do capitalismo contemporâneo. Já o caráter gratuito dos eventos promovidos pelo Coletivo tem como horizonte de luta a conquista de equidade no acesso à cultura e possibilidade de protagonismo quando se discute o planejamento acerca dos espaços da cidade.

Um dos sentidos dessa ação, no nosso entendimento, refere-se ao exercício dos agentes sociais que almejam deslocar-se do lugar de meros consumidores passivos da cultura do espetáculo (Debord, 2007), com os sentidos reduzidos a mero consumo de mercadorias e suas representações, para ocupar o lugar de agente produtor de cultura. Cultura popular brasileira feita por mulheres, com destaque para mulheres negras, que em suas ações buscam tensionar os estereótipos que cerceiam e limitam nossas possibilidades de existência enquanto sujeitos de carne, osso e espírito.

O *Slam das Minas* (RJ) teve seu primeiro evento realizado no dia 23 maio de 2017, no Largo do Machado, Zona Sul do Rio de Janeiro. A escolha do lugar, segundo Tom Grito²³, idealizador do coletivo, se deu por algumas questões de ordem prática. Como conta Tom Grito (apud Brito, 2019, p. 61), uma das integrantes do grupo na época era residente do bairro, o que possibilitaria guardar os equipamentos necessários para a sonorização do evento, bem como sua relativa facilidade de acesso, já que o Largo do Machado fica próximo a uma estação de metrô, além de questões relativas à segurança pública, por ser um bairro localizado

²² Cabe salientar que a escolha por espaços privados não é a regra. Quando essa escolha é feita, leva-se em consideração algumas questões como a previsão do tempo para o dia do evento, acesso à infraestrutura tal como banheiros e acesso à luz elétrica, bem como questões de segurança e acesso via transporte público.

²³ Se autodefine como *Pessoa não binária transmasculine, utiliza pronomes masculinos e neutros (ele/elu/elle/él/he/they)* (Slam das Minas (RJ), [s.d.]) Sobre a criação do Coletivo, encontramos no site *I HATE FLASH* em matéria publicada em 2017 informação relevante para pensar o processo de des/re-construção de Tom Grito. Nesse sentido: "O Slam das Minas já acontecia em capitais como São Paulo e Brasília, e decidimos produzi-lo no Rio, à nossa maneira. "Mas quem somos nós, as minas?" Letícia, que tivera a ideia do slam, questionava a própria identificação com o gênero feminino (Bléia; Tai, 2017).

em uma “zona luminosa” da cidade, nos termos de Santos (2002), o evento poderia contar com uma boa iluminação pública, o que acaba por refletir numa maior sensação de segurança ao público em questão.

Figura 8 - Edição Final 2017 no Largo do Machado. Foto de Bléia Campos



Fonte: RedeNami, 2017.

Antes dessa ação ter sua materialização efetivada nesse espaço da cidade, um outro espaço precisou ser acionado e organizado - falamos da virtualidade, no sentido da artificialidade dos espaços-redes característicos da sociabilidade contemporânea. O que estamos chamando aqui de espaços-redes refere-se à ação de criação de eventos pelo Coletivo nas *redes sociais*. O entendimento reticular ou a configuração a partir da dinâmica da rede enquanto forma de interação e circulação facilitada de fluxos, se apresenta como caminho investigativo interessante para pensar a dinâmica da organização dos sujeitos sociais no tempo presente. Além disso, permite visualizar a extensão das ações do grupo e o prolongamento do seu campo de ação no que tange aos espaços-virtuais promovidos pelas Plataformas Digitais ou *redes sociais*.

Pensando o evento em questão, em termos de objetos mobilizados para a realização, as ações do Coletivo *Slam das Minas* têm como marca sua maleabilidade e flexibilidade. Esta configuração se dá mediante ao fato de as ações carecerem de poucos objetos para sua materialização. Como conta Tom Grito²⁴, são necessários o recurso de uma caixa de som e um microfone para ecoar as vozes, além de um acesso à energia elétrica. A demanda maior se dá pela presença física de sujeitos, onde o corpo e a voz são meios indispensáveis. Entretanto, cabe salientar, que por serem um Coletivo de artistas independentes, o grupo dispõe de poucos recursos financeiros para a realização dos eventos. Por isso, o apoio fornecido por meio das redes, no sentido de sociabilidade e ajuda mútua, é fundamental para a existência dessa ação horizontal e solidária.

Um outro aspecto cabe de ser ressaltado, no que diz respeito a localização dos eventos. Pode-se apontar que as ações do Coletivo *Slam das Minas* (RJ), bem como outros coletivos artísticos ligados a promoção de eventos culturais, acabam tendo como marca uma certa concentração dos eventos nas áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro, dinâmica associada à disposição desigual no que tange à existência de dispositivos ou aparelhos culturais nos espaços da metrópole, um fato que nos sinaliza para caminhos investigativos a respeito do debate sobre direito à cidade e acesso ao lazer.

Tratando-se do público em questão, é notório que a participação feminina é majoritária. Mulheres jovens compõem grande parte do público, mas também é possível reconhecer a presença de homens no evento, mesmo que em menor número, e crianças acompanhadas de seus responsáveis. Os homens cisgêneros²⁵ no *Slam das Minas* são convidados a rever seus privilégios e, mais do que isso, são convocados a ocuparem o lugar de ouvintes. E o lugar de escuta se torna potente quando nossos ouvidos estão genuinamente abertos a ouvir a mensagem compartilhada.

Algumas questões nos chamam atenção no processo investigativo dessa ação. A primeira tem relação com seu caráter pedagógico, por configurarem-se enquanto ações que sinalizam um convite a empatia daqueles ali presentes. A segunda diz

²⁴ Informação adquirida a partir da minha participação de uma oficina ministrada por Tom Grito para o curso de formação "Aprendiz Cultural" da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A oficina aconteceu no dia 09/04/22 na Tijuca, RJ.

²⁵ Nomenclatura utilizada para definir indivíduos que se identificam com o gênero e o sexo que lhe foram atribuídos no nascimento.

respeito ao caráter de insurgência desse encontro. Esta sociabilidade que surge a partir do lazer tem como marca constituírem-se enquanto contrarracionalidade, notadamente pelo seu esforço em afastar-se da lógica da reprodução das relações sociais de produção, em sentido lefebvriano, onde os espaços de lazer estão inseridos na dinâmica de reprodução da sociabilidade capitalista, sendo reduzidos ao consumo de mercadorias ou a espaços privados como o *shopping center*, por exemplo. Nesta ação do Coletivo, almeja-se a construção de espaços de insurgência diante de uma sociabilidade que tem como marca o culto as imagens esvaziadas de sentido (Debord, 2007).

As ações do Coletivo *Slam* das Minas nos permitem a construção de abstrações teóricas a respeito da reivindicação do direito à cidade, enquanto anseio que tem como horizonte a transformação radical do que está posto. Como nos fala De Sá (2021), que se preocupa com os sentidos e os efeitos políticos de ações culturais na cidade, uma das estratégias de reivindicação desse direito, o direito à cidade (Lefebvre, 2001) pensado em sentido ampliado, ligado à ideia de produção do espaço, se dá mediante ao uso político da voz e do corpo.

O direito à cidade é um debate presente em diversos campos disciplinares. Dos estudos urbanos, aos estudos ambientais, passando pelo campo da saúde e do turismo, é concebido quase como um “conceito” guarda-chuva nas discussões contemporâneas. É Lefebvre (2001), um filósofo inglês, que o aciona primeiramente em seus escritos sobre experiências revolucionárias na Inglaterra dos anos 1960.

O conceito é uma referência ao direito pleno a uma vida urbana transformada e renovada. Esse direito pleno englobaria uma série de direitos, mas não aqueles reforçados pelo universalismo abstrato dos “direitos humanos”, criticados pelas leituras marxistas pelo seu caráter individualista e por reforçarem o ideal de propriedade privada. Na visão do autor, esse direito pleno constitui-se no acesso a direitos humanos básicos como o direito à instrução e à educação, o direito ao trabalho, à cultura, ao repouso, à saúde e à habitação, bem como o direito ao lazer e ao usufruto da cidade enquanto obra coletiva. Além disso, o direito à cidade também aponta para a necessidade da produção de um novo espaço urbano, uma revolução urbana, materializada na transformação radical das cidades, incluindo nesse planejamento as classes operárias, vítimas da segregação espacial e privadas

da vida urbana em sua totalidade. A ideia síntese do direito à cidade proposto pelo autor é que ele se trata, a um só tempo, de uma queixa e uma exigência.

O autor propõe a ideia de que a vida urbana tem como pressupostos os encontros e os confrontos, tanto no âmbito ideológico quanto político. A cidade seria o suporte para a coexistência de múltiplos sujeitos com seus diversos modos de viver e visões de mundo. O direito à cidade corresponderia a um conglomerado de direitos que se diferem da lógica individualista do direito à propriedade; como nos fala Lefebvre (2001, p. 117), “o direito à cidade se afirma como um apelo, como uma exigência”.

Desenvolvido também pelo geógrafo britânico David Harvey (2014), diante das ideias de Lefebvre (2001), o autor evidencia que a ideia do direito à cidade não surge fundamentalmente daquilo que ele chama de “caprichos e modismos intelectuais”, buscando enfatizar o caráter orgânico da luta pela vida urbana. Trata-se de um direito muito mais coletivo do que individual, que se constrói tendo como horizonte a reinvenção da cidade por meio do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização, é “um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.” (Harvey, 2014, p. 28). A título de síntese, Harvey (2014) sinaliza a discussão do direito à cidade como um horizonte de reivindicação de algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, bem como sobre uma participação mais efetiva no modo como as cidades são feitas e refeitas.

Os debates sobre o direito à cidade e as disputas pela produção do espaço urbano em certa medida concentram-se nas discussões sobre o processo de urbanização excludente e o que dela resultou: cidades marcadas pela divisão territorial, onde predominam a segregação espacial e a desigualdade social. Estes processos encontram-se materializados em uma totalidade que tem como marca o valor de uso dos espaços constantemente subjugado à valorização excessiva de seu valor de troca, resultando na primazia de sua representação, a forma propriedade privada. Enquanto produto das contradições da sociedade capitalista, o acesso livre ao espaço, bem como o usufruto dos recursos urbanos, se encontra concentrado sob o poder do Estado e nas parcelas mais privilegiadas da sociedade. Diante disso, a reivindicação desse espaço produzido, que em definição pertence a todos - mas na prática segrega, diferencia e exclui para alguns agentes sociais menos privilegiados -, só é possível por meio de luta e de resistência.

Nesse sentido, defendemos aqui que as ações protagonizadas pelo Coletivo reafirmam uma leitura possível do direito à cidade proposto por Lefebvre (2001), um direito orgânico que amplia o sentido de habitar, fala-se aqui de uma luta política pelo direito à produção do espaço. Tratando-se de um projeto político intencionado, o Coletivo *Slam* das Minas (RJ) tem no seu fazer um horizonte de luta constante. Um ato projetado que mira o possível, mesmo que ainda não concreto, nos termos de Lefebvre (2001), que almeja tornar possível o exercício do direito de aparecer (Butler, 2018) e estimular a potência das companheiras(os) a partir de encontros e afetos. Em diálogo com o que argumenta Butler (2018, p. 17), em *Corpos em aliança e a política das ruas*, essas ações podem ser concebidas enquanto insurgências, pois

quando os corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando o direito plural e performático de aparecer, um direito que afirma e que instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária.

Nesse sentido, o esforço desempenhado aqui tem como fonte de inspiração ações que sinalizam para a possibilidade de ruptura com o ritmo único da sociabilidade capitalista, buscando com isso promover visibilidade às táticas insurgentes que tensionam a redução do lazer ao consumo de mercadorias ou acesso a espaços privados como o *shopping center*, por exemplo. Trata-se também da busca de fazer da arte uma mediação profícua para tecer críticas às relações sociais generificadas e racializadas. Com efeito, o esforço realizado aqui tem como horizonte a valorização de ações insurgentes que apontam que, apesar da programação do cotidiano mediante relações de poder estabelecidas, o sonho, o desejo e a esperança por mudanças radicais continuem a existir e disputar espaço na cotidianidade capitalista.

3

O cotidiano é o lugar da transformação através do corpo: táticas produtoras de espaços de insurgência por meio da arte

A reflexão que apresentamos aqui trata-se de um esforço analítico que busca tecer nexos entre teoria e experiência empírica. Desse modo, essa escrita tem como fonte de inspiração as possibilidades de rupturas diante do ordenamento da vida a partir da racionalidade capitalista. Falamos aqui da escolha por valorizar ações insurgentes, protagonizadas por agentes sociais organizados em coletivos que sinalizam para o esforço de construção de espacialidades alternativas no cotidiano da metrópole.

Nesse sentido, a discussão que estamos propondo tem como alicerce o cotidiano - o *espaço vivido*, como sugere Santos (2002) -, aquele que supera as limitações de um olhar fixado apenas nas formas materiais. Interessa-nos o espaço produzido socialmente, aquele que se torna palco das paixões humanas, da vida cotidiana e, em sua reprodução, conduz os sujeitos a diversas experiências que são sentidas em carne, corpo e espírito. Se tomamos a cidade como farol para pensar esse movimento de (re)produção, não custa nada lembrar que a experiência urbana é significativamente diferente entre homens e mulheres, e radicalmente mais difícil para aqueles e aquelas que em seus corpos carregam marcas de negritude ou performam experiências de sexualidade que destoam da matriz heterossexual enquanto representação hegemônica.

Assim, falamos de um cotidiano em que o simples existir para alguns é ter de lidar constantemente com condições econômicas, políticas e sociais nada favoráveis à sobrevivência, ou dito de outra forma, situar-se em ambientes que exigem alta resistência dos que ali habitam. Essas condições nas quais o acontecer cotidiano está situado, fazem parecer que esse local se encontra em uma condição de aridez intransponível. Isso é o que pensariam aqueles que já não conseguem mais ter encontros com as utopias.

E por vezes, tal como um labirinto, o cotidiano se apresenta como se fosse impossível achar o caminho de saída dessa construção, projetada para confundir (Hiernaux, 2006). Mas o que seriam dos sonhos se, em conjunto, todos os cidadãos decidissem renunciar à esperança por dias melhores? Um apego à fatalidade e um

abandono das utopias. Em meio a essa realidade por vezes claustrofóbica, é possível observar também pequenos indícios da produção de outros espaços, em devir, em que se busca disputar os sentidos da construção do futuro. Ou, nos termos de Lefebvre (2001), o impossível tornado possível. Falamos aqui da importância do olhar atento para os pequenos gestos ou os sinais de resistência que se desenrolam no acontecer da cidade, como sugere as reflexões da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2013).

Assim, o poder da coletividade como forma de enfrentamento a colonialidade e as múltiplas facetas do capitalismo é um tema recorrente nos debates feministas contemporâneos, alertando-nos sobre a importância da coletividade como estratégia de resistência às políticas neoliberais dos governos atuais, como aponta Da Silva (2022). Dessa forma, a presente reflexão busca ter o cotidiano como fonte de inspiração para pensar alternativas à ordem posta diante das queixas e exigências que nos acompanham.

Nesse sentido, as reflexões da filósofa Agnes Heller (2008) e do também filósofo Henri Lefebvre (1991) sobre o cotidiano e a cotidianidade, nos apontam para as aberturas analíticas e as potencialidades dessa escala síntese da totalidade. O cotidiano, como essa esfera do dia a dia, se apresenta com frequência como local profícuo para a alienação, tendo como marca o pragmatismo e a vida reduzidos a rotinas de trabalho desumanizantes para grande parcela da sociedade. Mas ainda que imerso em condições de clausura, é justamente no cotidiano enquanto esfera da vida de todo dia, que são ensaiadas as possibilidades de rupturas desse ritmo imposto.

Os estudos sobre o seu conteúdo, segundo os autores mencionados acima, têm como características a complexidade, a contraditoriedade e a ambiguidade. À vista disso, a vida cotidiana é, a um só tempo, o lugar onde o avanço da precariedade da vida é sentido com mais intensidade, mas também a possibilidade de momentos de elevação do sujeito dessa dinâmica com frequência alienada, estranhada e reduzida ao consumo controlado e induzido, como aponta Heller (2008).

3.1

Costurando escalas: a geograficidade do cotidiano e as ações insurgentes

Desta forma, o que apresentamos aqui trata-se de um exercício teórico orientado pelo desejo de valorizar ações que sinalizam os esforços empreendidos por agentes sociais na busca por uma realidade urbana mais suportável. De modo mais específico, o que propomos aqui é uma reflexão que tem por inspiração as ações de um Coletivo de artistas independentes nos espaços da cidade. Trata-se do esforço em refletir sobre os sentidos da ação a partir desta arte produzida para ser uma forma de resistência e agir político. Busca-se com isso sinalizar as possibilidades de articulação entre os debates de valorização do uso nos espaços e de práticas que tensionam a dinâmica do lazer mercantilizado e reduzido ao consumo esvaziado de sentido.

Ter o cotidiano como ponto de partida exige reconhecer seu caráter de mudança constante. Através de sua obra, dividida em três volumes sobre a crítica à vida cotidiana, Lefebvre (1991) tem como preocupação perceber as transformações na área cultural e temporal em que vive, onde o cotidiano não é concebido como finalizado, mas sim, estando aberto às mudanças. Tomá-lo como ponto de partida nos permite enxergar o vivido e revelar as possibilidades de transformação, apresentando-se como um conceito operacional profícuo, como discutido pelo autor, por nos permitir a possibilidade de construção de uma análise crítica do real. Desta maneira, como nos inspira as reflexões do autor, o sentido da apropriação do cotidiano enquanto esforço teórico reside na busca por encontrar as possibilidades de aberturas em meio ao espaço produzido.

Como discutido por Philippe Moreaux (2013), com base nas reflexões de Lefebvre (1991), o cotidiano é um objeto multidimensional, que se modifica pelas ações do conjunto dos atores sociais. Nesse processo de transformação, alguns têm mais poder de transformação que outros, notadamente a ideologia do consumo, por exemplo, enquanto ator representado pelas mídias dominantes, com sua teia de ação com escala planetária, se impõe pelo viés da imagem e esvazia o presente da sua substância, removendo dele a presença e instaurando o simulacro. Essas mídias têm como um de seus aspectos centrais a dominação do cotidiano pela imposição de uma lógica mercantil, em que se espera cada vez mais dos cidadãos uma redução

do seu papel à figura de simples consumidores das necessidades artificiais impostas.

Neste enredo complexo (re)produzido, o cotidiano passa a ser o centro de atenção dos interesses capitalistas e sua lógica de busca pela rentabilidade econômica inesgotável. A respeito da dominação, a vida cotidiana para o Estado e para as forças capitalistas é essa fonte de exploração e espaço a ser controlado, organizado e programado (Netto; Carvalho, 2012). Essa dinâmica terá como resultado uma forma específica de sociabilidade, e será nomeada como “sociedade burocrática de consumo dirigido” por Lefebvre (1991). Deste modo, temos então uma sociedade guiada pelas necessidades artificialmente criadas, onde as técnicas publicitárias aparecem como uma pedra angular neste controle.

Por meio da sedução permanente e cada vez mais agressiva, esse conjunto de ações e objetos são acionados tendo como desejo o domínio da (re)produção do espaço, como dimensão mais desejada para a ampliação da lógica de reprodução das relações de produção desse capitalismo moderno, como aponta Lefebvre (1991). Nesta trama, o corpo se torna uma fronteira cada vez mais permeável de ser ultrapassada por essa racionalidade, orientada na busca por ampliar sua lógica de controle a base da criação de necessidades artificiais.

Essa configuração aponta para a produção de uma *psicosfera*, como discutido por Santos (2002), cada vez mais sucessível às insatisfações artificialmente produzidas. Para Santos (2002, p. 204), a *psicosfera* consiste no “reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido [...], fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário”. Assim sendo, o sistema moderno de comunicação tem como instrumentalidade a condução do desejo dos sujeitos à busca insaciável das necessidades artificiais, reduzindo sua existência à figura do cidadão-consumidor. Como discutido por Odette Seabra (1996 apud Moreaux, 2013), faz-se nascer o usuário mais cidadão que cidadão a partir da gestão total do cotidiano, via indústria cultural e estratégias políticas do Estado, conformando um papel de passividade aos sujeitos.

Surge, desta forma, como propõem as análises de Lefebvre (1991), um cotidiano programado a fim de permitir de forma cada vez mais satisfatória a perpetuação das relações de poder estabelecidas. Assim sendo, a reprodução das relações sociais de produção se torna tão necessária quanto a produção do espaço em sentido estrito. Desta forma, como argumenta Moreaux (2013), surge uma

cotidianidade que, feito um labirinto, parece cada vez mais difícil lutar contra a perpetuação do capital através de sua imersão no cotidiano, desde seus menores aspectos, criando uma atmosfera sempre propícia a lógica mercantil de acumulação.

Quando nos preocupamos em pensar a fronteira a ser perpassada para a manutenção do capital enquanto relação social que necessita da exploração, quer seja da terra, quer seja do corpo, ou do tempo propriamente dito, é preciso ter a clareza que essa dinâmica necessita de formas sempre atualizadas de meios para atingir esse princípio. Nessa configuração bastante complexa das sociedades conduzidas por essa racionalidade específica, é possível notar a constante busca pela absorção de novos espaços e tempos a esta lógica. É nesse sentido que temos como legado da lógica capitalista o controle sobre os usos do(s) espaço(s) e o emprego do tempo.

Preocupado em decodificar a permanência do capitalismo enquanto relação societária, com suas vicissitudes típicas de cada período, Lefebvre (1991) nos dá pistas para alcançarmos um entendimento sobre essa questão complexa. Grosso modo, pode-se inferir que um dos pilares centrais nesse processo é a capacidade de produção do espaço tendo por orientação os valores do capitalismo enquanto sistema complexo. Falamos aqui de espaços alinhados à lógica mercantil e a dinâmica de produção de necessidades artificiais, surgindo com isso espaços produzidos com a aparência de homogeneidade e fragmentados, concebidos como “espaço abstrato” nas discussões do autor. Nesta configuração, espera-se com isto um modo específico dos corpos se relacionarem com o(s) espaço(s) - falamos aqui do papel de passividade ou de simples espectadores ou consumidores dessa nova “raridade”. No espaço abstrato, como aponta Lefebvre (1991), as diferenças e as resistências são desencorajadas.

Assim, os agentes sociais representantes dos interesses capitalistas concebem a produção do espaço reduzindo-o a sua forma mercantilizável, sob a aparência de uma mercadoria cambiável e comercializável. Notadamente dispondo de mais forças para viabilizar suas ações enquanto agentes produtores do espaço, este heterogêneo grupo tem suas ações representadas pela figura da dominação, no sentido lefebviano de entendimento. Entretanto, de forma dialética no acontecer citadino, coabitam e disputam racionalidades e forças de agentes sociais complexos sobre os futuros e sentidos da (re)produção dos espaços.

Cabe ressaltar que a produção dos espaços não é inocente, é sempre dotada de intencionalidades e essa produção não se faz sem contradições. Uma das contradições mais aparentes desse sistema ou do seu modo peculiar enquanto racionalidade é justamente a produção coletiva do espaço e a apropriação privada mediante o advento da lógica da propriedade privada. Esse modelo imposto não se dá sem que haja fricções. Falamos aqui das tensões permanentes entre a ordem dominante e as necessidades dos usuários. Essas fricções são os conflitos que advêm das práticas espaciais, que se diferem do projeto concebido do espaço por meio dos que o dominam e sinalizam para as possibilidades e os desejos dos cidadãos.

Outra questão também elucidada por Lefebvre (2008) é que não se trata apenas de relações de produção no sentido estrito, relacionadas ao trabalho produtivo, mas sim de uma racionalidade que invade outros âmbitos da vida cotidiana. A partir da ideia de *re-produção* das relações sociais de produção, as reflexões do autor sinalizam para uma ampliação da capacidade de atuação da lógica do capital, que transcende os lugares destinados à produção mercantil, estando presente nos costumes, nos modos de ser, na forma como nos reproduzimos enquanto sociedade, na sociabilidade, nos espaços destinados à recuperação e ao lazer, em síntese, estando presente na captura do tempo, no cotidiano e tudo que envolve o corpus produtivo. Trata-se de uma invasão da racionalidade economicista para outras esferas da vida humana. Dessa forma, é possível visualizar o processo de interiorização dos valores e da forma organizacional do tempo impostos pela lógica capitalista à vida cotidiana.

Os espaços de lazer também são lidos enquanto espaços da re-produção das relações sociais de produção, tidos para o autor como espaços de recuperação. Esvaziando-o de sentidos, são concebidos enquanto mercadoria, cuja apropriação é condicionada ao consumo. O corpo também é capturado por essa lógica, na tentativa de torná-lo abstrato, esvaziado de sua capacidade genuína de produzir espaços e contestar o poder.

Como discutido por Seabra (1996 apud Moreaux, 2013), diante das reflexões de Lefebvre sobre a produção do espaço e a vida cotidiana, o cotidiano pode ser concebido enquanto superfície da sociedade e do social e é, ao mesmo tempo, abstrato e concreto; institui-se e constitui-se no âmbito do vivido. É o lugar das carências, dos desejos, dos comportamentos, como também das esperanças e

desesperanças. É a partir do vivido que o reino das necessidades impera, onde as urgências se materializam e onde os sonhos podem ser elaborados. Nos termos da autora: “[p]aradoxalmente, a vida cotidiana com seus ritmos e sentidos cada vez mais prescritos constitui um feixe de possibilidades: nela está o melhor e o pior” (Seabra, 1996, p.80).

As proposições da autora sinalizam para um movimento contido nas obras de Lefebvre (1991; 2001): trata-se, notadamente, do esforço do filósofo em pensar sobre as resistências no cotidiano, ou o que denomina “resíduos irreduzíveis ao domínio da lógica, da razão” (Seabra, 1996, p.71). Fala-se da valorização do uso. Trata-se do uso do espaço, do tempo, do corpo, estes que essencialmente abrigam as dimensões da existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso. É na dimensão do uso, como emprego do tempo, ligado ao sentido de apropriação, que a fronteira da dominação busca se impor, como discutido pelos autores.

A grande contribuição de Henri Lefebvre acerca do cotidiano ao pensamento marxista, como argumenta Soja (1996 apud Moreaux 2013), é justamente o fato do mesmo ser concebido como, a um só tempo, o *locus* da exploração, da dominação e da luta. Nesse sentido, as reflexões sobre o poder se fazem necessárias se o horizonte da análise é a busca por encontrar as potencialidades e as virtualidades neste espaço. Como argumenta Moreaux (2013), o poder é concebido no pensamento de Lefebvre como onipresente e que se estende até o fundo da consciência de cada indivíduo. Assim sendo, nas palavras de Henri Lefebvre (1977, p. 210 apud Moreaux, 2013, p. 27):

O Poder aparece de várias maneiras: às vezes pelo tédio, mas sempre em meio do tédio. Todavia, ele estendeu o seu domínio até o interior de cada indivíduo, até o fundo da sua consciência, até as 'topias' escondidas nos recessos da sua subjetividade.

Esse cotidiano programado, a fim de atender os interesses da acumulação, pode ser mais bem visualizado na incorporação de outros espaços, aqueles mais alinhados à reprodução, como espaços também inseridos na lógica do consumo. Dessa maneira, aplica-se essa racionalidade na incorporação do tempo de lazer ou do tempo dedicado à experiência da religiosidade, por exemplo, como espaço-tempo absorvidos pela lógica consumista, criando espaços especializados cuja orientação é a busca por reforçar os poderes dominantes. Desse modo, a produção do espaço passa pelo movimento de homogeneização e fragmentação, tendo como

horizonte a busca por controlar os aspectos do cotidiano e fazer prevalecer o valor de troca sob o valor de uso (Lefebvre, 1991).

Como apresentado por Seabra (1996), a partir das análises marxistas, o curso da história pode ser lido e interpretado pelo movimento conflituoso entre apropriação e propriedade, ou dito de outro modo, a prevalência da lógica da troca sobre o uso. É nesse enredo complexo que temos o surgimento de uma cotidianidade imersa nas múltiplas faces da razão instrumental e no reforço do espaço como local de troca, em detrimento de sua potencialidade enquanto uso. Assim sendo, configura-se enquanto intencionalidade da acumulação capitalista o controle do tempo, do espaço e do corpo.

A fronteira de acumulação do capital passa agora para uma nova fase, como apontam as análises de Ana Fani Alessandri Carlos (1999), de acordo com Moreaux (2013), onde o espaço se torna uma nova raridade, fortemente disputada. Essa contradição entre espaço de consumo e consumo do espaço pode ser mais bem visualizada, como argumenta a autora, pela requalificação dos lugares em espaços destinados ao lazer e/ou ao turismo, que parecem estar “fora” da dinâmica da produção, quando na verdade estão amplamente conectados. Nesse sentido, como argumenta a autora,

Desse modo, mesmo no momento do lazer, o cotidiano programado pela sociedade de consumo se impõe com toda sua força. E, assim, lugares ganham uma centralidade saturada de objetos, logo, vazias de sentido. Neste contexto, aparece em conflito agudo uso/troca, pois quanto mais um espaço é funcionalizado e mais ele é dominado por agentes que o manipulam, menos ele se presta à apropriação para o uso, posto que se encontra fora do tempo vivido, mas confinado ao universo da troca (Carlos, 1999, p. 70 apud Moreaux, 2013, p. 29).

Enquanto conceito profícuo, o cotidiano nos apresenta como possibilidade de análise conceber-nos como atores das transformações possíveis e a verificação de práticas sujeitas à lógica da programação que nele se inscrevem. O que se argumenta é que, apesar de o cotidiano ter como marca a sua “programação”, no sentido de ações que reforçam seu caráter de lugar central de alienação, é no cotidiano também que se encontram as condições de resistência, concebidas como brechas, nos interstícios do espaço dominado (Moreaux, 2013). Essas rupturas, mesmo que momentâneas, nos apontam para as potencialidades inscritas no cotidiano. Nesse sentido, essa reflexão tem como fonte de inspiração as ações de apropriação do espaço promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ), um coletivo

de artistas independentes, que usa da arte enquanto tática de resistência, sinalizando um outro horizonte possível de utilização e apropriação de espaços públicos nas áreas centrais da metrópole. Como salienta Lefebvre (1977, p. 209 apud Moreaux, 2013, p. 30),

se o espaço se torna lugar da re-produção (das relações de produção), torna-se também lugar de uma vasta contestação não localizável, difusa, que cria o seu centro às vezes num sítio e logo noutro. Essa contestação não pode desaparecer, pois é o rumor e a sombra prenhe de desejo e de expectativa que acompanham a ocupação do mundo pelo crescimento econômico, pelo mercado e pelo Estado.

Essa contestação a qual Lefebvre menciona pode ser concebida como os momentos ou desvios que acontecem em meio a cotidianidade e que apontam para as contestações que anseiam pela transformação radical desse espaço produzido. Entretanto, como salienta o autor, essas contestações, quando executadas por um único indivíduo, são frágeis para afetar o funcionamento da lógica capitalista. Daí a importância da coletividade enquanto horizonte de utopia que mira a apropriação dos espaços da cidade.

Desse modo, as reflexões sobre o cotidiano nos apontam para o conceito de corpo, uma escala de análise que tem sido profícua nos debates do que pode ser concebido como preocupações da geografia contemporânea, como destaca Smith (2000, p. 143):

Mais recentemente, os escritos feministas têm explorado a escala do corpo. Fundada na apropriação tanto metafórica quanto material do espaço, e enfatizando os processos sociais e culturais, essa obra técnica sobre o corpo liga-se de muitas formas diferentes ao foco mais geográfico de, por exemplo, discussões sobre o Estado-nação. Uma política espacializada coerente terá de encontrar um modo de expor essas conexões. Como sustenta Lefebvre (1970, p. 167), “hoje, qualquer projeto revolucionário, seja utópico ou realista, deve, se quiser evitar a banalidade, fazer da reapropriação do corpo, em associação com a reapropriação do espaço, uma parte não negociável de seu programa”.

Nesse sentido, o que se está em defesa é que não podemos propor uma análise que tem como pretensão observar o cotidiano e suas rupturas sem levar em consideração a escala do corpo. Como argumenta Moreaux (2013, p. 37) “as transformações espaciais são possíveis somente se encarnam-se no cotidiano”. Diante disso, o argumento central é que, para haver transformação radical da ordem posta, devemos considerar o corpo como o lugar da resistência, seja ela individual ou coletiva, às imposições externas, em referência às lógicas de alienação. Desse

modo, faz-se necessário um exercício investigativo que considere o corpo como escala de análise e que esteja atento para as complexidades inseridas nesse enredo.

3.2

Notas sobre uma reflexão corporificada: por uma Geografia da diferença

No tocante à produção e à apropriação do espaço é possível reconhecer que os papéis de gênero resultam em formas distintas de vivenciá-lo, como vem apontando as discussões de geografia e gênero (Da Silva, 1998; McDowell, 2000; Silva, 2007). Como argumentam Silva, Ornat e Chimin Junior (2019), embora todo ser humano possua um corpo, há um grupo específico de sujeitos que não sentem o peso de sua corporalidade em sua vivência cotidiana.

Como nos convida a pensar as reflexões de Anita Oliveira (2019, p. 58): “é preciso considerar que a vivência urbana é radicalmente diferente para homens e mulheres e bastante mais difícil para as mulheres negras, lésbicas, trans/e ou habitantes das periferias”. São os corpos marcados aos quais são atribuídos sentidos e hierarquizações entre os sujeitos, que irão experienciar um campo de possibilidades específicas para existir social e espacialmente, como levantado pela crítica feminista (Haraway, 1995; Silva, 2009) à ciência moderna e sua prática de produção de invisibilidades e não reconhecimento das diferenças.

Nesse sentido, a espacialidade dos corpos femininos ou daqueles que carregam marcas de feminilidade, ou que, de alguma maneira, performam a feminilidade, ou até aqueles que se negam a encaixar-se no padrão binário das construções sociais de gênero, serão os corpos cujo espacialidades serão limitadas pela hierarquização e classificação social fruto da lógica da colonialidade do poder (Quijano, 2005). Sendo importante enfatizar que os corpos racializados, os corpos de transexuais e transgêneros também enfrentarão essa problemática e de maneira mais intensa. E uma vez que esse risco escapa muitas vezes das escolhas individuais e é sentido por aqueles sujeitos que carregam marcas corporais específicas, existem corpos que constantemente podem ocupar esse lugar de vítima em potencial.

Assim, referimo-nos aqui aos corpos que a própria existência se constitui como uma resistência diária, basta assistir meia hora de jornal para perceber qual é a cor das vítimas dos assassinatos diários. Cabe acrescentar aqui também a

dimensão da sexualidade para pensar a experiência com os espaços. Butler (2016), no livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, irá apontar para a questão de que alguns corpos são percebidos como a representação de algo que está “fora de ordem”, concebidos pela norma hegemônica como desviantes. É nesse sentido que Butler (2016) sinaliza para a existência de uma matriz de inteligibilidade do gênero, em que gêneros “inteligíveis” ou, dito de outra forma, corpos que “importam”, serão aqueles que mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo – gênero – prática sexual e desejo. Segundo a autora, trata-se de um padrão socialmente imposto que tem a heterossexualidade como norma e que atribui uma valorização diferenciada aos sujeitos de acordo com suas identidades sexuais.

Nesse enredo, indivíduos que carregam em sua corporeidade marcas sociais das quais são hierárquica e desigualmente valorizadas, culturalmente construídas e impostas, tem: “experiência espaciais [moldadas e construídas dentro de] um campo de possibilidade específicas para existir social e espacialmente” (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019, p. 14). E uma das críticas feministas e pós-coloniais à ciência situa-se na prática de apontar para as fragilidades dos discursos construídos sob o prisma do sujeito genérico, representados pela figura do “homem universal”. A diferença nesse sentido é uma poderosa lente analítica quando bem trabalhada, necessária para pensar a complexidade de um país que se nega a enxergar os lastros de seu passado colonial escravocrata.

E tal como uma goteira que não cessa, é assim que se apresenta a vivência de injustiças sociais repleta de discriminação racial, de gênero e de sexualidade quando olhamos para o contexto do Brasil, realidade essa que também pode ser observada em outros lugares considerando as devidas dimensões de escala. Acreditamos ser essa uma metáfora interessante quando se busca pensar a estruturação e a permanência de dinâmicas sociais marcadas por injustiças e hierarquização de vidas e corpos.

Assim, quando procuramos pensar a escala do cotidiano, associada a uma preocupação em olhar para os corpos e suas múltiplas formas de apropriação, apresenta-se com uma certa evidência a questão da precariedade da vida em conjunto com as formas sempre atualizadas, de controle sobre os corpos. Essa dinâmica é o que nos inspira a construir análises que almejam articular as reivindicações políticas do movimento feminista, no que tange ao controle sobre

os corpos femininos, com análises geográficas preocupadas com a escala do cotidiano e do corpo.

Deste modo, parece promissor sinalizar para os esforços que tem sido empreendido pela crítica feminista na busca por superar a concepção de mundo estruturada pela ótica do sujeito universal, representação do sujeito masculino. Assim, o notável artigo “Não excluam metade da humanidade da geografia humana”, publicado primeiro em inglês em 1982 pelas geógrafas Janice Monk e Susan Hanson ([1982] 2016²⁶), no periódico *The Professional Geographer*, levanta a questão de denúncia da perspectiva sexista no modo como os conhecimentos geográficos vinham sendo concebidos.

Trata-se, de acordo com as autoras, de uma conduta entre os pesquisadores de Geografia que, passivamente, com frequência inadvertidamente, apresentam um viés sexista. Segundo elas, esse viés pode ser observado a partir da especificação inadequada do problema pesquisado, resultando muitas vezes numa construção de teorias com cegueira de gênero. Evidencia-se também na pouca presença de temas de pesquisas que abordem com maior ênfase a vida das mulheres, a negação da significância do gênero no fenômeno a ser investigado ou a predileção à escolha por atividades empreendidas por mulheres. Além de certo comportamento do(a) analista em questão de considerar, com certa presunção, que os sujeitos em análise irão aderir aos papéis de gênero tradicionais (Monk; Hanson, 2016).

O que se está em defesa na abordagem das autoras é o gênero como variável essencial à compreensão dos processos geográficos e da forma espacial. Trata-se do enriquecimento que as análises podem adquirir quando acrescentamos um olhar atento aos papéis de gênero, enquanto papéis sociais, aos estudos sobre as dimensões espaciais das classes sociais. Leituras orientadas para a crítica à colonialidade do poder na produção do conhecimento vão apontar para a necessidade de acrescentar também a dimensão racial às análises. O que se objetiva com essa orientação de método, alinhada às expressões do feminismo na produção do conhecimento é, como falam as autoras, “a condução de pesquisas acadêmicas que reconheçam e explorem os motivos e implicações do fato de que as vidas das mulheres são qualitativamente diferentes das vidas dos homens” (Ibid., p. 31).

²⁶ Disponível no livro “Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças”, organizado por Joseli Maria Silva, Márcio José Ornat e Alides Baptista Chimin Júnior. O texto foi originalmente publicado em Inglês em 1982.

Com efeito, a inserção das relações de gênero como elemento de organização da sociedade e sua utilização enquanto categoria de análise (Scott, 1995) possibilita a criação de lentes interpretativas das diferentes posições ocupadas pelos sujeitos sociais ao longo de sua existência espacial. O conceito, como argumentam as/os autores, oferece a possibilidade de lançar luz sobre a história das mulheres, a história dos homens, bem como das relações entre ambos em diferentes períodos. Além disso, defende-se que sua incorporação nas investigações pode propiciar um campo fértil para a análise das desigualdades e das hierarquias sociais (Scott, 1995; Torrão Filho, 2005).

Como discutido por Joan Scott (1995), o termo “gênero” é uma criação intelectual com aparição inicial entre as feministas norte-americanas, cujo horizonte situa-se no esforço em apontar para o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A crítica que o conceito levanta aponta para uma rejeição do determinismo biológico que comumente aparece no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. A perspectiva defendida por Scott (1995) busca demonstrar as relações entre as questões de gênero e esferas para além da comumente associada a ela, como a dos aspectos privados da casa, da reprodução e do sexo. Para a autora, o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, como também é “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Ibid., p. 86).

Segundo a autora, o termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das identidades socialmente construídas, apontando que, para se compreender qualquer um dos sexos, é preciso defini-los em termos recíprocos. Essa atitude é uma resposta as preocupações que apontavam para uma certa exclusividade no sujeito “mulheres” dos estudos feministas, apontando para a noção de gênero como termo definido de maneira relacional e complementar. O seu uso enquanto categoria útil às análises históricas, como defende Scott (1995), com base na argumentação de Natalie Davis (1975), tem por objetivo descobrir os diferentes papéis e os simbolismos sexuais em diferentes sociedades e períodos, para com isso alcançar um entendimento sobre o seu sentido.

O que se entende partilhando das postulações teóricas a respeito do conceito de gênero, é que, assim como a ideia de raça, ambos correspondem à uma diferença socialmente construída e imposta. No caso do gênero, refere-se a um conjunto de ideias, comportamentos e símbolos que uma cultura constrói sobre o que deveria

“ser mulher” e “ser homem”, tão naturalizados ao ponto de dificilmente serem questionados. Um conjunto de regras, normas de condutas e expectativas que são impostas ao indivíduo antes mesmo de nascer. Essa noção é expressa pela ideia de performatividade, como vem argumentando a filósofa Judith Butler (2016). Em síntese, conforme argumenta Susana Veleda da Silva (1998, p. 107), “o conceito de gênero faz referência a todas as diferenças entre homens e mulheres que foram construídas social e culturalmente e que condicionam relações de subordinação/dominação”.

Ainda, sua inserção na ciência geográfica é fruto do esforço teórico também crítico-político, do movimento heterogêneo nomeado como *geografias feministas*. Situado num contexto geográfico e historicamente específico, esse movimento tem como interlocutoras a produção de geógrafas situadas em países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá que, nos anos de 1980/1990, buscam questionar os limites das narrativas hegemônicas, bem como apontar para as fragilidades dos discursos construídos sob o prisma do sujeito genérico, universal e descorporificado. Essa orientação teórica e política recebeu o nome de *perspectiva feminista* na geografia, como aponta Silva (2009), tendo como interlocutoras os trabalhos de geógrafas feministas como Susan Hanson, Janice Monk, Doreen Massey, Linda McDowell, Gillian Rose, Mona Domosh, Liz Bondi e Joanne Sharp, entre outras. Ao passo que esse movimento pode ser lido como uma prática de “corporificar” nossas análises espaciais.

O destaque para processos sociológicos de formação das diferenças identitárias ou, dito de outro modo, a ênfase na diferença, é uma questão central para autores(as) alinhados(as) a uma política comprometida com o antiessencialismo. Trata-se de apontar como argumenta Butler (2016) que as categorias, tais como “mulheres; homens; negro” são vazias e transbordantes, apontando para sua indeterminação e instabilidade. A busca por identidade autêntica, ou dito de outro modo, a imposição de uma identidade de grupo singular: “nega a complexidade das vidas dos indivíduos, a multiplicidade de suas identificações e as interseções de suas várias afiliações” (Fraser, 2007, p. 107). O que queremos argumentar trazendo essas questões é sobre os limites das generalizações, bem como apontar que o reconhecimento da diferença, o direito à diferença (Lefebvre, 2001) como fundamental para pensarmos horizontes de justiça.

Como bem argumentam Massey e Keynes (2004), e outros autores alinhados à teoria crítica, faz-se necessário construir nossas análises sustentadas em bases que concebiam uma imaginação do espaço como sendo dinâmico, bem como um lugar privilegiado para explorar as relações de poder e suas representações (Silva; Ornat; Chimin Junior, 2019). Pensar essas relações de poder nos permite visualizar aspectos que muitas vezes passam como despercebidos, que são justamente as diferenças nas formas de apropriação e uso dos espaços pelas pessoas cujas marcas corporais, gestuais e comportamentais vivem um jogo de latência e aparência. Falamos aqui de uma orientação de método que se preocupa, para além da classe social, com a articulação das dimensões de gênero, de sexualidade e da racialidade dos corpos em destaque no movimento do real, como argumentam as críticas postuladas por autoras alinhadas teoricamente ao Feminismo Negro (Davis, 2016; Akotirene, 2019; Hooks, 2019a).

3.3

Diálogos possíveis: leituras críticas do cotidiano a partir da produção artística do Coletivo Slam das Minas (RJ)

Um dos horizontes analíticos dessa reflexão que se constrói é a busca por conceber uma Geografia que considere o corpo, que almeja o alcance do sujeito-corporificado, esse sujeito de direitos (Ribeiro, 2000) e suas possibilidades de elevação da cotidianidade. Esse corpo-sujeito tem suas ações orientadas na busca pela garantia e concretude da realização de todos os seus direitos enquanto cidadão na metrópole. E acreditamos ser possível a elaboração de aproximações teóricas entre a concepção de sujeito e a sua capacidade de agência com as críticas contidas na produção artística do Coletivo estudado.

Dessa maneira, as ações do(s) sujeito(s) enquanto agência, como argumenta Furlin (2013), com base nas reflexões de Butler (2010), correspondem a essa potência dos agentes sociais enquanto força inovadora e impulsionadora da mudança. A agência pode ser concebida também como os momentos-movimentos de possibilidades ou aberturas momentâneas de elevar-se da cotidianidade alienada e ansiar por projetos novos, tanto de espaço, como também de sua própria configuração enquanto sujeito. E o que se argumenta aqui é sobre a possibilidade de conceber as ações do Coletivo *Slam* das Minas (RJ) como representação dessas

aberturas da cotidianidade, também concebidas enquanto projetos de utopia. Falamos aqui da busca coletiva e colaborativa de construção de espaços de resistência cultural, a partir de uma arte comprometida com o agir político.

Deste modo, mira-se com isso alcançar um entendimento aproximado sobre a capacidade de agência dos sujeitos tendo o corpo como mediação para refletir sobre a dimensão do poder na vida cotidiana. O que nos inspira são as poesias produzidas pelo Coletivo, uma arte produzida para ser uma forma de resistência e agir que sinaliza para diálogos possíveis desde a geografia e para além dela.

Nesse sentido, escolhemos as poesias de Tom Grito, Lian Tai e Carol Dall Farra na busca de encontrar diálogos entre as produções artísticas da(o) poeta e uma crítica à vida cotidiana. Meu contato com estas poesias se deu a partir da ida aos eventos promovidos pelo coletivo, tendo a possibilidade, com isso, de vivenciar a experiência da performance poética, uma poesia corporificada, como concebemos aqui. Entretanto, elas se encontram registradas e publicadas em livro (Duarte, 2019), como no caso da poesia “O último poema” de Tom Grito (2019) e “Na ponta do abismo” de Carol Dall Farra (2019), e, no caso da poesia de Lian Tai, o registro encontrado foi o artigo de Da Silva (2022) sobre a atuação de Coletivos de mulheres artistas. A poesia de Carol, além da publicação em livro, também conta com o registro²⁷ audiovisual de sua apresentação, que lhe rendeu o prêmio de vencedora da edição do *Slam* das Minas (RJ) em 2017, com uma emocionante performance em sua poesia-denúncia.

A poesia de Lian Tai nos convoca a pensar sobre as relações de reprodução social e dinâmicas na sociabilidade da vida das mulheres.

*Chamam as putas de mulheres da vida
Quisera eu ser da vida
Se uma mulher não é da vida
Ela é de quem?
De um homem?
Bela, recatada e do lar
Bela adormecida
Salva por beijos não consentidos
Bela e a fera
Aprisionada em um palácio
Apaixonada pelo seu raptor
É isso que chamam de amor?*

²⁷ Apresentação de Carol Dall Farra em um evento do *Slam* das Minas (RJ) 2017. A poesia de Carol fala de sua mãe e tece críticas ao sexismo e racismo estruturantes da sociedade brasileira. Nessa edição, a poeta foi a vencedora da batalha de poesias (Slam, 2017).

*O homem é da vida
 A mulher não pode porque ela tem que
 ser do marido
 E pra isso deve ser bela
 Adormecida ou amordaçada
 Senão, coitada, é mal-amada
 Nem serve para ser propriedade
 privada
 Quantas vezes você, mulher, fez sexo
 sem tesão
 Em troca de amor ou por alguma possi-
 bilidade de afeto
 Dizendo que isso é o certo
 Enquanto recolhe as meias do cara
 pelo chão
 Chamando a puta de coitada
 E ela que é remunerada
 Porque isso que você faz dentro de
 casa, mulher,
 É trabalho
 Isso que você faz na cama
 É trabalho
 Isso que você faz o dia inteiro
 É trabalho, trabalho, trabalho
 Em dupla, em tripla jornada
 Te disseram que era amor, né?
 Era cilada*

@liantai²⁸

Slam das Minas RJ

A poesia de Lian Tai explora um conjunto de elementos da sociabilidade das relações sociais de gênero. Perpassa por diferentes escalas espaciais de análise e transita entre passado, presente e futuro. Pode ser concebida como um esforço em problematizar questões da vida íntima, uma crítica à divisão desigual do trabalho reprodutivo, como também uma visão crítica ao papel social das mulheres. Ao explorar os sentidos atribuídos no senso comum à expressão “ser da vida”, Lian aborda os estigmas sociais pelos quais as trabalhadoras sexuais são submetidas ao trazer o preconceito presente no cotidiano que as concebe como “coitadas” pela escolha de sua atividade.

Adentrando o que é concebido pelas feministas como uma politização da vida privada, a poeta tem a sensibilidade de apontar para uma crítica feita pelas leituras feministas, como presentes nas obras de Silvia Federici (2017; 2019) sobre o trabalho reprodutivo. Federici (2017) aponta para a questão da transformação e

²⁸ Perfil da rede social *Instagram* da Poeta Lian Tai.

naturalização que o trabalho reprodutivo passou ao adentrarmos na era do capitalismo industrial. Numa análise histórica, a autora busca investigar o processo de atribuição do cuidado como atividade relacionada às mulheres e sua transformação em atividade não remunerada e concebida como não-trabalho, por estar relacionada ao âmbito do espaço privado na sociabilidade capitalista. Segundo a autora, a não remuneração do trabalho reprodutivo é um dos pilares centrais para a instituição do patriarcado, sendo o salário ou a dependência econômica uma pedra angular na sustentação de relações de dominação. A crítica ao trabalho reprodutivo na sociedade capitalista contemporânea continua a mesma, apesar da mudança de período. O que se aponta é a ideologia sexista que reduz essa atividade vital para a manutenção de todo e qualquer trabalho produtivo como não sendo um trabalho e como atividade relacionada única e exclusivamente às mulheres, reduzindo seu lugar social como eternas cuidadoras “do lar” e acarretando uma sobrecarga de trabalho às mulheres.

Uma outra crítica encontrada na poesia diz respeito à imposição de um destino único para a vida das mulheres, falamos aqui do discurso contido no senso comum que impõe um modelo a ser seguido para o gênero feminino. “Bela, recata e do lar” frase advinda do senso comum que nos sinaliza para questões complexas, como a imposição da dominação via busca incessante da beleza, objeto de consumo altamente explorado na sociabilidade desse cotidiano programado; aborda também o cerceamento das possibilidades de agência e escolhas sobre a vida das mulheres, apontando para um discurso que se impõe mediante representações de um imaginário empobrecido sobre o alcance da realização enquanto sujeito para as mulheres, este que só seria alcançado mediante ao casamento e a função de esposa coadjuvante, que se abstém da vida pública e tem sua sociabilidade reduzida à esfera do espaço privado.

Essa narrativa discursiva presente na cotidianidade nos permite refletir sobre a concepção de sujeito presente no pensamento de Butler (2004; 2010). A concepção de sujeito presente no pensamento de Butler (2010; 2016) parte do entendimento de que o sujeito se constitui mediante uma submissão primária ao poder por meio dos processos de socialização. Trata-se da internalização e atravessamento que os sujeitos são submetidos desde a infância, de um conjunto de valores e normas que, até certo ponto, cerceiam suas possibilidades de escolhas sobre sua própria constituição enquanto sujeito. Essa socialização é mais bem

exemplificada em Butler (2016), que aponta para os discursos de socialização contidos na pergunta que costumeiramente fazem às gestantes: “É menino ou menina?”, onde traça-se de antemão uma espécie de caminho pelo qual o sujeito deverá percorrer para ter sua existência legitimada. Nesse sentido como argumenta Furlin (2013, p. 396) com base nas discussões de Butler (2004; 2010): “somos sujeitos formados nas relações de poder e nelas vinculamos e nos preservamos como seres humanos inteligíveis”.

Como aponta Furlin (2013), Judith Butler segue a perspectiva foucaultiana de que o sujeito é uma categoria linguística situada no campo do discurso. A constituição do sujeito é concebida como resultante das relações de poder, nem soberano, nem individualista, o sujeito só existe em interação com o outro. Trata-se de: “um sujeito social em interação com outros sujeitos, em parte intrinsecamente livre, em parte socialmente construído e limitado” (Femenías, 2000, p. 18 apud Furlin, 2013, p. 396). Esses processos de interação ou sociabilidade se dão mediante a linguagem, com sistemas de significação e de representações culturais, como aponta a autora. Como salienta Furlin (2013, p. 396), a perspectiva foucaultiana, na qual o pensamento de Butler se estrutura, tem como base a ideia de que “o discurso é constitutivo, produtivo e performativo de subjetividades generizadas e de práticas sociais”. Por isso, a questão do discurso é central para essa corrente de pensamento.

Ainda em consonância com as postulações de Furlin (2013), no que tange ao seu mergulho e sistematização da concepção de sujeito no pensamento de Butler (2010) sobre a ótica das relações de poder, é possível apontar que diferente da noção presente no senso comum sobre a dimensão do poder enquanto mecanismo limitador e/ou punitivo apenas, o poder é algo do qual nossa existência é dependente. Na visão de Butler (2010), Foucault investiga o caráter produtivo do poder aos regimes regularizadores e disciplinares. Nessa perspectiva analítica, o poder é anterior ao sujeito, estando ele, o poder, contido nas normas que agem sobre o sujeito, o constituindo e agindo por meio dele. Não estando o sujeito completamente determinado pelo poder, nem o determinando de forma completa.

Por um lado, Carol Dall Farra²⁹ em sua poesia “Na Ponta do Abismo” faz críticas severas aos regimes de dominação estruturantes da sociabilidade brasileira, falamos aqui do racismo e do sexismo como elementos presentes na estruturação

²⁹ Carol Dall Farra é poeta e *slammer*. Por um período já foi integrante do Coletivo *Slam* das Minas (RJ)

da Cultura Brasileira, como apontado pelas reflexões de Lelia Gonzalez (1980) e Sueli Carneiro (2011). Ainda, aponta também caminhos para pensar a questão da resistência e o desejo por uma vida mais vivível.

Na ponta do abismo

*Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 Aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa suspeito
 Não Chora nem fala das mortes diárias
 Pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 - Preta é firme
 Teu corpo foi alvo da falta de amor
 Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
 Quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por causa da cor
 Mas preta é forte, sempre ouvi falar
 Mãe, preta!
 Resiste desde que não sabia o que era existir
 Mãe preta!
 Teve teus calos calejados pela falta de arrego dos atrasos da história
 que traçaram teu destino
 Mãe preta!
 Que pariu no reboleiro e trouxe com muito ofício outra preta que não sorriu
 Filha de preta!
 Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de cansada
 entalado na garganta
 E os bicos de diaristas entalados na minha herança
 Vi o mundo cortar com foice minha passagem pela infância
 Os homens que olhavam revestidos de ganância
 E para eles não importa se se trata de uma criança
 Hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
 Dedos te apontaram ontem e hoje o cano te aponta
 Amanhã outro julgamento julgando que cê aguenta
 Tua cabeça um reboleiro
 Teu corpo cumpriu caprichos
 Tua mãe também passou por isso e todas da tua família
 Tua vó bem que dizia:
 - É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
 Vejo uma morte lenta
 Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
 Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
 Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
 E viu que a força é um detalhe pra quem vive resistência*

@dallfarra³⁰

(Carol Dall Farra, 2019)

Ao questionar as imagens de controle (Hooks, 2019b) sobre a identidade das mulheres negras, Carol tem versos cortantes que apontam para problemas sociais urgentes. Em sua poesia-denúncia fala da desumanização de homens negros e das

³⁰ Perfil da rede social *Instagram* da poeta Carol Dall Farra.

mulheres negras; questiona o mito da fragilidade feminina perpetrada pelo clássico discurso do feminismo branco e aponta para a história de luta e resistência daquelas que vieram antes dela. Um grito poético que toma forma, expressa-se como uma dor de alguém que busca meios outros de fazer parar de sangrar.

Os versos de Carol trazem profundos diálogos com a discussão desenvolvida por Lélia Gonzalez (1984) sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira e o mito da democracia racial. A figura da doméstica é analisada pela autora como representação desse resíduo irreduzível do regime de dominação colonial, onde o trabalho doméstico é concebido como um legado deixado pelas suas ancestrais, uma passado-presente da figura da *mucama*. A esquiva ou a delegação do trabalho doméstico normalmente às mulheres de classes populares, em grande medida mulheres pobres, mulheres negras, ou mulheres migrantes pode ser concebido como um ato que aponta para a busca por ocultar as diferenças de classe entre as mulheres. A discussão do trabalho doméstico também pode ser ampliada para uma escolha que aponta a necessidade da branquitude de reproduzir a lógica de subserviência em relação às mulheres negras através de sua recusa ao exercício do trabalho concebido como reprodutivo.

Fala-se também do tratamento diferenciado em relação à atenção e ao cuidado com as mulheres negras gestantes, essas que, como apontam as reflexões de Oliveira (2018), são proporcionalmente mais afetadas com a violência obstétrica sob o mito de serem “mais fortes”. Essa criação de uma figura de resistência muitas vezes encoberta a situação de hiperexploração as quais essas mulheres são submetidas cotidianamente. O que se está em defesa aqui, em diálogo com a poesia de Carol, é sobre a necessidade de conhecermos as especificidades e singularidades da categoria mulher. Aponta-se para os prejuízos que o feminismo preserva quando se nega a pensar de forma simultânea as interligações entre as avenidas identitárias pelas quais somos atravessadas (Akotirene, 2019).

Nesse sentido, como aponta Carneiro (2011), a origem branca e ocidental do feminismo estabeleceu sua hegemonia na equação das diferenças de gênero, elegendo o regime de dominação patriarcal, ou a hegemonia masculina, como unidade na luta das mulheres. Entretanto, como aponta a autora, nossa capacidade de superar as desigualdades instituídas requer um reconhecimento de como o sistema de opressão de gênero se articula como o racismo. O racismo enquanto estrutura, age em função da instituição de uma inferioridade social aos segmentos

negros em geral e das mulheres negras em particular. Trata-se de um resíduo que permanece impregnado em diversos elementos e representações culturais dos países que passaram pelo processo de conquista, saqueio e dominação colonial, como também é discutido por hooks (2019b)

Como reforça Audre Lorde (2019, p. 242): “ignorar as diferenças de raça entre as mulheres e as implicações dessas diferenças representa a mais séria ameaça à mobilização de força das mulheres”. É nesse sentido que Carla Akotirene (2019), ao sintetizar o conceito de interseccionalidade, fruto dos esforços teóricos de autoras alinhadas ao Feminismo Negro, argumenta sobre a proposta de conceber a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Trata-se de uma matriz colonial moderna cujas relações de poder promovem “avenidas identitárias nas quais mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Ibid., p.14).

Em diálogo com a autora, como propõe a feminista negra norte-americana Angela Davis (1997), nossas lentes interpretativas precisam reconhecer o entrelaçamento entre as identidades. Como elas se cruzam e não se excluem. Trata-se de perceber que a condição de exploração dentro do sistema capitalista apresenta uma distribuição desigual dos custos para manter a “roda girando”. Como argumenta a autora:

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (Davis, 1997).

Salienta-se também que, as mulheres negras, ao criticarem o clássico discurso de opressão das mulheres, alertam para os ocultamentos produzidos nas chamadas “categorias puras”, apontando para as contradições que surgem ao articularmos as variáveis como raça, classe e gênero. Esse movimento de resistência e organização é o que em síntese nomeia-se como “feminismo negro norte-americano”. Trata-se de um movimento intelectual e político que aponta para as limitações do feminismo tradicional, dando luz à condição da mulher negra em suas análises sobre a opressão em uma identidade única e fixa de “mulheres” e os anseios dessas mulheres por uma realidade mais justa. Deste modo, são importantes as formulações teóricas e

militantes de afrodescendentes como Patricia Hill Collins, bell hooks, Kimberle Crenshaw e Audre Lorde.

Cabe destacar que, desde a década de 1980, Lélia Gonzalez (1984) tem uma robusta produção teórica sobre o lugar específico em que as mulheres negras se situam a partir do duplo fenômeno do racismo e do sexismo enquanto característica da neurose cultural brasileira. O que se está em defesa é a necessidade de perceber a complexidade das identidades dessa categoria abstrata chamada “mulheres” e do enriquecimento trazido à análise quando consegue-se alcançar um entendimento sobre os entrelaçamentos e situações em particular que a articulação racismo e sexismo é capaz de produzir para a mulher negra em particular.

Uma outra poesia também nos inspira a pensar aspectos presentes na cotidianidade. “O último poema” de Tom Grito (2019) nos convida a refletir sobre a perda de esperança diante do avanço da precariedade da vida.

O último poema

*A cada três minutos, um palhaço comete suicídio
A cada trinta segundos de rotina, 47 poetas são mortos
Cerca de 73% da população operária já foi, um dia, poeta
O genocídio de artistas pelo capital tem dados alarmantes
E confirmando as estatísticas
Aqui jaz o poeta
O poeta morreu
Foi sufocado por contas a pagar
Horários a cumprir
e metas a bater
A rotina matou o poeta
Toda a sensibilidade foi congelada
e colocada em tubos de ensaio
para ser entendida por gerações futuras
O poeta agora pensa dentro da caixa
Pude ver seu corpo quase sem esperança
na porta do CCBB
rodando as estações de metrô
esperando que algum amigo lhe oferecesse um livreto
mas ninguém lhe ofereceu
E ninguém ofereceu lugar para a poesia, já cansada, se assentar
O poeta a carregou por um tempo nas costas
Teve sonhos de por ela viver
Mas não suportou viver com ela
Ali está o corpo do poeta
Estendido no chão
Golfadas rubras de espírito líquido
Escorrem de sua boca
A morte do poeta é também poesia
E é seu último manifesto
mas ninguém viu
ninguém percebeu*

pois o corpo do antigo poeta
 seguiu para o seu trabalho
 um pouco atrasado
 constrangido
 sem ter como explicar
 não há desculpas
 o poeta se burocratizou
 e já não se diz mais poeta
 tem orgulho de ser operário
 cumpridor de horário
 tem emprego fixo
 carteira assinada
 e vai juntar seu 13 salário
 pra comprar livros de autoajuda
 (e esqueceu onde guarda seus escritos)
 talvez visite algum sarau, mas escondido
 E se alguém perguntar
 vai dizer que poesia é chato
 vai dizer que precisou amadurecer
 vai argumentar sobre algo da realidade
 sobre sucesso, dinheiro e estabilidade
 vai fingir que conhece a felicidade
 e citar Sun Tzu pros desafios da vida
 É, não é fácil se assumir suicida.

@tomgritopoeta³¹
 Slam das Minas RJ

A poesia de Tom Grito nos fala sobre aquele que já não consegue mais ter encontros com as utopias. Ao apontar para a morte do poeta pela rotina, sinaliza para o pragmatismo e redução da vida a rotinas de trabalho estranhado, reduzidos à produção de mercadorias e que não promovem um sentido de realização ao sujeito que trabalha. Burocratizado, o ex-poeta agora se vê obrigado a abandonar os momentos de elevação do cotidiano a partir do encontro com a arte. Esse sujeito genérico se vê preso aos discursos do senso comum sobre o destino a ser seguido na sociabilidade capitalista, falamos aqui das representações “sucesso, dinheiro e estabilidade” como imposições de um modelo único de existência a ser seguido. É uma poesia que nos convida a refletir sobre a desvalorização da arte enquanto esse lugar do sonho, do desejo, da possibilidade de liberdade de expressão, mediante a programação do cotidiano na sociabilidade capitalista e sua redução dos valores à acumulação de bens.

Essa poesia carrega consigo os ares de manifesto e a inconformidade com a dura realidade que se apresenta. Ela tem a sensibilidade de explorar as dificuldades

³¹ Perfil da rede social *Instagram* do poeta Tom Grito

de ter a arte como ofício em meio a um cotidiano que tem o consumo induzido e burocratizado como norma. Fala sobre as batalhas que cotidianamente precisam ser vencidas e da desilusão que bate à porta diante das dificuldades de persistir no sonho de ter a arte como ganha pão. Ainda consegue explorar, com a fineza da rima, as dores de uma realidade que, pela necessidade do sustento da prole, interrompe diversos sonhos todos os dias. A escrita de Tom Grito é também um desabafo de alguém que vive da arte e, justamente por isso, vê seu caminho similar aos passos dados em uma corda bamba, onde a incerteza com os passos futuros é a norma que rege a ação.

Outro ponto a ser destacado na poesia é a sensibilidade analítica do poeta de alcançar aquilo que podemos conceber como precariedade da vida ou um cotidiano imerso nas ausências e desalentos. Falamos de uma cotidianidade marcada pela escassez de condições mínimas de sustento para parcela significativa da população brasileira, bem como da dura realidade que é buscar na arte um refúgio para os dias difíceis. Com suas rimas e versos Tom Grito consegue sinalizar para a dura realidade dos artistas de Rua junto à crítica ao cotidiano marcado pelas injustiças e limitações.

4

Considerações Finais

Chegar nesse momento do trabalho carrega consigo a um só tempo um sentido ambíguo, transita entre a sensação de alívio pelo esforço percorrido e a preocupação com o resultado da obra. Afinal, produzir ciência nunca é uma tarefa fácil. E tal como a metáfora de um rio que nunca tem a mesma água, a pesquisa passa por um movimento de renovação constante. O exercício investigativo exige de nós a reflexão intensa, a abertura para as mudanças e a resiliência para enfrentar os percalços do caminho. Soma-se a isso a procura por questões que nos motivem o exercício do pensamento e a criatividade para ir além de mera descrição do real.

A célebre frase de Karl Marx e Friedrich Engels (1975) sobre os limites da interpretação do mundo é um alicerce para aqueles e aquelas que almejam a transformação radical do cotidiano em que estamos situados. Reflexão essa que permite tecer diálogos entre as proposições de Massey e Keynes (2004) e sua abertura para uma política progressista. Os autores buscam argumentar sobre a necessidade de concebermos o futuro e o espaço/espacialidade enquanto esferas abertas às mudanças, onde nada está dado, apontando ao mesmo tempo para a construção social das condições encontradas pelos indivíduos e as possibilidades de abertura para a transformação radical da ordem posta.

Essa busca por uma ordem mais justa ou, nos termos de Butler (2018), a reivindicação da igualdade no acesso à vida digna, é mobilizada por diferentes corpos e suas organizações em movimentos sociais ou populares, representando um poderoso nexo entre lutas tão distintas, como a luta do movimento negro, do movimento de mulheres, a lutas dos povos originários e das pessoas LGBTQIA+. Esses corpos com vivências tão distintas carregam consigo o anseio pela mudança e por condições mais dignas de existência. Tal como discutido pela autora, o que está em pauta é a aliança dos corpos e a necessidade da construção de uma política de coligação.

É nesse sentido que podemos recorrer ao questionamento central desta pesquisa, representado pela busca de compreender o que motiva a união de corpos e os anseios das alianças construídas a partir das ações de um coletivo de artistas independentes. Referimo-nos aqui ao Coletivo *Slam* das Minas e sua atuação na cidade do Rio de Janeiro. Com efeito, nosso primeiro objetivo concebido enquanto

projeto de pesquisa era a tentativa de compreender os sentidos da ação do coletivo mencionado. E ao longo do processo investigativo, essa inquietação pode ser elaborada em forma de uma questão central, sintetizada a partir da pergunta: “Por que o Coletivo *Slam* das Minas se apropria de espaços públicos da metrópole?”. Questão essa que ao mesmo tempo se apresenta um tanto como simples, mas também complexa. Como geógrafa, surge o questionamento a respeito da escolha desse lugar específico, a rua por parte do coletivo. Escolha essa que não pode ser dada como mera banalidade. Pelo contrário, demanda um reconhecimento da importância e dos impasses que esse espaço apresenta, bem como a necessidade de conhecer as intencionalidades do coletivo com essa escolha.

Amplamente discutido pelos geógrafos, a discussão sobre o espaço público é alvo de interesse de diversos campos disciplinares. O entendimento necessário quando se pensa sobre essa espacialidade específica trata-se do seu controle e domínio por partes dos poderes do Estado. Como visto em Butler (2018), o espaço público, também concebido como “a esfera do aparecimento”, nos termos da autora, é amplamente regulado e normatizado. Acrescenta-se ainda que o direito ao acesso e permanência nesse espaço não é efetivamente garantido a todos. Muitos corpos têm as ruas como lugar de abrigo e refúgio, mas esse espaço é paradoxalmente o lugar onde muitas violações e violências são realizadas.

Tendo por inspiração as táticas e as artimanhas que os sujeitos elaboram como formas de resistência à cotidianidade, as ações do coletivo apontam para os sentidos de solidariedade e criatividade na busca por superar as limitações impostas. Falamos aqui de um curioso fato encontrado à medida que pude vivenciar de forma mais próxima as ações produzidas pelo grupo. Sabe-se que apesar da aparência de abertura, o espaço público não deixa de ser amplamente normatizado e burocratizado, mas, ainda que as limitações sejam impostas no agir cotidiano, é possível visualizar pequenos indícios de transgressão e trampolinagem, como discutido por Felipe Azevedo (2019). É nesse sentido que nos chamou atenção a astúcia representada pelas ações do coletivo que, na busca por superar as imposições da burocratização do espaço público para realizar seus eventos, encontrou uma brecha nos interstícios da lei. Referimo-nos aqui ao conhecimento e reivindicação do Projeto de Lei (PL) 3.964/2019³², também conhecido como “Lei

³² O projeto define como apresentação cultural: canto, uso de instrumentos musicais, poesia, teatro, dança e outras manifestações artísticas; além de exposições de artes plásticas e visuais.

do Artista de Rua”, pois é ela que permite que as apresentações culturais ocorram sem serem cerceadas (Agência Senado, 2021).

Algumas outras questões nos chamaram atenção à medida que as participações nos eventos puderam ocorrer. A primeira delas que gostaria de destacar é sobre o caráter da gratuidade em todos os eventos produzidos pelo coletivo. Sabe-se que produzir eventos desse tipo não são uma tarefa fácil. Fazer um evento gratuito demanda uma rede de apoio, gestos de solidariedade e um esforço em comum. Mas toda essa energia mobilizada precisa de um propósito claro, afinal, toda ação demanda de um projeto e uma intencionalidade, como nos lembra Santos (2002). Essa busca por conhecer o propósito do coletivo pode ser sinalizada pelo esforço de alcançar a visibilidade para a luta de corpos que historicamente foram postos em situações de periferização. A escolha pelas ruas ou por reivindicar outros usos e sentidos ao espaço público, no caso dessa ação, está orientado pelo reconhecimento político desses espaços enquanto possibilidade de tornar a ação mais visível. Trata-se de uma disputa política e da reivindicação dessa esfera do aparecimento.

Nota-se que a reivindicação dessa espacialidade tem ligações com o sentido político atribuído a escrita poética, o que nos permite tecer aproximações com as discussões de hooks (2019a) sobre erguer a voz. Os escritos potentes da autora transitam por diversas escalas, indo do corpo ao espaço público, sem esquecer dos desdobramentos no espaço privado. Trata-se de uma escrita que “politiza o eu” a partir do exercício de articular dimensões privadas às teorizações feministas. Seus escritos podem ser interpretados como uma espécie de convocatória para “o movimento de aprender a usar a voz por meio de um dizer comprometido com a liberdade humana” (Almeida, 2019, p. 9). Assim, falamos aqui de um movimento potente que sintetiza a transição de objeto para sujeito, ou a transição do silêncio à fala. E essa escrita que nos encoraja hooks (2019a) diz respeito à busca por encontrar uma voz libertadora, essa que é caracterizada pela oposição e pela resistência.

Aquilo que identificamos enquanto promissor nas ações do coletivo estudado dizem respeito a capacidade das(os) poetisas de utilizarem sua escrita enquanto um meio para a criação de um espaço onde o “pessoal é político” e, ao mesmo tempo, constituir-se enquanto um convite para a reflexão de temas caros ao cotidiano. Esse esforço coletivo constitui-se enquanto um ponto de partida de uma educação para a

consciência crítica, como nos encoraja hooks (2019a). A convocação para uma escuta genuinamente verdadeira também é outro ponto a se destacar nas ações do coletivo que, por meio de poesias em gerais autobiográficas, convidam o público presente a repensar suas condutas, seu compromisso ético-político, bem como o exercício de empatia.

Outra questão importante a ser destacada na ação escolhida diz respeito ao alcance da visibilidade para a luta das mulheres negras e das pessoas trans. São corpos que historicamente foram postos na situação de periferia, alvos de violência, e suas versões de mundo relegadas ao silenciamento imposto. Essa experiência compartilhada por muitos é aquilo que poderíamos nomear enquanto resíduo do sistema de dominação colonial, ou *colonialidade*, como sugere a crítica *decolonial*. A negação da humanidade a partir de uma hierarquização de vidas é a matriz pela qual esse poder se organiza, como discute Kilomba (2019), e, com isso, versões de mundo são negadas, corpos viram alvo de eliminação e histórias são silenciadas.

O que nos inspira nas ações do Coletivo *Slam* das Minas, um coletivo com protagonismo majoritário de mulheres negras, é o movimento de oposição e reinvenção, onde a escrita torna-se um ato político. A partir da reescrita da história, agora na posição de sujeito e não mais descrita por outras/outros, nos termos de hooks (2019a), temos o esforço crítico de mulheres negras e pessoas trans usando a poesia como instrumento revolucionário. Trata-se de reescrever a própria história, onde nomeia-se realidades obscurecidas e encontra-se um refúgio para ser quem se é, almejando mudanças radicais no cotidiano, nos termos de Kilomba (2019, p. 28):

[a]lém disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.

Como discutido pela autora, a atitude radical de nomear os problemas estruturais presentes em sociedades que tiveram como cimento a violência e as violações do colonialismo é um dos pilares centrais para qualquer exercício de mudança. Explorar os “não ditos” da sociabilidade brasileira é um ponto estratégico, principalmente quando se tem um cotidiano pavimentado pelo mito da democracia racial, como bem nos lembra Gonzalez (1980). Nesse sentido, o destaque para as poesias produzidas nos eventos organizados pelo Coletivo *Slam* das Minas tem como marca o potencial crítico e pedagógico. Falamos aqui de um

encontro entre uma arte comprometida e uma ação política engajada, que tem como resultado se constituírem enquanto ações insurgentes que nos alertam para questões urgentes na dinâmica do cotidiano. Em síntese, este movimento retrata “[a] passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político (Kilomba, 2019, p. 28, grifo da autora).

Um outro aspecto que também se mostrou como uma dimensão que carece atenção diz respeito ao projeto intencionado de construção coletiva de uma espacialidade que, mesmo de modo efêmero, seja percebida e vivenciada como um espaço seguro. Falamos aqui de um dos sentidos da ação do coletivo, sinalizada pela busca da construção de um espaço seguro e que seja ao mesmo tempo um ambiente favorável para o desenvolvimento da potência artística de mulheres e pessoas trans. O coletivo, em seu *website*, sinaliza o horizonte da ação, bem como quem são os sujeitos da ação. Falamos aqui de mulheres, em sentido amplo, ou nos termos mais apropriados, com todas as suas formas de representação e identificação em termos de identidade e sexualidade, bem como constituir-se também como um ambiente seguro para pessoas LGBTQIA+, com ênfase nos corpos e nas experiências de pessoas trans.

Essa busca por aquilo que pode ser concebido como um refúgio, sinaliza para relações de poder presentes na sociabilidade do cotidiano brasileiro. Questão essa que nas devidas proporções, pode ser estendida para outras realidades em termos de escala da ação. Nos termos de Ramón Grosfoguel (2010) falamos da *colonialidade* enquanto estrutura de poder que se organiza por meio de um conjunto de relações de dominação e exploração, organizada a partir dos resíduos irreduzíveis do poder colonial. Trata-se de uma lógica que opera a partir da criação de hierarquias sociais, e aqui, interessa-nos a hierarquia sexual que coloca os homens acima das mulheres e uma hierarquia sexual que desqualifica homossexuais frente a heterossexuais.

Como discutido por Joseli Silva (2008), a experiência de identificar-se enquanto trans ou ser homossexual no Brasil é uma realidade dolorosa para muitos, pois vivemos em um país com altos índices de violência contra a comunidade LGBTQIA+. A partir da discussão sobre o *espaço interdito*, a autora em questão aponta para os cerceamentos e para as limitações na dinâmica de apropriação do espaço que sujeitos com uma corporeidade específica experienciam. Falamos de um cotidiano em que o simples existir é ter de lidar com uma gama de violências,

restrições e interdições. Mas ainda, que a realidade apresente esse ar de clausura, é nesse mesmo cotidiano que pode ser visualizado indícios de resistência, um terreno propício para a criação de alianças e de lutas que tem como horizonte o alcance de uma vivência plena, da construção coletiva de espaços seguros para ser quem se é. E foi justamente essa dimensão, aquela que se mostrou com mais evidência nos eventos promovidos pelo coletivo: uma forte presença de mulheres, pessoas trans e LGBTQIA+ em todas as suas possibilidades de expressão de sexualidade, que fazem dessa espacialidade construída um lugar livre das opressões sexistas, transfóbicas e homofóbicas. Esse refúgio efêmero é construído a partir do respeito mútuo, das falas engajadas que buscam apontar para as violências cotidianas e, mais do que isso, sua construção só é permitida a partir do encontro de corpos que ativamente buscam a coletividade como um meio para alcançar alianças políticas.

Nesse momento, faremos um breve *detour* para pensar a questão dos procedimentos metodológicos e dos objetivos propostos por essa pesquisa. Começamos apontando os limites enfrentados em relação ao projeto de pesquisa e o resultado da obra propriamente dito; ao final, retornaremos à estruturação dos capítulos como um desencadear dos objetivos desta análise.

Essa pesquisa poderia ter tomado rumos muito diferentes do que este alcançado. Se tanto a corporeidade, quanto a subjetividade fossem outra, não tenho dúvidas que a escrita e a ordem do pensamento seriam diferentes. É interessante ao final do percurso refletir sobre o projeto de pesquisa e o real alcançado. Pois é justamente nesse momento que nos damos conta das nossas escolhas analíticas, da preferência por certos autores e discussões, bem como das renúncias que fizemos ao longo do percurso. E cabe a nós enquanto pesquisadoras(es) comprometidas(os) com um fazer científico ético, apontar os limites de nossa análise. Nesse sentido, é interessante salientar o quanto essa pesquisa poderia ter sido enriquecida caso houvéssimos alcançado um nível mais elevado de relação interpessoal com as integrantes do coletivo. Enquanto ideia-projeto, esta pesquisa ainda em seu esboço, tinha como expectativa conseguir entrevistar quem compõem ativamente o coletivo enquanto poeta. O objetivo esperado com essas entrevistas era a tentativa de alcançar os propósitos e os horizontes de utopia da ação a partir de quem compõem o grupo, bem como a interpretação que elas/ele possuem dessa ação política intencionada.

O primeiro contato mais próximo ocorreu na oficina ministrada por Tom Grito, realizada na Tijuca no dia 09/04/2022. Após o término das atividades pude me apresentar enquanto pesquisadora daquela ação, saindo do campo do completo anonimato para um contato direto, numa tentativa de superar os limites de minha timidez. Compartilhei minhas angústias em relação ao medo da apropriação indevida, apresentei minhas ideias enquanto alguém que admira muito o Coletivo e busquei expressar meus anseios em realizar uma pesquisa ética e comprometida. A respeito das entrevistas, algumas coisas foram pontuadas naquela breve conversa, uma conversa valiosa para esse lugar que ocupo de pesquisadora ainda em formação.

As colocações de Tom Grito foram marcantes, mas destaco aqui sua fala a respeito do retorno da pesquisa para o Coletivo, alertando-me para a necessidade de uma ética enquanto pesquisador(a) para não proceder com a prática de completo desaparecimento após finalização da pesquisa. Essa atitude, segundo ele, vinha sempre acompanhada da ausência de uma devolutiva sobre a pesquisa produzida.

Um outro ponto que também foi abordado pode ser concebido como o “fetichismo na diferença”. Tom Grito, enquanto alguém que se identifica enquanto pessoa trans *masculine*, compartilhou comigo que ele não vê problema em participar de entrevistas e que era comum gente de diversas universidades procurá-lo para tal. Entretanto, argumentou dizendo que não responde para pessoas cisgênero perguntas do tipo “Como é ser uma pessoa trans?”. Esse fetichismo na diferença, como estamos pontuando aqui, passa por uma insensibilidade daquele que produz esse tipo de pergunta onde coloca o outro na figura de exótico. E sua experiência, muitas vezes dolorosa, é motivo de um interesse espetacular por aqueles cujo corporeidade lhes concedem o usufruto de uma vivência espacial com pouca ou nenhuma limitação. Perguntas do tipo “me fale como é ser você?” para indivíduos que cotidianamente usufruem o desprazer de ser vítima das micro violências, essas que são frutos de uma cotidianidade imersa em preconceitos sociais, é, sem dúvidas, uma prática cruel na relação pesquisador-sujeito da pesquisa. Nesse sentido, esse momento de conversa que tivemos foi marcante para os rumos da pesquisa. Assim, eram constantes as reflexões sobre o que essa pesquisa poderia oferecer enquanto troca para as(o) integrantes do coletivo estudado, ou como deveria ser minha conduta dali em diante em relação à pesquisa.

Preocupação por não conceber uma pesquisa predatória se somou a questões do tipo “O que muda na vida do Coletivo essa pesquisa?”, ou “Até que ponto elas(ele) têm interesse participar de uma entrevista?”. Pensando especificamente na disponibilidade de tempo enquanto um recurso altamente disputado e controlado na racionalidade capitalista, questionava-me sobre o interesse do Coletivo em participar de mais uma pesquisa universitária e, até que ponto esse ato poderia ser proveitoso para elas/ele. Assim, tivemos uma grande dificuldade em formular o que poderia ser concebido como uma entrevista, optando por compartilhar apenas das percepções e informações recolhidas com as idas aos eventos, o trabalho de campo propriamente dito.

Outro ponto que merece atenção diz respeito a minha corporeidade enquanto mulher branca cisgênero. Por vezes, senti que essa corporeidade era uma limitação insuperável para a criação de laços mais íntimos com as integrantes do Coletivo. Dito de outro modo, a branquitude parecia ser um elemento que me impossibilitaria de estar fazendo uma pesquisa cujo protagonismo vem especialmente das narrativas e da oralidade de mulheres negras. Essa questão foi pauta diversas vezes das minhas sessões com minha analista, mas, de fato, a minha corporeidade é uma condição insuperável, restando apenas a necessidade de um olhar atento e crítico sobre o meu posicionamento e a busca por leituras que contribuíssem para a percepção do debate racial e das limitações do “feminismo branco”.

O que conseguimos alcançar até aqui foi um contato mais próximo, ao passo que em uma atividade que participei em dezembro de 2022, pude me apresentar para o restante do grupo e falar sobre a minha pesquisa, compartilhando aquilo que aqui concebemos enquanto “questão central”. Nesse dia, Débora Ambrósia, produtora do coletivo, me acolheu e sinalizou para não ter receios de falar com o grupo. Participei outras vezes de mais dois eventos promovidos pelo coletivo, um próprio do grupo e outro em que eram convidadas. Entre as dificuldades encontradas pelo caminho, os passos dados na direção do estreitamento da distância entre nós já são considerados como uma conquista.

Agora, faz-se necessário pontuar os nossos propósitos em relação à estruturação dos objetivos da pesquisa. Procuramos com a análise apontar para a luta do Coletivo *Slam* das Minas (RJ) enquanto um grupo que se concebe enquanto artistas independentes que vêm a arte da poesia performática como uma brecha para superar a clausura da cotidianidade. A arte e o agir político parecem não se separar

nas ações do grupo. A poesia acaba se transformando numa denúncia, mas não apenas esse lugar - ela é também ao mesmo tempo a possibilidade de sonhar, de falar sobre amor e se colocar no mundo. Para as mulheres negras, deixar de ser descrita por outros e tornar-se a própria escritora de sua história. O nosso primeiro objetivo delineou-se tendo como propósito dar luz à escala geográfica das ações promovidas pelo coletivo, com isso tentamos entender a extensão de suas práticas espaciais, os sujeitos envolvidos e as reivindicações daquela ação engajada.

Interessávamos conhecer o percurso e a história da formação do coletivo e entender afinal o que eram as batalhas de *Slam*. Para isso, realizou-se um movimento do pensamento na busca de conhecer o que é concebido enquanto a prática e a cultura do fenômeno “*Slam*”, e como se apresenta a singularidade e a especificidade de um *Slam* com enfoque nas questões de gênero. Pensando o Coletivo *Slam* das Minas (RJ), era do nosso interesse pensar as motivações daquela ação, bem como quais eram os horizontes de luta do movimento. A revisão bibliográfica junto aos relatos das vivências em campo teve como resultado o nosso segundo capítulo, uma discussão que buscou a todo momento tecer laços entre a experiência empírica e as discussões teóricas acerca do tema.

A busca por conceber uma geografia dos sujeitos, atenta à escala do corpo e da produção social do espaço, foi o caminho percorrido no nosso capítulo introdutório. Na escrita dessa parte procuramos sinalizar nossas escolhas teóricas e preferências intelectuais. Trata-se de um acúmulo das discussões que fui tendo contato ao longo do percurso formativo, na graduação por fazer parte de um grupo de pesquisa, o *PET GEO*, que estava preocupado em conceber uma geografia crítica às questões do cotidiano, onde a geografia do Mestre Milton Santos era nosso principal alicerce. O contato com a crítica *decolonial* ou pensamento descolonial também fora iniciado ali. As Geografias feministas e o olhar para as questões de Gênero foram o tema de monografia. A chegada ao mestrado possibilitou o aprofundamento dessa discussão com as leituras realizadas na disciplina “*Espaço, Trabalho e Gênero*” ministrada pela orientadora dessa pesquisa, a Professora Regina Célia de Mattos. Os encontros semanais e as leituras provocativas foram fundamentais para a estruturação dessa pesquisa. Chegar até aqui certamente só foi possível por esses encontros tão ricos.

O terceiro capítulo tinha como propósito elaborar uma leitura crítica do cotidiano, tendo como pressuposto a cotidianidade como *lócus* onde a precariedade

da vida é sentida, mas paradoxalmente também sendo o espaço onde as resistências e as insurgências são ensaiadas. A intencionalidade dessa discussão era exatamente alcançar as possibilidades de superação dessa cotidianidade. Para isso, buscou-se estabelecer diálogos entre a discussão teórica do conceito de cotidiano com as poesias produzidas por integrantes do Coletivo *Slam* das Minas ou que já foram apresentadas em eventos promovidos pelo coletivo, como no caso da poesia potente da poeta Carol Dall Farra, que por um breve período também já compôs o grupo. A ideia era perceber a capacidade de agência e resistência política a partir das poesias produzidas, essas que a um só tempo sinalizavam para questões que carecem de atenção na dimensão da vida cotidiana.

Com efeito, nosso olhar para as ações do Coletivo *Slam* das Minas, procurou apontar para o sentido de agência dos sujeitos diante do avanço da precariedade da vida no cotidiano da metrópole labiríntica (Azevedo, 2019). Trata-se de uma ação que pretende ser, a partir da lógica da apropriação, um espaço de resistência cultural com protagonismo de mulheres negras e pessoas LGBTQIA+, onde a poesia é concebida como nexos entre os sujeitos que produzem e participam dessa espacialidade, buscando a construção de lugares onde prevaleçam o encontro e o usufruto da cidade enquanto obra, orientada para a valorização do uso dos espaços.

Nesse sentido, o esforço desempenhado aqui teve como fonte de inspiração ações que sinalizam para a possibilidade de ruptura com o ritmo único da sociabilidade capitalista, buscando com isso promover visibilidade a táticas insurgentes que tensionam à redução do lazer ao consumo de mercadorias ou acesso a espaços privados como o *shopping center*, por exemplo. Além de sinalizar para críticas caras às relações sociais generificadas a partir da arte como mediação profícua. Essa pesquisa tem como principal interesse o desejo de valorizar ações insurgentes que apontam que apesar da programação do cotidiano mediante relações de poder estabelecidas, o sonho, o desejo, e a esperança por mudanças radicais continuam a existir e disputar espaço na cotidianidade capitalista.

5

Referências bibliográficas

AGÊNCIA SENADO. Aprovado projeto que regulamenta apresentação artística em transporte público; texto vai à Câmara. **Agência Senado**, Brasília-DF, 10 jun. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/10/aprovado-projeto-que-regulamenta-apresentacao-artistica-em-transporte-publico-texto-vai-a-camara>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

AZEVEDO, F. T. R. de. Em busca de sujeitos ordinários: trampolinagem e lentidão na metrópole labiríntica. **História, Natureza e Espaço, Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-25, 2019.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRITO, L. Ocupações culturais: constituindo outra cidade. In: BELLO, Enzo; PIRES, C. B.; AVZARADEL, P. C. S. (Orgs.). **Direito à cidade**: espaços de esperança nas cidades de exceção. 3. ed. Rio de Janeiro: CEEJ, 2019.

BLÉIA; TAI. Slam das Minas: a revolução feminina através da poesia. **I Hate Flash**, Rio de Janeiro, mai. 2017. Disponível em: <<https://ihateflash.net/zine/primeiro-slam-das-minas-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 04 ago. 2021.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Lenguaje, poder y identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

BUTLER, J. **Mecanismos psíquicos del poder**: teorías sobre la sujeción. 2. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**, [S.l.], 06 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulhernegra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confinos**, São Paulo, n. 17, 2013, <https://doi.org/10.4000/confinos.12414>.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 92-123.

CRUZ, V. C.; DE OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

DA SILVA, J. B. B. Coletivos de mulheres artistas como espaços de aparição na sociedade capitalista. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 608-621, 2022.

DA SILVA, S. M. V. Geografia e gênero/geografia feminista-o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 7-144, 1998.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Conferência realizada na 1ª Jornada Cultural Léila Gonzales. **Geledés**, [São Luiz], [13 dez. 1997]. Disponível em: https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/#gs._kSJASA. Acesso em: 01 fev. 2022.

D'ALVA, R. E. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry *slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, Sylvains les Moulins, n. 9, p. 119-126, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DE SÁ, T. C. Revolução através da palavra: reflexões acerca do uso da literatura e da oralidade como expressão social e atuação política no Slam das Minas-RJ. **GIS-Gesto, Imagem e Som, Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2021.

DUARTE, M. (Org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova**, São Paulo, v. 70, p. 101-138, 2007.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FURLIN, N. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395/403, jul./dez. 2013.

GRANDI, M. O debate contemporâneo sobre as escalas geográficas na geografia brasileira: reflexões preliminares. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANPEGE, 2019, p. 1-24.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, cap. 11.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.

HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana. In: HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, cap. 2.

HIERNAUX, D. Repensar a cidade: a dimensão ontológica do urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo**, [online], v. 10, n. 1, p. 197-205, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019b.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 93-104, 2006.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEBVRE, H. A cidade e o urbano. In: LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 1974.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, E. L. de. O sujeito da atividade prática. In: LIMA, E. L. de. **Encruzilhadas geográficas: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

LORDE, A. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, H. B de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MAIA, T. C. **Epistemologia feminista na geografia para repensar o direito à cidade**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MARTINS, J. S. As temporalidades da História na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J. S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. Boitempo Editorial, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. Lisboa: Avante!, 1975.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, cap. 8.

MASSEY, D.; KEYNES, M. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MCDOWELL, L. **Género, identidade y lugar: um estudio de las geografías feministas**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000, p. 11-28.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MONK, J.; HANSON, S. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferença**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2016.

MOREAUX, M. P. **Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NASCIMENTO, R. M. **Vocigrafias**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

NETTO, J. P.; CARVALHO, M do C. D. de. **Cotidiano, conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, A. L. Geografias corporificadas: outras narrativas da vida na metrópole. In: OLIVEIRA, A. L.; SILVA, C. A. (org). **Metrópole e crise societária: resistir para existir**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, p. 43-67.

OLIVEIRA, A. L. Mulheres e ação política: lutas feministas pelo direito à cidade. **PerCursos**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 111-140, 2018.

OLIVEIRA, R. C. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ORTIGOZA, S. A. G. As possibilidades de aplicação do método regressivo - progressivo de Henri Lefebvre na Geografia Urbana. In: GODOY, P. R. T. de (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PAES, L. C. **A política dos direitos humanos: entre paradoxos e perspectivas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito) – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para o estudo de conflitos e movimentos sociais na América Latina. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas-MS, v. 1, n. 3, p. 5-26, mai. 2006.

QUIJANO, A. Colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, E. C. M.; MILANI, P. H. O corpo fora de lugar: de uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 52, p.1-18, 2022.

REDENAMI. [Slam das Minas]. **RedeNami**, Rio de Janeiro, [2017]. Disponível em: < <https://www.redenami.com/single-post/2017/10/07/fundonami-2017-slam-das-minas-rj>>. Acesso: 15 jul. 2021.

RIBEIRO, A. C. T. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

RIBEIRO, A. C. T. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 82-86, jan./abr. 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 7-14, ago. 1996.

SANTOS, T. É das minas: Gabz vence Slam Grito Filmes. **Agência de Notícias das Favelas**, [S.l.], 11 out. 2017. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/e-das-minas-gabz-vence-slam-grito-filmes/>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

SEABRA, O. C. L. A insurreição do uso. In: MARTINS, J. S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996, p. 71-86.

SERPA, A. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 7-24, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008.

SILVA, J. M. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**, Ponta Grossa, PR: TodaPalavra, 2009, cap. 2.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. O corpo como escala espacial. **Revista Dessassosegos**, Telêmaco Borba, v. 4, n. 1, p. 11-16, 2020.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 63-77, jul./dez. 2019.

SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP Espaço e Tempo**, [online], v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SLAM DAS MINAS (RJ). [Página Inicial]. **Coletivo Slam das Minas (RJ)**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.slamdasmnasrj.com.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2022

SLAM das Minas RJ – Final 2017 – Carol Dall Farras. [S.l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Slam das Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 132-159.

SOMERS-WILLET, S. B. A. **The cultural politics of slam poetry**: race, identity and the performance of popular verse in America. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2009.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

TRIBOQ. [Página Inicial]. **Triboq**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.triboq.com.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

VELOSO, A. C., ESTEVÃO, A., LACOMBE, F., NARANJO, S., & MAIA, T. Slam das Minas RJ: a articulação das mulheres pela poesia e pelo território. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019.

VENCEDORA Slam Grito Filmes 2017 “Gabz”. [S.l.: s.n], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Grito Filmes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kZhPvruoeFw&t=4s>>. Acesso em: 27 jul. 2022.